

MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

Universidade do Porto: contributos para  
um roteiro digital. Estágio Curricular no  
CIC.Digital Porto  
Francisca de Brito Ribeiro de  
Vasconcelos

**M**

2017



**Francisca de Brito Ribeiro de Vasconcelos**

**Universidade do Porto: contributos para um roteiro digital.  
Estágio Curricular no CIC.Digital Porto  
(Volume 1)**

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa,  
orientado pela Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho  
e coorientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2017



Universidade do Porto: contributos para um roteiro digital.

Estágio Curricular no CIC.Digital Porto

(Volume 1)

Francisca de Brito Ribeiro de Vasconcelos

Relatório de Estágio realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa  
orientado pela Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho  
e coorientado pela Professora Doutora Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto

### Membros do Júri

Professora Doutora Maria Leonor Barbosa Soares  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Hugo Daniel Silva Barreira  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Leonor César Machado de Sousa Botelho  
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 19 valores

## Sumário

Agradecimentos .....	7
Resumo .....	9
Abstract.....	11
Índice de ilustrações .....	12
Índice de tabelas (ou de quadros) .....	15
Lista de abreviaturas e siglas .....	16
Introdução .....	17
<b>Capítulo I- O ensino superior na cidade do Porto: as origens</b> .....	22
1. A emergência no século XVIII .....	22
1.1. A Aula Náutica e a Aula de Debuxo e Desenho.....	23
1.2. A Academia Real da Marinha e Comércio do Porto .....	26
2. A Academia Politécnica do Porto: criação e mudanças significativas .....	39
3. A Universidade do Porto .....	45
<b>Capítulo II- Património universitário: preservação e divulgação</b> .....	49
1. Breves notas acerca da evolução do conceito de Património .....	49
2. A questão da proteção patrimonial .....	56
2.1. Universidades Património Mundial (UNESCO).....	59
2.1.1. University of Virginia, Charlottesville (Estados Unidos da América) .....	61
2.1.2. Universidad de Alacá de Henares (Espanha).....	62
2.1.3. Universidad Central de Venezuela.....	63
2.1.4. Universidad Nacional Autónoma de México.....	64
2.1.5. Universidade de Coimbra – Alta e Sofia (Portugal) .....	65
2.2. A reorganização do património edificado na Universidade do Porto .....	74
3. O Turismo como alavanca do património museológico da Universidade do Porto ...	94
<b>Capítulo III- Estágio Curricular: conteúdos e tecnologia para a disseminação do Património</b> .....	98
1. O CIC.Digital Porto .....	101

2. O projeto do Museu Digital da Universidade do Porto .....	102
3. O U.OpenLab: conceito e respetiva metodologia.....	110
4. <i>Antecedentes da Universidade do Porto - Toponímia</i> : levantamento e sistematização de conteúdos .....	114
4.1. Os docentes da Academia Politécnica do Porto entre 1836 e 1885.....	115
4.2. Conteúdos de mapeamento .....	117
4.3. Construção de fichas técnicas .....	122
5. Disponibilização e acesso em meio digital: uma abordagem colaborativa .....	124
5.1. A plataforma <i>Google Maps: os meus mapas</i> .....	124
5.2. A aplicação digital #IWASHERE.....	126
5.3. O roteiro #GPSEngenharia .....	134
Considerações finais .....	149
Bibliografia citada .....	152

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao CIC.Digital Porto por ter sido a instituição de acolhimento ideal para a realização deste Estágio Curricular. Ao projeto do Museu Digital da Universidade do Porto, promovido pela Vice-Reitoria da Cultura e Relações Internacionais na pessoa da Professora Doutora Fátima Marinho, agradeço a integração nesta que é uma iniciativa inédita a nível digital no nosso país.

Tenho a agradecer à Dra. Susana Medina e à Dra. Susana Barros todo o apoio prestado ao longo de todo o período de estágio. Sem a vossa sabedoria acerca da Universidade do Porto e respetivos antecedentes, não teria sido possível realizar uma investigação tão técnica e precisa.

À equipa #IWASHERE, deixo um grande sinal de apreço pelo apoio e pela entreaajuda conseguida. Agradeço ao Dr. Rodolfo Matos pelo acompanhamento e disponibilidade ao longo deste processo, assim como aos meus colegas da FEUP e FBAUP por juntos termos conseguido provar que pessoas provenientes de áreas científicas diferentes conseguem criar um produto tão único e multifacetado.

Não posso deixar de fazer um agradecimento à Ordem dos Engenheiros Região Norte pela aposta e confiança demonstrada neste projeto, permitindo-nos estabelecer uma colaboração que, certamente, não passará despercebida à cidade do Porto. Deixo uma especial palavra de gratidão à Engenheira Ana Filipa pela amabilidade e por toda a ajuda dispensada.

À minha orientadora Professora Doutora Maria Leonor Botelho agradeço o facto de ter aceite orientar este Relatório de Estágio e por ter demonstrado, desde o início, segurança nas minhas capacidades, ao ter-me integrado num projeto tão ambicioso como o do Museu Digital da Universidade do Porto. Sem o seu voto de confiança, os seus conhecimentos e a sua motivação, esta incrível jornada não teria sido possível. À minha coorientadora Professora Doutora Maria Manuela Pinto, por me ter proporcionado a oportunidade de trabalhar tão de perto nesta que se trata de uma grande aposta digital a

nível nacional. Obrigada por me ter fornecido todos os meios necessários para o progresso desta investigação, assim como o apoio e os ensinamentos que me transmitiu.

Quero agradecer aos meus pais pelo apoio incondicional e pelos grandes sacrifícios que fizeram ao longo dos meus 23 anos para que me fosse permitido chegar onde nunca lhes foi possível. À minha família, por me demonstrar que nunca é tarde para se alcançar os nossos objetivos. Por último, mas não menos importante, ao Bart, por desde 2010 se mostrar um amigo de quatro patas exemplar.

A todos os meus amigos e colegas tenho de agradecer a companhia e incentivo ao longo destes cinco anos de percurso académico. Tenho a agradecer, em especial, à Eva, Teresa, Ana, Sofia, André e Francisco por todo o carinho e conselhos prestados nesta fase tão importante da minha vida. Obrigada por me relembrares que nada está fora do nosso alcance desde que se tenha força e determinação.

Para terminar, os meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a execução e desenvolvimento deste Relatório de Estágio.



## Resumo

A disseminação da tecnologia nas últimas décadas levou a que o meio digital se tornasse na forma mais eficaz de transmitir informação. Assim, estando propenso à difusão de conhecimento em grande escala, tornou-se crucial compreender de que forma este fenómeno se pode tornar uma mais-valia, no que ao Património diz respeito. Para que tal fosse possível, impunha-se a realização de um estudo que, ao contribuir para a produção de conteúdos digitais permitisse, também, compreender e desenvolver oportunidades para a comunicação e difusão do património universitário. No caso específico da U.Porto, este encontra-se intrinsecamente ligado à cidade e ao seu desenvolvimento, carecendo de uma adequada divulgação à sociedade. Neste sentido, sendo fundamental o entendimento da problemática ditada por esta temática, formulámos questões com vista à obtenção de soluções que fossem devidamente fundamentadas. De que forma pode o meio digital potenciar o património da U.Porto? Tendo em conta estas ideias-chave, foi nosso intuito contribuir para uma sustentável produção de conteúdos digitais e o uso de inovadoras ferramentas de disseminação patrimonial num contexto que passa, necessariamente, pela interdisciplinaridade e trabalho colaborativo. O estágio realizado na unidade de investigação CIC.Digital Porto enquadra-se, assim, no plano de trabalho da primeira fase do projeto do Museu Digital da Universidade do Porto, mais especificamente, no desenvolvimento e implementação do conceito e metodologia OpenLab, aplicado ao contexto universitário, uma abordagem direcionada à (co)criação e (re)uso de conteúdos digitais. Como principal resultado apresenta-se o levantamento toponímico em torno das origens da Universidade do Porto, com as inerentes fichas técnicas, bem como a estruturação da informação e respetiva inserção em ferramentas a partir das quais estes conteúdos ficarão acessíveis aos diversos utilizadores, internos e externos à Universidade do Porto, na plataforma *Google Maps*, na aplicação digital #IWASHERE e no roteiro #GPSEngenharia.

**Palavras-chave:** Património; Museu; Tecnologia; Roteiro; Universidade do Porto

## Abstract

The dissemination of technology in recent decades has turn the digital media into the most effective way of transmitting information. Thus, being prone to spread the knowledge on a larger scale, it has become crucial to understand how this phenomenon can become an asset as far as Heritage is concerned. To make this possible, it was necessary to carry out a study that, by contributing to the production of digital content, would also allow us to understand and develop opportunities for the communication and spread of university heritage. In the specific case of U.Porto, this is intrinsically connected to the city and its development, lacking adequate disclosure to society. In this regard, knowing that the understanding of this problematic is essencial, we placed important questions to which we needed to give duly substantiated solutions. How can digital media empower the heritage of U.Porto? Taking these key ideas into account, it was our intention to contribute to the sustainable production of digital content and to use innovative Heritage dissemination tools in a context that necessarily involves interdisciplinarity and collaborative work. The internship at the UID CIC.Digital Porto is part of the first work plan of the U.Porto Digital Museum project, specifically in the development and implementation of the OpenLab concept as well as the methodology applied to the University context, being an approach to the co-creation and reuse of digital content. The main result is the toponymic survey about the origins of the U.Porto, with the inherent technical files, as well as the information structure and its insertion in tools from which these contents will be accessible to the various users, internal and external to the University of Porto, on the *Google Maps* platform, in the digital application #IWASHERE and in the #GPSEngenharia root.

**Keywords:** Heritage; Museum; Technology; Root; U.Porto

## Índice de ilustrações

Figura 1- Reprodução da determinação régia que cria a Aula de Náutica do Porto.	
Diploma de 1762 .....	24
Figura 2- Gráfico da percentagem de estudantes que frequentavam os cursos da AMRCCP em 1803.....	33
Figura 3- Planta datada de 1837 com a localização do Colégio dos Meninos Órfãos ..	38
Figura 4- Gráfico com o número de obras e volumes da Biblioteca pública do Porto em 1860 .....	44
Figura 5- Universidades Património Mundial (UNESCO) .....	60
Figura 6- Fachada da University of Virginia na cidade de Charlottesville, Estados Unidos da América .....	62
Figura 7- Fachada da Universidad de Alcalá de Henares, Espanha .....	63
Figura 8- Universidad Central de Venezuela .....	64
Figura 9- Universidad Nacional Autónoma de México.....	65
Figura 10- Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, Portugal.....	66
Figura 11- Cruzamento dos critérios de seleção das Universidades eleitas Património Mundial pela UNESCO .....	72
Figura 12- Vista geral dos três Polos da Universidade do Porto .....	75
Figura 13- Reitoria da Universidade do Porto, antigo Colégio dos Meninos Órfãos.....	77
Figura 14- Atual edifício da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.....	77
Figura 15- Fachada Principal da Escola Médico-Cirúrgica.....	78
Figura 16- Atual edifício da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto .....	78
Figura 17- Antigas instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na Quinta Amarela.....	80
Figura 18- Atuais instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no Campo Alegre.....	80
Figura 19- Antigas instalações da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto na Rua da Carvalhosa.....	81
Figura 20- Atual edifício da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto.....	81

Figura 21- Antigo edifício da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto na Rua dos Bragas .....	83
Figura 22- Atual edifício da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto na Asprela.....	83
Figura 23- Planta geral e localização de quadros da Faculdade de Economia da Universidade do Porto em 1974 .....	85
Figura 24- Edifício da Faculdade de Economia da Universidade do Porto.....	85
Figura 25- Fachada principal da antiga Faculdade de Medicina .....	86
Figura 26- Atuais instalações do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar no novo complexo ligado às Ciências da Vida e da Saúde .....	86
Figura 27- Casa do Gólgota. Segundas instalações da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto .....	87
Figura 28- Atual edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto .....	87
Ilustração 29- Levantamento topográfico da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto .....	89
Figura 30- Atual edifício da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto .....	89
Figura 31- Planta do Pavilhão Sul A da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto no edifício ex-CICAP .....	90
Figura 32- Atuais instalações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto .....	90
Figura 33- Planta topográfica da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto.....	91
Figura 34- Atual edifício da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto .....	91
Figura 35- Artigo de Jornal acerca das condições do Palacete Braguinha, edifício Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.....	92
Figura 36- Edifício da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto .....	92
Figura 37- Desenho da fachada da antiga Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (atual FDUP).....	93
Figura 38- Atual edifício da Faculdade de Direito da Universidade do Porto .....	93

Figura 39- Pavilhões situados no terreno do Hospital de São João, antigas instalações do Curso Superior de Nutricionismo .....	94
Figura 40- Atuais instalações provisórias da Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação da Universidade do Porto no complexo da FEUP .....	94
Figura 41- Mapa com o roteiro da então Toponímia da Academia Politécnica do Porto .....	119
Figura 42- Vista geral do mapa Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia	122
Figura 43- Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia na aplicação #IWASHERE .....	129
Figura 44- O Edifício da Reitoria do Porto: O Enquadramento Urbano - "Um Roteiro Através dos Tempos" .....	131
Figura 45- Universidade fora de portas: Jardins, História, Património .....	131
Figura 46- Museus da Universidade do Porto .....	132
Figura 47- Marques da Silva e o ensino Beaux-Artiano no Porto .....	132
Figura 48- Foz do Douro: Ciência e Património .....	133
Figura 49- Dia Regional do Engenheiro 2017 ( <i>Os Meus Mapas</i> ) .....	143
Figura 50- Dia Regional do Engenheiro 2017 (#IWASHERE) .....	144
Figura 51- Toponímia de Engenheiros ( <i>Os Meus Mapas</i> ) .....	146
Figura 52-Toponímia de Engenheiros (#IWASHERE) .....	146
Figura 53- #GPSEngenharia .....	147

## **Índice de tabelas (ou de quadros)**

Tabela 1- Plano curricular do Curso de Matemática da ARMCCP.....	30
Tabela 2- Plano curricular da Aula de Desenho da ARMCCP.....	31
Tabela 3- Plano curricular do Curso de Pilotagem da ARMCCP .....	31
Tabela 4- Plano curricular do Curso de Comércio da ARMCCP.....	31
Tabela 5- Plano curricular do Curso Filosófico da ARMCCP .....	31
Tabela 6- Plano curricular das Línguas Inglesa e Francesa do Curso Filosófico da ARMCCP.....	32
Tabela 7- As onze cadeiras dos cursos da Academia Politécnica do Porto.....	41
Tabela 8- Lista de países que participaram na redação da Carta de Veneza .....	52
Tabela 9- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram seleccionadas através do critério (i).....	69
Tabela 10- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram seleccionadas através do critério (ii).....	70
Tabela 11- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram seleccionadas através do critério (iv).....	71
Tabela 12- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram seleccionadas através do critério (vi).....	72
Tabela 13- Princípios da Carta Internacional do Turismo Cultural. ICOMOS .....	97
Tabela 14- Levantamento das ruas que homenageiam antigos estudantes da APP, Escola Médico-Cirúrgica do Porto e escolas que antecedem a FBAUP .....	121

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ARMCCP- Academia Real da Marinha e Comércio da Cidade do Porto  
APP- Academia Politécnica do Porto  
CGAVAD- Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro  
CIC.Digital- Center for Research in Communication, Information and Digital Cultural  
DGEMN- Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais  
DGES- Direção-Geral do Ensino Superior  
FCT- Federação para a Ciência e Tecnologia  
FBAUP- Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto  
FDUP- Faculdade de Direito da Universidade do Porto  
FEUP- Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto  
FMUP- Faculdade de Medicina da Universidade do Porto  
FLUP- Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
ICBAS- Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar  
ICOMOS- Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios  
LGP- Linking Great Partners  
MDUP- Museu Digital da Universidade do Porto  
OCDE- Organisation for Economic Co-operation and Development  
OERN- Ordem dos Engenheiros Região Norte  
ONU- Organização das Nações Unidas  
POI- Point of Interest  
UNAM- Universidad Nacional Autónoma de México  
UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
U.Porto- Universidade do Porto



## **Introdução**

O presente Relatório de Estágio foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em História da Arte Portuguesa, ciclo de estudos pertencente à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo sido orientado pela Professora Doutora Maria Leonor Botelho e coorientado pela Professora Doutora Maria Manuela Pinto. A principal motivação em tratar uma temática relacionada com o percurso histórico que culminou na fundação da Universidade do Porto, reside no facto de reconhecermos que existia a necessidade de aprofundar e sistematizar esta faceta histórica tão intrínseca à cidade do Porto. Uma vez que o tema do património universitário não possui uma grande diversidade de estudos a seu respeito, constatamos que seria crucial divulgar os resultados da nossa investigação pela via digital. Tendo em conta que, atualmente, a forma mais eficaz de promover Património é através dos meios tecnológicos, torna-se essencial a disponibilização de conteúdos digitais que estejam acessíveis à população.

Ainda numa fase inicial deste projeto, foi-nos claramente perceptível que de modo a obtermos um estudo coeso e minucioso, era imperativa a entreaajuda interdisciplinar, provando que a troca de conhecimento entre diferentes áreas científicas pode ter como resultado um produto único e distinto. Para convertermos a nossa investigação numa ferramenta de disseminação de Património, neste caso, universitário, foi necessário compreendermos as raízes da U.Porto em pleno, isto é, revisitando o percurso e surgimento de cada instituição académica até à data da sua criação. Tornou-se, assim, fundamental, uma abordagem ao conceito de Património, explorando as suas origens, as alterações que sofreu com o tempo e o que levou à complexidade em defini-lo nos dias de hoje. A importância da classificação patrimonial levou-nos a compreender em que parâmetros o património universitário poderia ser classificado, tendo, para isso, explorado os critérios sob os quais uma universidade candidata pode ser inscrita na Lista de Património Mundial pela UNESCO. Por fim, focamo-nos na divulgação deste tipo patrimonial através de meios tecnológicos, utilizando duas plataformas e uma aplicação digital.

Foi através da realização do Estágio Curricular no CIC.Digital (Center for

Research in Communication, Information and Digital Culture), polo do Porto, uma unidade de I&D pertencente à FLUP cujo objetivo principal é o desenvolvimento e promoção de investigação em Ciências da Comunicação, em Ciência da Informação e em Cultura Digital, que nos foi permitida a oportunidade de criar um instrumento digital de divulgação patrimonial. Nesta ordem de ideias, a nossa pretensão consistiu em desenhar um mapa/roteiro toponímico que retratasse personalidades que frequentaram estabelecimentos de ensino anteriores à U.Porto, tendo sido homenageadas através da atribuição dos seus nomes a determinadas ruas portuenses. Foi conseguida, neste sentido, uma valiosa dinâmica entre o ensino académico e a cidade que divulga os resultados da nossa investigação por meio digital. De modo a provar a sua utilidade, o mapa *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia* foi disponibilizado numa aplicação digital, #IWASHERE, que permitiu a criação de um roteiro adaptável para outras temáticas e consequente criação de novos roteiros, como também a possibilidade de uma constante atualização e progresso dos seus conteúdos científicos. Assim, este roteiro permite que os cidadãos e visitantes repensem a cidade do Porto para lá do quotidiano, atentando nos detalhes académicos presentes nas suas placas toponímicas.

No que se refere às referências bibliográficas, tratou-se particularmente de um entrave à nossa investigação uma vez que as monografias e estudos científicos que abordam a história das instituições que antecederam a Universidade e o seu respetivo património edificado ou são insuficientes ou inexistentes. Em primeiro lugar foi crucial analisarmos as obras *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição* (1996) de Cândido dos Santos, *A Universidade do Porto: Estudo orgânico-funcional (modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo)* (2001) de Maria Eugénia Matos Fernandes e Fernanda Ribeiro e *Os Reitores da Universidade do Porto: 1911-2011* (2011) de Francisco Ribeiro da Silva, que, apesar das mudanças ocorridas na U.Porto nas últimas duas décadas, se tratam dos estudos mais completos a seu respeito. Tornou-se ainda pertinente analisar catálogos, álbuns decorrentes de exposições e material de arquivo presentes ao Repositório Temático da U.Porto, assim como conteúdos relacionados com o percurso histórico da Universidade que se encontram presentes no SIGARRA. Relativamente ao conceito de Património, foi importante

revermos as obras *Património e Mundialização* (2006) de Françoise Choay e *Património: o seu entendimento e a sua gestão* (1998) de C.A. Ferreira de Almeida. Ainda no campo patrimonial, de modo a uma melhor compreensão acerca do património universitário e o porquê de este não se tratar de um tema com estudos de referência a seu respeito, foi crucial a leitura da *Declaración de Alcalá sobre la Protección, Conservación y Difusión del Patrimonio Universitario*, elaborado por 4 das 5 Universidades Património Mundial, assim como a análise dos critérios a elas aplicados aquando a sua seleção, disponibilizados *online* pela UNESCO. Na relação do património com a comunidade, foi importante verificar os artigos da *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade* (2005) que atestam e valorizam essa mesma ligação, não esquecendo os princípios da *Carta Internacional do Turismo Cultural* do ICOMOS. Relativamente à reorganização do património edificado da U.Porto, tornou-se fundamental analisar a obra *A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao Longo da História* (2007) de Maria Eugénia Matos Fernandes.

A investigação sintetizada no presente Relatório de Estágio foi dividida, assim, em dois campos fundamentais: o primeiro, relativo ao estudo da valorização e divulgação do património universitário e o segundo, face à construção de uma ferramenta digital de disseminação patrimonial que pudesse colocar em prática o nosso objetivo teórico. Tendo em conta que os apêndices do nosso estudo se revelaram bastante extensos, optamos por dividir o Relatório em dois volumes: o primeiro relativo ao corpo de texto em si, e o segundo referente aos apêndices, visto que estes contêm ilustrações e tabelas cujos conteúdos são relevantes para a compreensão dos temas explorados neste estudo. Desta forma, é conseguida uma melhor compreensão dos conteúdos, ao ser-lhes conferida uma maior fluidez de leitura. Foi ainda nossa opção submeter os URL das referências bibliografias evidenciadas em rodapé na plataforma *Google URL Shortener*, que, ao encurtá-los, proporciona uma leitura mais apelativa a nível visual.

A nível estrutural, optamos por abordar no primeiro capítulo *O ensino superior na cidade do Porto: as origens*, uma vez que este se trata do cerne e motivação para a realização desta investigação. No mesmo, retratamos a importância da consolidação do ensino portuense nos estabelecimentos antecessores da U.Porto, salientando o seu

contexto histórico, os constrangimentos encontrados e a forma como as mudanças políticas nas diferentes épocas vividas levaram a drásticas alterações no ensino académico. Este capítulo foca-se ainda nos caminhos percorridos pela universidade centenária logo após a sua criação, em 1911, revelando a evolução das novas ou reformuladas unidades orgânicas até à atualidade.

O segundo capítulo, intitulado *Património Universitário: preservação e divulgação*, remete para a relevância da compreensão do conceito de património, assim como a urgência da sua divulgação. Analisamos primeiramente as mudanças que o conceito sofreu com o avançar do tempo, referindo os agentes que contribuíram diretamente para esse facto. Tornou-se crucial abordar a questão da ascensão da classificação patrimonial, salientando as categorias em que esta se divide. De seguida estudamos a questão do património universitário, tentando entender o porquê de este, tratando-se de um âmbito patrimonial com tamanho potencial de investigação, ainda se encontra numa fase de exploração tão rudimentar. Neste sentido, avançamos com o estudo e análise da lista de critérios disponibilizada pela UNESCO, que permite a atribuição do estatuto de Património Mundial a uma universidade, revelando o pequeno núcleo de Universidades inscritas nessa Lista. Assim, exploramos o contexto histórico-patrimonial de cada uma das cinco Universidades para que fosse possível uma plena compreensão dos parâmetros que levaram à aceitação da sua candidatura. Nesta ordem de ideias, foi nossa opção contextualizar a reorganização do património edificado da U.Porto, tentando perceber as alterações mais significativas nesse sentido. Quais as diferenças registadas 106 anos após a sua fundação? Prevêem-se mudanças e conquistas futuras para a Universidade do Porto? Foi ainda fundamental referir como a relação entre o turismo e o património universitário pode representar uma vantagem na divulgação da cidade do Porto.

Por fim, no terceiro e último capítulo, *Estágio Curricular: conteúdos e tecnologia para a disseminação do Património*, começamos por contextualizar a entidade acolhedora do mesmo. Posteriormente, abordamos os contornos que levaram à criação do projeto do Museu Digital da Universidade do Porto, isto é, tendo em conta as dificuldades que se prendem com a conservação de artefactos e pelas adversidades que o conceito de

património científico traduz, tornou-se necessário criar uma plataforma digital que promovesse a sua disseminação e assegurasse a produção contínua de conteúdos digitais. Seguidamente abordamos o conceito desenvolvido no âmbito do projeto Museu Digital da Universidade do Porto, que se trata de um processo inovador que concretiza e incentiva o trabalho colaborativo entre docentes, estudantes, investigadores e serviços de diferentes faculdades e unidades de investigação da U.Porto – o OpenLab que, como se verá, se está a aplicar, desde logo, ao próprio projeto do MDUP. Este não visa a reprodução de um museu físico, mas sim a agregação e produção de informação e meta-informação relativa ao património da U.Porto e à sua atividade secular, convocando para isso a colaboração de estudantes da U.Porto que irão contribuir para o enriquecimento dos conteúdos digitais a disponibilizar. Terminamos este capítulo descrevendo o processo de criação do roteiro *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*. Para a obtenção do produto final, foi imperativa a realização de conteúdos de mapeamento e fichas técnicas cujos campos, posteriormente, funcionaram como base para a criação de outros projetos. Tendo sido uma investigação enquadrada nas tarefas do Estágio Curricular, foi o ponto de partida para o seu desenvolvimento com a ligação à equipa de estudantes que, no âmbito do projeto MDUP, estava a desenvolver o protótipo da aplicação #IWASHERE e, posteriormente a sua utilização com a plataforma #GPSEngenharia, pertencente à Ordem dos Engenheiros Região Norte. Com a criação destas ferramentas digitais, pretendemos fornecer um produto de divulgação patrimonial da cidade do Porto, explorando a sua profunda relação com a vida académica.

De salientar que apesar deste Relatório de Estágio ter sido inicialmente intitulado *Universidade do Porto: uma recolha iconográfica*, as mudanças que o nosso projeto sofreu aquando a realização do Estágio Curricular ditaram a necessidade de criar um novo título que demonstrasse o verdadeiro intuito desta investigação: a difusão do património da U.Porto por meios digitais.

Francisca Vasconcelos  
27 de setembro de 2017

# Capítulo I- O ensino superior na cidade do Porto: as origens

## 1. A emergência no século XVIII

Consideramos pertinente abordar esta temática em primeiro lugar devido ao facto de, após investigação, constatarmos que apesar de existir bastante informação acerca das instituições que antecedem a Academia Politécnica do Porto, esta não se encontra suficientemente atualizada e sistematizada, verificadas as mudanças que ocorreram no sistema de ensino académico da cidade do Porto recentemente. Deste modo, é necessário organizar a documentação disponível para que as verdadeiras raízes do sistema académico portuense não sejam esquecidas, uma vez que representam os alicerces do modelo institucional que hoje é praticado. A Universidade do Porto, conforme a vemos atualmente, sofreu severas mudanças ao longo do tempo para que se tornasse numa aclamada instituição de ensino a nível nacional e internacional. Torna-se, assim, fundamental perceber o percurso e evolução que culminou na sua criação, nomeadamente o caminho que levou à construção da sua antecessora direta, a Academia Politécnica do Porto.

Uma vez que este Relatório de Estágio teve como âmbito um estágio curricular no Museu Digital da Universidade do Porto, o nosso contributo para o mesmo remete para o estudo da época de existência da Academia Politécnica do Porto, o tema fulcral desta investigação. Nesse sentido, e conforme já referimos previamente, existem estudos que contêm a documentação existente relativa ao tema em questão ainda que necessitem de uma atualização. De salientar as bases da primeira parte deste Relatório de Estágio, a obra *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição* (1996)<sup>1</sup>, de Cândido dos Santos, a mais completa em termos de raízes e antecedentes da atual Universidade do Porto; e o SIGARRA da Universidade do Porto, com textos adaptados da obra *A Universidade do Porto: Estudo orgânico-funcional (modelo de análise para fundamentar*

---

<sup>1</sup> SANTOS, Cândido dos. (1996). *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição*. Porto: Universidade do Porto.

*o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo*), datado de 2001, de Maria Eugénia Matos Fernandes e Fernanda Ribeiro, com uma fortíssima investigação relativa a todas as ramificações da Universidade do Porto.

Para que fosse possível compreender o motivo pelo qual a Academia Politécnica do Porto foi criada, tivemos de investigar os seus primórdios, as suas origens. Apesar de representar um paradigma de mudança no ensino académico da cidade do Porto, é importante salientar e revisitar o percurso que levou à concretização de tal logro.

### **1.1. A Aula Náutica e a Aula de Debuxo e Desenho**

Considerada a nível de instituições como o antecedente mais longínquo daqueles que, mais tarde, originaram a Universidade do Porto, a Aula Náutica foi fundada através do decreto de 30 de julho de 1772:

*“Por quando havendo os Meus Vassallos habitantes na Cidade do Porto louvavelmente estabelecido, com faculdade Minha, algumas Fragatas de guerra para cobrirem aquella Costa, e protegerem o commercio da mesma Cidade contra os insultos que frequentemente padeciam; he justo, e necessário, que ao mesmo tempo se criem Officiaes com educação para aquelle importante serviço, como os sobreditos Me representarão: Hey por bem crear doze Tenentes do mar, e dezoito Guardas Marinhas, para servirem nas referidas Fragatas, com Aula, e Residencia na mesma Cidade do Porto, e pagos pela mesma repatição por onde se fazem as mais depezas das referidas Fragatas: Os quaes ficarão em tudo, e por tudo providos, iguallados, e graduados com os que Fuy servido crear por Decretos de dous de Julho de mil settecentos sessenta e hum, e de vinte e hum de Março do presente anno. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido, e faça observar pelo que lhe pertence.*

*Palácio da Nossa Senhora da Ajuda, a trinta de julho de mil settecentos sessenta e dous.” (SANTOS, 1996: 23) <sup>2</sup>*

A criação da Aula Náutica decorre no seguimento do pedido dos 35 comerciantes com maior importância da cidade do Porto à Coroa, a 18 de outubro de 1761, no qual requisitavam a construção de duas fragatas de guerra cujo intuito era conduzir os navios mercantes que saíam pela barra do Rio Douro para o Mundo (FERNANDES; RIBEIRO,

---

<sup>2</sup> Decreto de 20 de julho de 1772 que criou a Aula Náutica.

2001).<sup>3</sup> Deste modo, e uma vez que para as fragatas funcionarem devidamente era necessária mão de obra qualificada “*oficiais com educação para aquele importante serviço*”, foram colocados 12 tenentes do mar e 18 guardas-marinhas “*com aula e residência*” (SANTOS, 1996: 23).

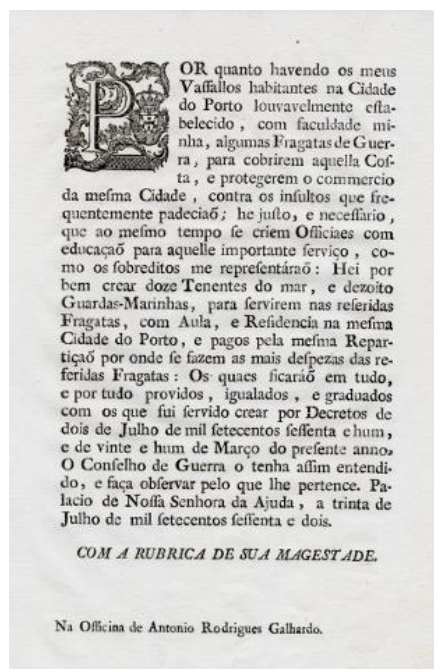


Figura 1- Reprodução da determinação régia que cria a Aula de Náutica do Porto. Diploma de 1762 <sup>4</sup>

Em suma, a Aula Náutica do Porto tinha como principal função a educação de marinheiros e pilotos para os navios que saíam em expedição Mundial. Como já referimos anteriormente, terá sido uma das primeiras instituições públicas portuenses, marcando severamente o ensino académico português. Tinha como instalações o Colégio dos Meninos Órfãos que, mais tarde, albergou outras instituições de ensino, motivo pelo qual se tornou um edifício histórico e de renome. Como primeiro professor teve António Rodrigues dos Santos que, nomeado a 12 de maio de 1764, tinha a “*obrigação de ser mestre da aula da cidade do Porto, na qual lerá todos os dias que não forem de guarda, e explicará a náutica aos oficiais da marinha e mais pessoas que se quiserem aplicar*”

<sup>3</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>4</sup> SIGARRA da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/FjLTjW>



*àquela ciência*”.<sup>5</sup> Contudo, apenas lecionou durante cinco anos dado que faleceu em julho de 1769. Uma vez que a Aula se encontrava sob responsabilidade da Junta Administrativa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, sendo por esta dirigida, os conteúdos lecionados eram fundamentalmente práticos, recebendo ainda outros conhecimentos aquando a bordo das embarcações mercantis que faziam carreira para os domínios ultramarinos (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>6</sup>

As aulas tiveram início em novembro de 1764, competindo à Junta a aquisição do material que fosse necessário para os estudantes, como por exemplo: 2 globos e 3 livros, em janeiro de 1766.<sup>7</sup> Uma das grandes figuras da Aula de Náutica tratou-se de José Monteiro Salazar. Cartógrafo, foi docente da Aula e autor de quatro cartas náuticas, sendo que três pertencem à Sociedade Portuguesa de Geografia e à Biblioteca Pública Municipal do Porto (FERNANDES; RIBEIRO, 2001)<sup>8</sup>. Contudo, este património acaba por não se encontrar sistematizado, motivo pelo qual coloca questões relativamente ao seu conhecimento e respetiva divulgação.

Durante os seus 40 anos de atividade, entre 1762 e 1803, a Aula revelou-se de extrema importância no crescimento do comércio nacional, nomeadamente na exportação do Vinho do Porto. Neste sentido, a atividade comercial praticada com a Rússia e o tratado de amizade, navegação e comércio de 1787 entre a rainha D. Maria I e a imperatriz D. Catarina II, foram incentivados também graças aos navios que partiam do Porto, levando a bordo mercadores e pilotos qualificados.<sup>9</sup>

Decorridos alguns anos após a criação da Aula de Náutica, tornou-se evidente de que uma Aula não era garantia suficiente para a devida formação dos homens que iriam para o mar. Consciente desse facto, a Junta Administrativa da Companhia das Vinhas requisitou uma Aula de Debuxo e Desenho à Rainha D. Maria I. Por decreto de 17 de

---

<sup>5</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/AsFPP7>

<sup>6</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>7</sup> SIGARRA da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/FjLTjW>

<sup>8</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>9</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/jQ1Ah8>

novembro de 1779, é criada a Aula, sendo António Fernandes Jacôme nomeado o seu primeiro docente.

*“Tendo consideração ao que me foi presente pelo Marquez Presidente do meu Real Erario, sobre a representação da Junta da Administração da Companhia Geral de Agricultura das Vinhas do Alto Douro, ao fim da criação de uma aula publica de debuxo e desenho, que não será menos util do que a outra aula publica da náutica, que já se acha estabelecida na cidade do Porto debaixo do cuidado e inspecção da mesma Junta: Sou servido ordenar que semelhantemente se estabeleça a sobredita aula de desenho e debuxo, em tudo conforme á da nautica, no que lhe fôr applicável, debaixo do mesmo cuidado na referida Junta, vencendo o Lente d’ella dezasseis mil reais cad mez (...) E hei por bem nomear a Antonio Fernandes Jacomo para primeiro Lente da dita aula, esperando das boas informações que delle tenho, desempenhará as suas obrigações no que lhe fôr determinado pela referida Junta. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 27 de novembro de 1779.”*<sup>10</sup>

Conforme já havia sucedido com a Aula Náutica, a Aula de Debuxo e Desenho teve como instalações o Colégio dos Meninos Órfãos. Sob orientação da CGAVAD, a Aula teve início a 17 de fevereiro de 1780. Revelou-se de imediato uma mais valia em conciliação com a Aula Náutica não só para estudantes como também para mocidade nobre, comerciantes, fabricantes, artistas, oficiais, aprendizes e marinheiros. Deste modo, tinha como principais propósitos desenhar máquinas e instrumentos, tirar cartas geográficas e topográficas de países, plantas de cidades e, até mesmo, embarcações (SANTOS, 1996: 31).

Como já referirmos, as instalações da Aula de Debuxo e Desenho concentravam-se no Colégio dos Meninos Órfãos, atual edifício da Reitoria da Universidade do Porto. Contudo, em 1802, devido ao excesso estudantil, acabou por ser transferida para o Hospício dos Religiosos de Santo António (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>11</sup>

## **1.2. A Academia Real da Marinha e Comércio do Porto**

Verificada a evolução de ensino conseguida pela Aula Náutica e da Aula de

---

<sup>10</sup> Decreto que fundou a Aula de Debuxo e Desenho no Porto. Através de (SANTOS, 1996; p.29)

<sup>11</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

Debuxo e Desenho, surgiu um grande interesse por parte de entidades que pretendiam a seu crescimento, nomeadamente a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Deste modo, a Junta Administrativa da mesma fez chegar ao Príncipe Regente uma petição que consistia na criação de um estabelecimento académico na cidade do Porto que lecionasse aulas de comércio e de matemática bem como o ensino das línguas francesa e inglesa. Dado o interesse no avanço do projeto, a Junta Administrativa disponibilizou fundos para a manutenção e instalação em edifício próprio (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>12</sup> Foi neste sentido que foi fundada, pelo alvará régio de 8 de fevereiro de 1803 na pessoa do Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI, a Academia Real da Marinha e Comércio, que é por muitos considerada a primeira instituição académica da cidade do Porto.

*“Havendo-se criado uma Aula de Nautica practica e outra de Desenho e Debuxo para se darem as suas lições no collegio ou Seminário dos meninos orfãos desta cidade se tem continuamente continuado o seu exercício. Mas, contribuindo elas muito para fazer um bom marinheiro não são as suas lições os conhecimentos suficientes que o constituam perfeito (...) Por consequencia parece de indiscutivel precizão que se ajuntem a estas duas Aulas, uma de Matemática ou de Comercio e outras de Línguas vivas Francesa e Inglesa, como as mais frequentes e as mais universais para uso e tráfico do Comercio e da Navegação e ainda para a instrução da Agricultura cuja decadencia, fazendo o abatimento do mesmo Comercio e da Navegação, arruina o Estado...”*<sup>13</sup>

Após a receção e aprovação do referido pedido, o então Príncipe Regente D. João prontificou-se a fundar a ARMCCP, conforme mencionamos anteriormente. O resultado final passou por fundir as antecessoras Aula de Náutica e Aula de Debuxo e Desenho na que seria a nova instituição académica da cidade do Porto. Contudo, e uma vez que o facto de se considerar que as Aulas anteriormente existentes não teriam a consistência suficiente e necessária para a “perfeita formação” dos estudantes, tornou-se imperativo

---

<sup>12</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>13</sup> Excerto da petição criada pela Junta Administrativa da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro enviada ao Príncipe Regente D. João referente à criação da Academia Real do Comércio e da Marinha do Porto. (SANTOS, 2006: 416)

atentar aos propósitos que comprovavam a emergência de uma reformulação nos conteúdos de ensino (SANTOS, 2006: 416).

Nesta ordem de ideias, e tendo em conta o contexto económico e comercial na época, a listagem das novas mudanças do sistema de ensino académico seria a seguinte:

- Manter as lições de Aritmética, Geometria Plana e Esférica e Navegação teórica e prática para os Pilotos destinados aos navios mercantes;
- Ensinar a Aritmética perfeita aos comerciantes;
- Selecionar todos os pesos e medidas e de todas as moedas no país em que correm;
- Verificar o custo e despesa da fazenda na Praça estrangeira ao dinheiro da outra Praça a que se transporta para saber a redução;
- Considerar o câmbio como um ramo de comércio, assim como os seguros com as suas distinções e respectivas apólices; a formalidade dos fretamentos; a prática das comissões e as obrigações que dela resultam;
- Atentar ao método da escrituração dos livros em partidas dobradas, uma vez que tanto o Comércio como a Navegação ganhavam cada vez relevo no panorama nacional, pelo que se tornavam uma mais valia em termos económicos (SANTOS, 2006: 416).

A par destas importantes considerações que serviriam para consolidação do ensino, aquando da inauguração da ARMCCP, a Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro sugeriu ainda que se lecionassem Aulas de Francês e de Inglês. Este detalhe é de enorme relevância na medida em que as obras de conteúdo técnico de Matemática, Comércio, Agricultura e Fábricas se encontravam escritas nessas línguas (SANTOS, 2006: 416). Por essa razão, como se poderia aprimorar o conhecimento dos estudantes se estes não entendessem os textos que lhes eram recomendados a estudar devido à língua em que se encontravam escritos? É neste sentido que resulta o alvará régio de 9 de fevereiro de 1803 e que veio institucionalizar a Academia Real da Marinha e Comércio do Porto. Uma vez que a Companhia pretendia que a ARMCCP fosse implementada em edifício próprio, conforme descrito na petição

enviada ao Príncipe Regente D.João, esta acaba por herdar o local de ensino das suas antecessoras- o Colégio dos Meninos Órfãos.

*“(...) que estas aulas se estabeleçam, por agora, no Colegio dos meninos orfãos e nas casas mais apropriadas a este fim; que se proceda, sem perda de tempo, à edificação de uma casa no terreno do Colegio dos meninos orfãos própria para as referidas aulas e para as já existentes, ficando todas no mesmo edificio.”*<sup>14</sup>

Deste modo, às já existentes Aula Náutica e Aula de Debuxo e Desenho, foram acrescentadas a Aula de Língua Inglesa e Aula de Língua Francesa pelos motivos que mencionamos anteriormente. Contudo, cinco meses mais tarde, surgem novos pedidos formalizados no alvará régio de 29 de julho que iriam complementar o primeiro alvará com *“a criação de huma Academia Real na Cidade do Porto”*, ou seja a criação da ARMCCP e acrescentar ainda aos cursos pedidos pela CGAVAD *“hum curso de Filosofia Racional e Moral, assim como outra de Agricultura, que deverá ser frequentada quando as circunstancias o permittirem.”* (PINTO, 2011: 21).

Apesar da ARMCCP ter sido projetada para ocupar um edifício já existente, o Colégio dos Meninos Órfãos, eram necessárias obras. O alvará régio de 29 de julho de 1803, já a prever essa situação, incluía uma secção que contribuía para o financiamento das despesas de construção das novas instalações. Para que o processo fosse concluído com êxito, foi necessário o apoio da Câmara Municipal do Porto, da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro e, ainda, a institucionalização do imposto “do real do vinho”, que consistia no pagamento anual de um real em cada quartilho de vinho vendido do mês de Julho ao de Novembro na cidade do Porto e em todos os locais onde a CGAVAD tinha o exclusivo da venda do vinho maduro (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>15</sup>

A Junta da Administração da Companhia, responsável pelas cobranças e pela construção do edifício, teria de mostrar a planta do futuro estabelecimento académico ao Príncipe Regente através da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino. Não obstante,

---

<sup>14</sup> Excerto do alvará régio de 9 de fevereiro de 1803 aprovado pelo Príncipe Regente D.João que resultou na criação da Academia Real da Marinha e Comércio. (SANTOS, 1996: 41-44)

<sup>15</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

teria ainda de inspecionar todas as aulas e verificar se os ordenados dos docentes correspondiam aos que eram praticados na Aula Náutica e na Aula de Debuxo e Desenho. Deste modo, teriam de estar consoante o produto do imposto que se destinava à construção das duas fragatas de guerra, autorizada pelo alvará de 24 de Novembro de 1761 (SANTOS, 2006: 417).

A 4 de novembro de 1803, a Academia Real da Marinha e Comércio da Cidade do Porto é finalmente fundada e inicia o ano letivo. A cerimónia de abertura da recente instituição académica incluiu uma sessão solene levada a cabo por um dos docentes, João Baptista Fetal da Silva Lisboa (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>16</sup>

Aquando da sua criação, a ARMCCP funcionava com os seguintes cursos: Matemática, Desenho, Pilotagem, Comércio, Filosofia, Língua Inglesa e Língua Francesa. Deste modo, cada curso organizava-se da seguinte forma:

Curso de Matemática			
Ano	Disciplinas	Conteúdos Lecionados	Docentes
1º ano	Artimética, Geometria e Trigonometria Plana	Uso prático de Álgebra e respetivos princípios elementares até às equações do 2º grau inclusivamente	José Carneiro da Silva, Joaquim Torquato Álvares Ribeiro e José Avelino de Castro
2º ano	Álgebra, Geometria, Cálculo Diferencial e Integral	Princípios fundamentais da Estática, Dinâmica, Hidrostática, Hidráulica e Óptica	
3º ano	Trigonometria Esférica e Arte de Navegação Teórica e Prática	Noções de Manobra e do conhecimento e uso prático dos instrumentos astronómicos e marítimos	

Tabela 1- Plano curricular do Curso de Matemática da ARMCCP (SANTOS, 1996: 44)

Aula de Desenho		
Ano	Conteúdos Lecionados	Observações

<sup>16</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<b>Em cada ano o docente teria de ensinar um curso diferente de Desenho</b>	O docente tinha de tornar as obras de arte públicas quer fossem naturais ou de convenção, aliado à explicação dos princípios da perspetiva, o modo de preparar tintas e de dar aguadas. Teria ainda de ensinar de forma eficaz o desenho de marinha, através da cópia e redução de plantas de costas, baías, enseadas e portos, representando as vistas de ilhas, cabos e promontórios e a dos navios considerados em diferentes posições e manobras.	O estudante, para frequentar a Aula de Desenho, teria de comprovar a conclusão do 1º ano matemático mediante certidão.
---	---	--

Tabela 2- Plano curricular da Aula de Desenho da ARMCCP (SANTOS, 1996: 45)

<b>Curso de Pilotagem</b>		
<b>Curso</b>	<b>Conteúdos Lecionados</b>	<b>Observações</b>
<b>Dois tipos de curso: um mais completo e outro mais simples</b>	Curso simples: incluía apenas o 1º e 3º anos do curso de matemática, aparelho e manobra naval e desenho de marinha. Curso completo: eram exigidas as disciplinas de Filosofia Racional e Língua Inglesa. Abrangia ainda o 2º ano de matemática, assim como os preparatórios.	Os dois cursos tinham como preparatórios um exame acerca das quatro operações fundamentais de aritmética (feito com o docente do 1ª ano de matemática, como o exame de Francês).

Tabela 3- Plano curricular do Curso de Pilotagem da ARMCCP (SANTOS, 1996: 46)

<b>Curso de Comércio</b>		
<b>Ano</b>	<b>Conteúdos Lecionados</b>	<b>Observações</b>
<b>1º ano</b>	Eram ensinados os princípios e doutrinas dos contratos de seguros, de câmbio, de fretamentos, de compra e venda e de comissões	O curso era bienal. Era exigido para a matrícula o exame do 1º ano de matemática e o “perfeito conhecimento” das Línguas Francesa e Inglesa
<b>2º ano</b>	Era ensinada a escrituração por partidas dobradas, geografia histórico-comercial, direito mercantil pátrio e dos países com os quais Portugal detinha mais relações comerciais	

Tabela 4- Plano curricular do Curso de Comércio da ARMCCP (SANTOS, 1996: 47)

<b>Curso Filosófico</b>	
<b>Observações</b>	
Uma vez que os alunos da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto tinham como propósito a graduação na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, os estudos da Filosofia Racional e Moral a lecionar deviam orientar-se pelos mesmos autores, métodos e formas de ensinar que fossem seguidos na referida Universidade.	

Tabela 5- Plano curricular do Curso Filosófico da ARMCCP (SANTOS, 1996: 47)

<b>Línguas Francesa e Inglesa</b>		
<b>Curso</b>	<b>Conteúdos Lecionados</b>	<b>Observações</b>
<b>Os docentes das referidas línguas deviam ensinar a gramática que tivesse o melhor conceito</b>	Alunos de Comércio: deviam traduzir autores que tivessem escrito sobre essa matéria; Alunos de Pilotagem: deviam traduzir as obras eruditas de geografia, principalmente as partes que abordassem hidrográfica e matemática; Alunos de Matemática: deviam ler e traduzir obras acerca da história dessa ciência e sobre a vida dos autores que a estudaram	Foram aulas bastante assistidas na medida em que entre 1803 e 1832 matricularam-se 1200 estudantes na aula de Inglês e 2518 na aula de Francês

Tabela 6- Plano curricular das Línguas Inglesa e Francesa do Curso Filosófico da ARMCCP (SANTOS, 1996: 47)

Planos curriculares definidos, a Academia abriu oficialmente em 1803, acontecimento do qual restou a ata da sua fundação:



*“Na tarde do dia 4 de Novembro do ano de 1803 se fez a abertura desta Academia Real da Marinha e Comércio, cujo acto, por ser o primeiro da mesma Academia teve lugar da Igreja do Colégio dos Órfãos e não se fez no tempo competente pela demora na prontificação das aulas. Recitou o lente do 3º ano de Matemática a oração, como lhe era determinado pela Lei, depois do que foi cantado por música instrumental o Te Deum em acção de graças pelo geral benefício que resulta deste estabelecimento literário; e começou o primeiro ano lectivo sendo desde logo frequentadas as aulas do 1º ano de Matemática, Filosofia e Línguas, e também as Aulas de Comércio e Desenho (...) E eu, João Peixoto da Silva, Secretário da Academia, fiz escrever este termo.”* Era ut supra. (SANTOS, 1996: 49-50)

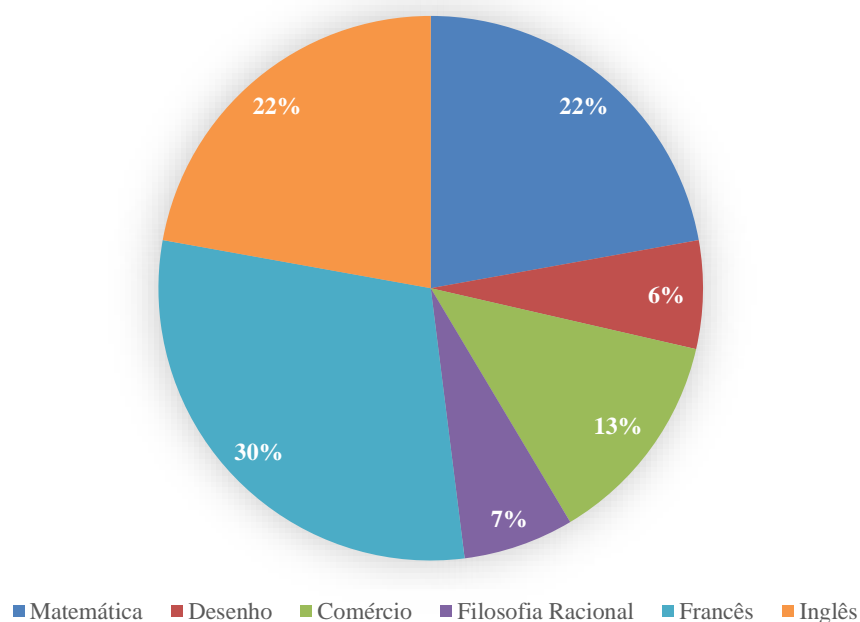


Figura 2- Gráfico da percentagem de estudantes que frequentavam os cursos da AMRCCP em 1803  
(SANTOS, 1996: 51)

A Academia tinha três lentes de matemática, um de comércio, um de desenho, um de filosofia racional e moral e dois de francês e de inglês e o apoio de um “mestre de manobras”, cujo propósito era lecionar as matérias relacionadas com os exercícios de manobra naval. Neste sentido, a instituição fornecia cursos preparatórios e de instrução

industrial, opção que começou a assumir os moldes de um instituto politécnico. (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>17</sup>

Decorria o ano de 1803 quando o Governo do reino encomenda uma planta para a AMRCCP. De salientar que, para a concretização das obras no edifício do Colégio dos Meninos Órfãos, concorreram a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, com uma proposta que consistia na construção de lojas abobadadas, e o imposto "*do real de vinho*" ou "*subsídio literário*".<sup>18</sup> Deste modo, o montante do aluguer das mesmas seria revertido para o Colégio dos Meninos Órfãos (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>19</sup>

A encomenda da planta acaba por ser feita ao arquiteto José da Costa e Silva, sendo este o primeiro desenho arquitetónico conhecido acerca do edifício. Contudo, tendo-se perdido com o tempo, apenas resta uma compilação de plantas da sua autoria (DUARTE, 2000: 179). Tendo em conta que o arquiteto tinha diversos projetos em aberto em Lisboa, não lhe foi possível deslocar-se ao Porto, motivo pelo qual enviou o projeto com notas e informações para quem fosse verificar o avanço da obra, seguindo as medidas do terreno que lhe tinham sido enviadas. Após terminar o projeto, Costa e Silva recebe um aviso para criar mais duas aulas, acabando por enviar uma proposta diferente à CGAVAD, Junta então vigente. Isto deve-se ao facto de se pretender que as referidas aulas fossem criadas num andar que levaria o arquiteto a ter de refazer todo o projeto. É neste sentido que surge o nome do Engenheiro Carlos Luís Ferreira de Amarante, uma vez que a Junta Administrativa, não satisfeita com a nova proposta enviada por Costa e Silva, acabou por contactar o referido arquiteto e engenheiro (XAVIER et al., 1994: 24-27). Na *Representação de 12 de janeiro de 1804* enviada à Junta, Amarante afirma "*como fuy consultado sobre o melhoramento que poderia ter este edificio, vi as Plantas, e observei...*" (XAVIER et al., 1994: 27-29). Há que salientar que, dos desenhos de Costa

---

<sup>17</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>18</sup> Imposto que constava do pagamento anual de um real em cada quartilho de vinho vendido do mês de julho ao de novembro na cidade do Porto e em todos os locais onde a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro tinha o exclusivo da venda do vinho maduro. SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em nov 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/zWiydf>

<sup>19</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

e Silva relativamente à ARMCCP, apenas restam legendas do projeto, que por si provam que Carlos Amarante nele se baseou, acabando por conservar as suas linhas fundamentais (XAVIER et al., 1994: 29). Nas palavras de Amarante, a referir-se ao desenho de Costa e Silva para a Academia, “*o Desenho que para ella fez o Architeto, he segundo as regras, e de bom gosto, a decoraçãõ das suas fachadas he Magestoza, e a distribuiçãõ anterior he muito bem arranjada.*” (DUARTE, 2000: 179).

Contudo, Carlos Amarante acaba por fazer algumas críticas construtivas, ainda que sempre de forma respeitosa, na medida em que julgava que o projeto de Costa e Silva não era regular pelo facto de uma das principais fachadas formar um ângulo obtuso que se devia à existência de casas e árvores ao seu redor. Nesse sentido, defendia que se o arquiteto lisboeta visse o terreno ao vivo, iria verificar que teria espaço para alargar a construção do edifício, oferecendo-se para modificar o projeto ao demolir as referidas casas e árvores (DUARTE, 2000: 180). Assim, ao dar uma nova direção à calçada, que contribuía para a irregularidade do terreno do novo edifício, seria possível “*formar hum quadrilátero*”, aumentando as hipóteses de alargamento das aulas e ainda “*acrescentar as cazas que são necessárias na Academia.*” É nesta ordem de ideias que Carlos Amarante defende que o novo edifício da Academia deveria ser um quadrilátero regular, sendo que apenas muitos anos mais tarde é que acabou por se concretizar “[...] *que se viesse a consumir, um século depois, a destruição da calçada e do quarteirão adjacente, permitindo a forma simétrica que se revelou determinante para o caráter neoclássico do edificio, que Amarante já propunha em 1804.*” (XAVIER et al., 1994: 34-35).

Segundo Eduardo Alves Duarte, através das palavras de Carlos Amarante fica-se com a sensação de que Costa e Silva terá enviado um segundo projeto no qual já se encontravam as alterações mencionadas, pelo que a construção e assistência da obra acabam por ficar a cargo de Amarante (DUARTE, 2000: 180). Neste sentido, o autor julga que a verdadeira pretensão seria “*a preocupação em conceber um edificio como consequência do espaço urbano envolvente [...] daí que a defesa por uma planta regular possa e deva ser entendida como uma tentativa de ordenar e estruturar um espaço algo caótico como aquele da Cordoaria.*” (DUARTE, 2000: 181).

É nesta ordem de ideias que Carlos Amarante elabora o primeiro projeto, no qual

segue algumas soluções previstas por Costa e Silva. Optou por colocar a Igreja dos Órfãos no interior do edifício ainda que o seu espaço permanecesse intacto. Relativamente à fachada, optaria por criar uma nova ao articular “[...] *uma galilé de três arcos de volta perfeita e três janelas, repetindo a do meio o arco de baico, como na fachada do Pópulo*<sup>20</sup>, *sem torres nas ilhargas, mas em que apenas uma estava projectada atrás, coroada de curva e contracurva.*” (DUARTE, 2000: 181). Segundo o autor, a influência pombalina que estará latente neste primeiro projeto deve-se ao facto do arquiteto “[...] *ter tratado cada um dos alçados de forma diferente, em função do espaço urbano para o qual se erguiam alçado poente com arcaria, devido à calçada aí existente; ‘falso alçado norte de aparato, por causa do largo estruturado pela Igreja do Carmo e, por fim, [...] a fachada principal da Academia, com um observatório que estabelecia alguma relação com a muito próxima Torre dos Clérigos.*” (DUARTE, 2000: 182). Neste primeiro projeto, o objetivo passava pela “*colagem de um edifício novo para a Academia a um conjunto preexistente que se remodela e continua a servir de Colégio para os Meninos Órfãos, na tentativa de os harmonizar e articular, até porque [...] as duas funções se interpenetravam.*” (XAVIER et al., 1994: 42).

Já o segundo projeto elaborado por Carlos Amarante, também datado de 1807, seria, em termos planimétricos, semelhante ao primeiro, ainda que continuasse a repetir a obliquidade da fachada poente. Neste novo projeto, a fachada principal da Academia encontrava-se agora no alçado norte, apresentando algumas semelhanças com a do Hospital de Santo António (DUARTE, 2000: 182). Neste sentido, “[...] *a fachada estava estruturada entre dois corpos salientes, como se fossem torrões e cujo modelo pode bem ter sido a obra de Costa e Silva para a Ajuda.*<sup>21</sup>” (FRANÇA, 1990: 62 *apud* DUARTE, 2000: 182). Torna-se crucial salientar que o segundo projeto se trata, de facto, do que se começou a executar. Contudo, acabou por não ficar completamente terminado (XAVIER et al., 1994: 41).

Ainda nos dias de hoje ainda não se apurou o motivo pelo qual Amarante realizou

---

<sup>20</sup> Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, situada em Coimbra, a naturalidade de Carlos Amarante.

<sup>21</sup> Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.

dois projetos, sendo que ambos, remontando ao ano de 1807, possuem características diferentes face ao posicionamento em relação às preexistências da igreja, convento e claustro que pertenciam ao Colégio dos Meninos Órfãos (XAVIER et al., 1994: 39).

*“(...) Carlos Amarante, em 1804, não teve qualquer interferência no projecto dos alçados. A sua intervenção limita-se a fornecer a Costa e Silva pistas para racionalizar e rentabilizar os espaços interiores, bem como uma nova carta topográfica que lhe permitisse regularizar a planta (...)”* (ANACLETO, 1999: 73)

Os dados que referimos anteriormente vão ao encontro do que é afirmado por Regina Anacleto no texto *O edifício da Academia Real da Marinha e do Comércio do Porto: nótulas de investigação*, salientando que existem várias evidências que revelam que tanto Costa e Silva como Carlos Amarante foram cruciais para o progresso da construção da obra.

*“Na feitura da Academia, entrou o saber e gosto de muita gente. Em 1807, Carlos Amarante desenha plantas e alçados; resta saber, nesta data, com Costa e Silva ainda em Lisboa, quais os elementos que o bracarense aproveitou dos projectos primitivos, em que medida os alterou, ou até mesmo se terá limitado a elaborar meras cópias.”* (ANACLETO, 1999: 73)

Nas referidas *nótulas de investigação*, a autora salienta que foram várias as pessoas que deram o seu cunho e contributo para que fosse possível erger uma obra há muito ansiada. Porém, há dois nomes que a autora faz questão de destacar face aos demais: o arquiteto régio Costa e Silva e o arquiteto bracarense Carlos Amarante. Tal deve-se ao facto de que o primeiro, fornecendo um contributo fundamental para o avanço da obra ao criar o seu primeiro desenho, acaba por ver o seu projeto continuado pelo segundo, tratando-se, assim, de duas figuras cruciais para o desenvolvimento e posterior criação do edifício. Neste sentido, o resultado final acaba por ficar espelhado na presente figura 3, contendo uma planta quadrangular da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto datada do ano de 1837, já coincidente com o ano de fundação da Academia Politécnica do Porto.

Já durante a segunda metade do século XIX, a responsabilidade das obras esteve

a cargo do engenheiro e professor Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa e do engenheiro António Ferreira de Araújo e Silva.<sup>22</sup>



Figura 3- Planta datada de 1837 com a localização do Colégio dos Meninos Órfãos<sup>23</sup>

Apesar das aulas e respetivos planos curriculares estarem a funcionar com normalidade, a partir de 1820 começaram a surgir diversos problemas que não foram previstos nos termos de fundação da Academia. O tema dominante era, sem dúvida, a questão das despesas monetárias. Para além de ser necessário, conforme mencionamos anteriormente, construir o edifício, era ainda crucial ter abrangência financeira de modo a ser possível mantê-lo, já que se teria ultrapassado a verba discutida no decreto-fundação (SANTOS, 1996: 53).

Foi na sequência desta conjuntura económica que, em 1825, através do alvará régio de 3 de novembro do mesmo ano, foram tomadas medidas de modo a garantir que a AMRCCP não continuasse a funcionar em tamanho estado precário. Nesse sentido, a medida de imposição de um real em cada quartilho de vinho não existiria somente durante 6 meses, conforme planeado inicialmente, e passaria a abranger todos os meses do ano. A quantia resultante dessa medida servia para pagar as despesas referentes aos gastos da

<sup>22</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em nov 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/5qdVmN>

<sup>23</sup> Gisa-web. Planta para regular o alinhamento que se pretende na cerca dos religiosos Carmelitas, da Praça do Carmo ao Hospital Real de Santo António. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ijtcLL>

instituição, à continuação da construção do edifício e à amortização da dívida do mesmo. Uma vez que esta decisão provou não ser suficiente para a sustentação económico-financeira da Academia, foram tomadas medidas cujo intuito passava pela garantia de meios de subsistência através do aumento das receitas e redução das despesas, facto que ficou conhecido pela Reforma de 1825 (SANTOS, 1996: 53). Em suma, esta Reforma trata-se de um processo de relativa longa duração e que teve como intervenientes o Diretor Literário, a Junta Administrativa da CGAVAD e o poder régio, ou seja, precisamente as entidades responsáveis pela Academia Real da Marinha e Comércio do Porto (PINTO, 2012: 46).

Infelizmente as medidas tomadas não surtiram os efeitos que ajudariam a salvar a Academia, pelo que a levaram a um círculo de decadência. No ano de 1834 a Administração da ARMCCP entrou na regra dos estabelecimentos de ensino estatais, onde se manteve até 1837. Nesse preciso ano, o governo de Passos Manuel ordenou a sua remodelação, transformando-a na Academia Politécnica do Porto (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>24</sup>

## **2. A Academia Politécnica do Porto: criação e mudanças significativas**

A Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto, já abordada previamente, foi extinta pelo decreto de 13 de janeiro de 1837, tendo sido posteriormente transformada na Academia Politécnica do Porto pela mão de Passos Manuel, precisamente pelo mesmo decreto. Uma vez que esta alteração surge numa época particularmente complexa, em termos de instabilidade política, é tomada a decisão de instituir novos docentes assim como cursos completamente reformulados com uma componente mais técnica. Com esta alteração, pretendeu-se a implantação das ciências industriais, dada a necessidade de uma alternativa não só aos estudos clássicos como também aos estudos meramente teóricos.

Deste modo, o surgimento da Academia Politécnica do Porto tornou-se exemplo

---

<sup>24</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

e inspiração para os tempos académicos vividos que, severamente marcados pelos problemas que causaram a extinção da Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto e consequente demissão de docentes, ansiavam mudança. Esta transformação, tendo obtido enormes repercussões a nível internacional, representou um grande passo para o ensino superior em Portugal.

*“A Academia Politécnica do Porto surge por transformação da antiga Academia Real de Marinha e Comércio como parte integrante do Plano Geral de Estudos do ensino português da autoria do Vice-Reitor, lente e decano da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Doutor José Alexandre de Campos e Almeida (1794-1856), no governo setembrista de que era Ministro do Reino Manuel da Silva Passos, o célebre Passos Manuel (1801-1862). Era, a primeira vez, na história do ensino português que se apresentava à Nação um plano de tal magnitude. A transformação da Academia sucedia-se no seguimento do articulado às reformas da Universidade de Coimbra e das Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e Porto e é coetânea da fundação da Escola Politécnica de Lisboa que, até certo ponto, serviu de inspiração e de modelo ao curso que então se instituiu no Porto. O plano de Campos e Almeida, que abrangeu outras escolas e outros graus de ensino, é o esforço mais notável e mais profundo do ensino nacional empreendido pela revolução liberal.” (AZEVEDO, 1982: 146-147)*

Portugal iniciava um percurso agora voltado para uma maior industrialização, quebrando laços com uma economia outrora marcada por uma posição assumidamente naval e comercial optando, ao invés, por uma economia muito mais dotada e especializada em termos técnico-industriais. Isto é, iria construir um cunho identificado com o género civil, integrando-se nas características burguesas da cidade (TORGAL, 1993: 87).

A Academia Politécnica do Porto revela, assim, o seu propósito: o ensino das ciências industriais em detrimento dos estudos clássicos puramente científicos assim como os estudos artesanais (AZEVEDO, 1982: 147). Apesar das visíveis alterações nas opções de ensino, não chega a existir uma rutura completa com o ensino realizado anteriormente, isto é, na Academia Real de Marinha e Comércio da Cidade do Porto: restaram ainda diversas pontes de ligação entre as duas instituições, nomeadamente nas questões que se prendem com os moldes de ensino.

Verificada a urgência em obter profissionais de mão de obra industrializada



qualificada, a vertente técnica das cadeiras mostrou-se crucial para a aprendizagem dos estudantes e futuros engenheiros de minas, engenheiros construtores, engenheiros de pontes e estradas, oficiais da marinha, pilotos, comerciantes e agricultores.

*“A Academia Politécnica, ainda que conservando o antigo núcleo de formação naval e comercial, dispunha agora de um quadro muito mais vasto de disciplinas. (...) participava, ao mesmo tempo, do ensino especulativo de uma faculdade de ciências e da feição tecnológica de um instituto de ciências aplicadas.” (AZEVEDO, 1982: 147)*

Uma vez que a diversidade e diferença entre cursos era evidente, o decreto imposto por Passos Manuel abrangeu ainda a criação de cadeiras que fossem ao encontro dos objetivos de cada área de ensino:

1ª Cadeira	Aritmética, geometria elementar, trigonometria plana, álgebra até às equações do segundo grau
2ª Cadeira	Continuação de álgebra, aplicação à geometria, calculo diferencial e integral, princípios de mecânica
3ª Cadeira	Geometria descritiva e aplicações
4ª Cadeira	Desenho relativo aos respetivos cursos
5ª Cadeira	Trigonometria esférica, princípios de astronomia, de geodesia, navegação teórica e prática
6ª Cadeira	Artilharia e técnica naval
7ª Cadeira	História natural dos três reinos da natureza aplicada às artes e ofícios
8ª Cadeira	Física e mecânica industriais
9ª Cadeira	Química, artes químicas e lavra de minas
10ª Cadeira	Botânica, agricultura e economia rural e veterinária
11ª Cadeira	Comércio e economia industrial

Tabela 7- As onze cadeiras dos cursos da Academia Politécnica do Porto

Legenda: **Matemática**, **Filosofia**, **Desenho** e **Comércio**

O Curso da Academia Politécnica do Porto era então composto por um total de

onze cadeiras que se encontravam divididas em três grandes secções: a de **Matemática**, a de **Filosofia**, a de **Desenho** e a de **Comércio**. Numa fase inicial, os cursos de engenheiros e oficiais da marinha tinham a duração de cerca de cinco anos; já os de pilotos, comércio, agricultura e artes não poderiam durar mais do que três anos (SANTOS, 1996: 93).

O ensino da Academia Politécnica do Porto demonstrava, deste modo, uma imensa diversidade em termos disciplinares que se adequava plenamente aos objetivos pretendidos. Entre as tarefas e planos curriculares designados, era disponibilizado um curso de leitura e interrogações diárias, trabalhos gráficos, manipulações de química, física e mecânica, problemas, concursos e exames (SANTOS, 1996: 93).

Assim, a Academia Politécnica realizou o seu primeiro ano letivo em 1837/1838, ainda sem ter o seu programa devidamente oficializado. Contudo, apesar de cada cadeira ter inscrito cerca de 163 estudantes, duas cadeiras acabaram por não ter edição: a cadeira de Trigonometria esférica e a cadeira de Artilharia e técnica naval. Ainda que um dos objetivos confessos aquando da criação da Academia fosse a instrução de uma educação muito mais técnica e prática aos aprendizes, com o avançar do tempo foi detetado pelos docentes que não era suficiente ter mão de obra excecional em termos industriais se os estudantes não tivessem aprendido a componente teórica. Deste modo, foi então necessária uma junção entre a teoria e a prática, criando uma aliança de aprendizagem aparentemente infalível que serviria de base para os anos que se seguiam (SANTOS, 1996: 95).

Até sofrer uma profunda reforma no ano de 1885, a Academia Politécnica do Porto manteve essencialmente a estrutura com a qual foi fundada. Contudo, verificaram-se alterações relativamente à modificação e criação de novas cadeiras, não existentes no plano curricular inicial, ainda que não tenham alterado os cursos nos quais se encontravam. De salientar que aquando da sua fundação, a Academia possuía onze cadeiras. Contudo, em 1885, tinha treze (PINTO, 2012: 116). A Reforma de 1885 apresentou-se sob a forma de Decreto de 10 de setembro, assinalando notórias alterações que contribuíram para o progresso do ensino superior do Norte do país. Assim, o curso de engenheiros civis de pontes e estradas e de engenheiros geógrafos, o curso de diretores

de fábricas, o curso de agricultores, curso de artistas e o curso de pilotos são descontinuados, conforme já tinha sucedido com o curso de engenheiros civis construtores de navios em 1873. O plano curricular académico, após a Reforma, funcionava da seguinte forma:

- Escola do Exército (Oficiais do Estado-Maior e de engenharia militar e engenharia civil)
- Escola Naval (Oficiais de Marinha e engenheiros construtores navais)
- Escolas Médico Cirúrgicas
- Escola de Farmácia nas Escolas Médico-Cirúrgicas (SANTOS, 1996: 121).

Houve uma clara mudança relativamente à estrutura geral dos *curricula*, instituindo novos cursos aos que existiam anteriormente. Em suma, o novo plano curricular focava-se em dois cursos: curso de engenheiros civis (de obras públicas, de minas e industriais) e curso de comércio. Contudo, a eles foram acrescentados cursos preparatórios para a frequência da Escola Naval, das escolas Médico-Cirúrgicas e das escolas de Farmácia. Porém, mais alterações estariam por surgir no ensino académico. Houve uma segunda reforma, promulgada através do Decreto de 8 de outubro de 1897, que extinguiu a 17<sup>a</sup> cadeira, isto é, a cadeira de Comércio. No seu lugar, foi criada a cadeira de Tecnologia Industrial, cujos conteúdos lecionados remetiam para a eletrotécnica e indústrias químicas. O seu propósito passava por conferir à Academia um uma índole mais voltada para o instituto superior técnico. Contudo, não se revelou uma medida inovadora uma vez que o Conselho Académico já teria aprovado um projeto de fusão da Academia com o Instituto Industrial do Porto em 1882 com o objetivo de criar um estabelecimento de ensino superior técnico denominado Instituto Politécnico do Porto (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>25</sup>

Aquando a criação da Academia Politécnica do Porto, o decreto de 13 de janeiro de 1837 previa que para além dos estabelecimentos já previamente existentes na Academia Real da Marinha e Comércio, como o caso do Observatório Astronómico, houvesse um Gabinete de História Natural, um Gabinete de Máquinas, um Laboratório

---

<sup>25</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

Químico, uma Oficina Metalúrgica e um Jardim Botânico. A sua função seria aprimorar as Artes de modo a que fossem um suporte de aulas, conforme o modelo de ensino da Universidade de Coimbra. Contudo, devido à precariedade de meios e recursos, não foi possível avançar com os planos pretendidos, conseguindo-se apenas montar um laboratório. Os restantes objetivos foram-se conseguindo numa conjuntura bastante complicada. No caso da livraria, originária da ARMCCP, só alcançou melhorias com o decreto de 9 de julho de 1833, através da fundação de uma Biblioteca Pública no Porto, conforme consta na figura 4 (SANTOS, 1996: 125).

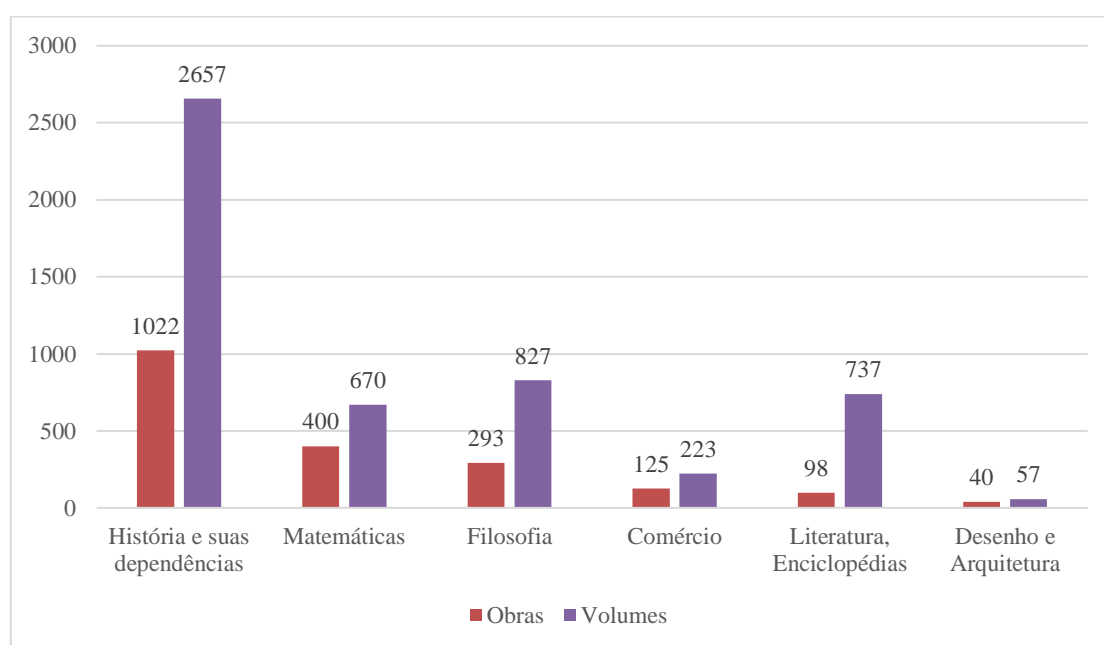


Figura 4- Gráfico com o número de obras e volumes da Biblioteca pública do Porto em 1860 (SANTOS, 1996: 125)

É neste contexto predominantemente científico que a Academia Politécnica do Porto é extinta e posteriormente transformada na Universidade do Porto, em 1911:

*“A reforma de 1911 imprimiu mudanças profundas (...). Os cursos foram uniformizados nas três cidades, com a criação das Faculdades de Ciências. A Faculdade de Matemática foi extinta, fundindo-se com a de Filosofia. Além dos cursos preparatórios, de um a três anos, para as Forças Armadas e Engenharia, as novas faculdades passaram a conceder bacharelatos de quatro anos, em três cursos distintos: Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Histórico-Naturais.”* (PINTO, 2012: 174)

O edifício outrora pertencente à Academia Politécnica do Porto passa a albergar a Universidade do Porto, nele funcionando serviços administrativos e a Faculdade de Ciências. Nesse sentido foram surgindo, eventualmente, cursos de Ciências Matemáticas, Ciências Físico-Químicas e Ciências Histórico-Naturais. Relativamente às cadeiras que integravam o plano curricular dos cursos de Engenharia na Academia, estas ficaram anexas à referida Faculdade para que, em 1915, fosse fundada a Faculdade Técnica. Esta, por sua vez, originou a Faculdade de Engenharia anos mais tarde (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>26</sup>

O primeiro Reitor da Universidade do Porto foi Gomes Teixeira, previamente Diretor da Academia Politécnica do Porto aquando do seu desmembramento, o primeiro Diretor da Faculdade de Ciências foi José Diogo Arroio e o primeiro presidente da secção de matemáticas desta instituição foi Luís Woodhouse. Nomes como Gomes Teixeira, Woodhouse e Duarte Leite, mantiveram-se como docentes no curso de Ciências Matemáticas, uma vez que já o tinham sido na APP. Deste modo, é possível reconhecer que a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto se trata da sucessora de dois estabelecimentos de ensino com enorme importância no âmbito cultural e académico do norte do país: a Academia Real da Marinha e do Comércio e a Academia Politécnica do Porto. O foco de ensino de ambas era distinto, sendo que a primeira formava comerciantes e marinheiros dando relevância aos tratados comerciais, a segunda uma vertente mais técnica, cujo intuito era a formação de engenheiros de modo a disponibilizar mão de obra qualificada que conseguisse responder ao aumento da industrialização do país (PINTO, 2012: 175-176). [ver apêndice I]

### **3. A Universidade do Porto**

No seguimento do que afirmamos no subcapítulo anterior, também este se revela crucial para os resultados obtidos em contexto de Estágio Curricular no âmbito do projeto do Museu Digital da Universidade do Porto. Na medida em que investigamos e aprofundamos o contexto e moldes sob os quais a Universidade do Porto foi fundada, foi-

---

<sup>26</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

nos permitida uma ampliação do conhecimento já apreendido através dos antecedentes da Academia Politécnica do Porto, não excluindo a mesma. Esse fator revelou-se bastante importante aquando da criação do roteiro *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*, na plataforma *Google Maps*, matéria a explorar posteriormente.

Tendo já completado 100 anos de existência em 2011, a Universidade do Porto foi oficialmente fundada a 22 de março de 1911, no mesmo ano em que foi implantada a República em Portugal. Contudo, apesar de ser a primeira instituição na cidade do Porto a ser elevada ao estatuto de Universidade, os seus antecedentes, conforme explicitamos previamente, remontam à criação da Aula Náutica em 1762. Nesse sentido, esse estabelecimento de ensino, aliado à Aula de Debuxo e Desenho, à Academia Real da Marinha e Comércio e à Academia Politécnica do Porto, representam os alicerces não só do aumento da cultura na região do Norte como também a formação de mão de obra qualificada na área naval, no comércio, na indústria e nas artes (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>27</sup>

*“As duas Academias [...] desempenharam um papel de relevo na formação educativa da juventude portuense e contribuíram de forma notável para a elevação do nível cultural e científico da cidade, e, de uma maneira geral, da região nortenha. Ainda que desprovidas dos estatutos de universidades, tanto pela sua acção pedagógica, como pelo seu valor científico, podem ser consideradas como verdadeiros institutos universitários.”* (AZEVEDO, 1982: 148)

Em 1825 é fundada a primeira escola médica do Porto, a Real Escola de Cirurgia. Posteriormente, em 1836, é transformada na Escola Médico-Cirúrgica, mostrando a já existente vontade em investir noutras áreas de formação. Contudo, as ligações entre instituições originárias e instituições que começavam a ser fundadas não ficavam por aí. Por exemplo, a Aula de Debuxo e Desenho originou outros estabelecimentos de ensino, nomeadamente a Academia Portuense de Belas Artes (1836), mais tarde Escola Portuense de Belas Artes (1881), e a Escola Superior de Belas Artes do Porto (1950). Nesta ordem de ideias, as instituições referidas representam os antecedentes das atuais Faculdade de

---

<sup>27</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

Arquitetura e Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Apesar de inicialmente a Universidade do Porto ter como alicerces a Faculdade de Ciências e a Faculdade de Medicina, ao longo do tempo procurou diversificar os cursos até então lecionados, garantindo diversas opções de estudo e ainda a autonomização dos estabelecimentos de ensino, como o caso da Faculdade Técnica em 1915 que, mais tarde, deu lugar à Faculdade de Engenharia (FERNANDES; RIBEIRO, 2001).<sup>28</sup>

Contudo, uma vez que a época de sistematização e crescimento da Universidade do Porto tomou lugar durante um período particularmente complicado a nível político-militar, houve faculdades que sofreram diversas mudanças, como nos casos da Faculdade de Letras e da Faculdade de Economia. Enquanto a primeira foi dissolvida para ser restaurada em 1961, a segunda só foi efetivamente fundada em 1953. Por fim, após a revolução de 25 abril de 1974, a Universidade começa finalmente a atingir os planos académicos aos quais se propôs inicialmente. Nesse sentido, às faculdades já existentes, foram acrescentadas oito instituições, perfazendo o seguinte total:<sup>29</sup>

1. Faculdade de Ciências (**1911**)
2. Faculdade de Medicina (**1911**)
3. Faculdade de Letras (1919, **1961**)
4. Faculdade de Farmácia (1911, **1921**)
5. Faculdade de Engenharia (1911, **1926**)
6. Faculdade de Economia (**1953**)
7. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (**1975**)
8. Faculdade de Arquitetura (**1979**)
9. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (**1980**)
10. Faculdade de Desporto (1975, **1989**)
11. Porto Business School (1988)
12. Faculdade de Medicina Dentária (1976, **1989**)
13. Faculdade de Belas Artes (**1992**)

---

<sup>28</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>

<sup>29</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/kJQ43C>

14. Faculdade de Direito (**1994**)

15. Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação (**1999**)

Atualmente, a Universidade do Porto disponibiliza um programa que conta com catorze faculdades e uma escola de pós-graduação, a Porto Business School, com a presente designação desde o ano de 2008 (FERNANDES; RIBEIRO, 2001). <sup>30</sup> Tendo recebido inúmeros prémios e aclamações a nível internacional, é hoje considerada uma das melhores Universidades do mundo. A Universidade do Porto construiu um caminho de prestígio inegável que, certamente, não ficará esquecido na história.

---

<sup>30</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5ycVR>



## Capítulo II- Património universitário: preservação e divulgação

### 1. Breves notas acerca da evolução do conceito de Património

Apesar de se tratar de um conceito que atualmente interessa não só à sociedade como também a grandes entidades que se relacionam com a preservação patrimonial, o termo “património” apenas começou a ser utilizado na sua plenitude a partir do século XIX. Com antecedentes que remontam a longos séculos atrás, o termo sofreu, com o avanço do tempo, severas mudanças que se prendem com questões relativas ao seu significado.

Nos dias de hoje, a palavra “património” não se remete apenas a um determinado contexto a que outrora pertenceu. É perfeitamente possível relacionar este termo com inúmeras temáticas nunca antes associadas ao mesmo e que agora nele se enquadram. Segundo C.A. Ferreira de Almeida, *“o património deixou de estar apenas presente nos intentos e nas intervenções das associações que se interessam pela sua defesa, isto é, pelo estudo e salvaguarda de valores com assinalável significado estético e cultural de uma sociedade.”* (ALMEIDA, 1998: 1) Neste sentido e dada a sua incerteza, torna-se fundamental entender o conceito na sua plenitude, verificando até onde se estendem os seus limites.

Tratando-se de uma palavra com um relevante contexto histórico, é necessário compreender o porquê da mesma, outrora associada a uma sociedade fixa no passado e aparentemente assente nas questões familiares, económicas e jurídicas, se tornou num conceito nómada que atualmente caminha para vertentes nunca antes pensadas. (CHOAY, 2006: 19) Uma vez que o conceito de “património” foi, ao longo da história, visto perante essa definição, o que terá ocorrido para que esta tenha sido tão drasticamente alterada num passado recente? É por isso crucial rever o percurso deste termo, revisitando as suas raízes e a sua evolução até aos dias de hoje.

Conforme mencionamos previamente, houve uma mudança significativa na

forma de definir “património.” Uma dessas razões deve-se ao facto de, na década de 60, André Malraux estar a cargo do atual Ministério da Cultura Francês. Responsável pela pasta cultural do país, tratou-se de uma figura fundamental para a nova interpretação do termo. Devido ao seu trabalho, foi criada uma série de iniciativas nos anos posteriores à sua estadia no governo francês, entre elas: *Inventário do Património* (1964); *Direção do Património* (1978); as *Jornadas do Património* (1980) e, principalmente, a lei da descentralização de 7 de julho de 1983, artigo 1111 que “integra o património nacional”. (DESVALLÉS, et. al, 1995 *apud* CHOAY, 2006: 18-19) A França revela-se, nesta ordem de ideias, um país essencial no que se refere à quebra do conceito de “património” com a caracterização anterior, abrindo espaço para o início da expansão e desenvolvimento do mesmo. Marcando os anos 60 como período de referência e difusão deste novo olhar acerca do Património, André Desvallés salienta que quando o Estado Francês utilizou a referida palavra, esta acabou por também enquadrar a noção de “monumento histórico”, motivo pelo qual ambas as definições acabaram por ser confundidas em vez de serem vistas como dois conceitos distintos, mas que, em simultâneo, se relacionam. De acordo com Françoise Choay, “o conceito de monumento histórico não é apenas uma subcategoria do conceito de património, mas [...] contaminou a sua constituição.” (CHOAY, 2006: 22) Até à referida década, o termo “património” havia sido empregue em somente dois períodos específicos da história. O primeiro, aquando da Revolução Francesa de 1789, refere-se aos bens nacionalizados da Igreja e da Monarquia, tendo-se tornado em “património de todos.” (CHOAY, 2006: 19)

*“O atual sentido dominante começou a aparecer, furtivamente, aquando da Revolução Francesa [...] alguns responsáveis políticos daquele tempo, culturalmente lúcidos, começaram a falar, metaforicamente, no «património artístico e monumental da nação» que era necessário salvaguardar, tentando, assim, sensibilizar as pessoas para o seu respeito. Passados esses tempos revolucionários, o termo «património» com este sentido foi sendo esquecido.”* (ALMEIDA, 1998: 3)

Já o segundo momento, também um marco da nossa história, trata-se da Primeira

Guerra Mundial, pelo que, neste contexto, o uso da palavra serviu para abordar a *bárbarie* da Guerra. (ROLLAND, 1915 *apud* CHOAY, 2006: 19) Num outro sentido, foi ainda utilizada aquando do congresso “a conservação artística e histórica dos monumentos”, referindo que o património artístico e arqueológico da humanidade teria interesse para a comunidade de Estados (CHOAY, 2006: 19).

Para além dos acontecimentos históricos acima descritos, existiu outro período que se revelou bastante decisivo para a questão. A Revolução Industrial, que teve um papel de relevo não só em França como também na Grã-Bretanha, denuncia um esforço das grandes potências mundiais no que concerne à proteção e conservação das suas “antiguidades”. Uma vez que houve um rasto de destruição para permitir a ascensão desta revolução, tornou-se essencial, nomeadamente para as referidas nações, haver um outro olhar de perseverança face ao seu imponente espólio artístico. Com as marcas do passado a desaparecer, dando uma inevitável resposta ao avançar dos tempos, este fenómeno finalmente captou a atenção a quem de direito. Existindo a consciência de que seria necessário recorrer a mecanismos cuja função incluísse a salvaguarda de monumentos, surgiram iniciativas que, conforme mencionamos anteriormente, assegurassem tal. Regressando ao conceito de “antiguidades”, este remonta até à Itália Renascentista do *Quattrocento*. Tendo sido, na época, associado ao passado material das sociedades, a partir da Revolução Industrial, acaba por existir sob a designação de “monumentos históricos” na sua vertente histórico-artística. Esta nova aceção do termo acaba por relevar uma ocorrência que até à data não fora tida em conta: até ao começo da década de 60, esta prática era tomada apenas pela Europa Ocidental. Para atestar esse acontecimento, existe a lista de países presentes tanto na redação da Carta de Atenas (1931) como na Carta de Veneza (1964). Tendo em conta que na primeira conferência de 1968 todos os representantes eram estados-membros Europeus, na segunda houve a inclusão de nações não pertencentes à Europa, pelo que o avanço do tempo ditou uma maior preocupação a nível mundial face à conservação e restauro de monumentos (CHOAY, 2006: 20-21).

<b>Carta de Veneza (1964) - Carta internacional sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios</b>
<b>Representantes pertencentes ao comité de redação da Carta</b>
Pietro Gazzola (Itália) Presidente, Raymond Lemaire (Bélgica) Relator, <b>Carlos Flores Marini (México)</b> , Dioclecio Redig de Campos (Santa Sé), Djurdje Boskovic (Jugoslávia), Eustathios Stikas (Grécia), François Sorlin (França), Sr. <sup>a</sup> Gertrud Tripp (Áustria), Harald Langberg (Dinamarca), Harold Plenderleith (ICROM), Hiroshi Daifuku (UNESCO), José Bassegoda-Nonell (Espanha), Jan Zachwatowicz (Polónia), Jean Merlet (França), Jean Sonnier (França), Luís Benavente (Portugal), Mario Matteucci (Itália), Mustafa S. Zbiss (Tunísia), P. L. de Vrieze (Países Baixos), Paul Philippot (ICROM), Roberto Pane (Itália), S. C. Jakub Pavel (Checoslováquia) e <b>Víctor Pimentel Gurmendi (Peru)</b>

Tabela 8- Lista de países que participaram na redação da Carta de Veneza <sup>31</sup>

Nesta ordem de ideias, torna-se crucial entender o porquê dos anos 60 representarem um marco tão importante no que concerne à difusão da noção do património. Segundo Françoise Choay, podemos atribuir esse fenómeno à revolução eletro-telemática. Esta, na sequência do que havia sucedido com a questão da proteção dos “monumentos históricos”, é também uma aposta Europeia. Tendo obtido bastante êxito aquando a sua expansão mundial, esta revolução cultural necessita de ser averiguada de forma exímia. Apelando não só ao desenvolvimento cultural como também físico e mental da sociedade, representa um ponto de viragem daquela que é hoje a nossa constante procura pela perceção do conceito de património. “[...] *é no horizonte da mundialização, do seu impacto nas sociedades e da crise de valores assim produzida que devemos interrogar a noção atual de património e decifrar o seu sentido.*” (CHOAY, 2006: 21-22). De salientar que durante muito tempo apenas Leon Battista Alberti e John Ruskin procuraram ver para além da dialética entre conservação do passado e a inovação, isto é, preocupando-se com a questão olhando-a sob um ponto de vista antropológico sem lhes ter sido imposta qualquer imposição histórica. O esclarecimento desta temática é claramente perceptível nas palavras de Françoise Choay, “[...] *o triunfalismo hegemónico da técnica tornada «tecnologia», mostram que a revolução electro-telemática, hoje promovida por uma forma inédita e radical do capitalismo, põe em questão e em perigo*

<sup>31</sup> ICOMOS- Carta de Veneza (1964). [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/EfDPu6>

*a identidade do género humano ou, por outras palavras, da nossa condição de seres vivos dotados de palavra, ou ainda o nosso estatuto antropológico.*” (CHOAY, 2006: 28).

Neste sentido, dado o grande impacte da difusão desta recente revolução, torna-se imperativo averiguar as suas repercussões. Uma das premissas que foi drasticamente afetada pela mesma, trata-se da questão do funcionamento do nosso corpo. E de que forma? O nosso corpo, enquanto intermediário que permite a interação com outros seres humanos, tem ainda a capacidade de assimilar memórias, de assegurar a nossa própria identidade nos mais variados contextos e de preservar o nosso contributo para a estruturação das sociedades (CHOAY, 2006: 31). Assim, a revolução pretende indagar este processo, colocando em causa a nossa própria identidade. Num apelo a que a sociedade nunca perca a sua condição humana, Claude Lévi-Strauss salienta que “[...] não existe, não pode existir uma civilização mundial no sentido absoluto que muitas vezes damos a este termo, uma vez que a civilização implica a coexistência de culturas, oferecendo entre elas o máximo de diversidade, e consiste mesmo nesta coexistência [...] é a diversidade que deve ser salva, não o conteúdo histórico que cada época lhe deu e que nenhuma saberia perpetuar para além de si própria” (STRAUSS, 1973 *apud* CHOAY, 2006: 30) pelo que, neste sentido, se torna crucial alcançar um dinamismo que permita, conforme formulamos previamente, uma conciliação entre o passado e o futuro no espaço urbano, tendo em conta de que cada caso é um caso.

O *modus operandi* da revolução eletro-telemática consiste na utilização de mecanismos sofisticados cuja função é “*pôr de parte o corpo mediador e, a coberto de uma enganadora apologia mediática, a reduzi-lo ao estatuto de objeto de consumo.*” (MARCUZZI, et. al, 1998 *apud* CHOAY, 2006: 31-32). De uma outra forma, a revolução eletro-telemática trata-se de um sintoma do processo de mundialização, que inclui o constante desenvolvimento não só das redes de comunicação, como também dos aparelhos eletrónicos. Isto resulta numa outra forma de pensar os monumentos históricos, na medida em que se pretende levar o património para o campo da comercialização. Vivendo numa época em que os meios de comunicação são imprescindíveis, estes acabam por se tornar cada vez mais numa essencial ferramenta de divulgação patrimonial aliada, conseqüentemente, ao Turismo (questão a revisitar no fim deste capítulo, que refere o

modo como o Turismo representa um aliado na projeção do património da Universidade do Porto e respetivos Museus). Contudo, e apesar de disponibilizarem conteúdos cruciais que permitem a salvaguarda patrimonial, as primeiras noções e valores relativos à preservação, restauro e até mesmo face à evolução dos conceitos de património e monumento histórico, devem ser relembrados, evitando o seu desaparecimento numa era em que os dispositivos e meios eletrónicos detém a palavra do dia.

Voltando à questão do termo “património”, tendo em conta a sua evolução descrita anteriormente, trata-se atualmente de um conceito bastante rico, com um novo sentido cada vez mais amplo, sendo possível remetê-lo para uma simples, mas concisa definição “[...] *um conjunto de bens que uma geração sente que deve transmitir às seguintes porque pensa que esses bens são um talismã que permite a uma determinada sociedade compreender o que ela foi, o que ela é e o que ela poderá ser.*” (LENIAUD, 1992: 3 *apud* ALMEIDA, 1998: 3). Para que se possa entender esta designação na sua plenitude, há que ter em conta a definição de “monumento”, uma vez que, por norma, existe dúvida quanto à relação entre ambos os termos. Monumento, palavra derivada do latim *monumentum* que, por sua vez, deriva do verbo *monere* - “lembrar”. Trata-se de uma palavra cujo intuito é remeter à memória. Incide, neste sentido, à recordação de lugares, de uma sociedade, de passados em comum e, sobretudo, de uma identidade social. Contudo, há que salientar a diferença entre “monumento” e “monumento histórico” (CHOAY, 1999: 24-25). O segundo termo trata-se de “[...] *um objeto escolhido num corpus de edifícios preexistentes devido ao seu valor histórico, artístico, tecnológico, não se destinando à memória viva, mas sim à memória intelectual*” (BLANES, 2016: 38).<sup>32</sup>

Recordando a transição do século XIX para o século XX, para além da abordagem a “monumento histórico”, há também registos acerca do termo “monumento nacional”. Esta época de passagem, vincada pelo fenómeno da “nacionalização”, introduz este conceito que surge no âmbito das afirmações culturais e artísticas por parte dos países europeus, tão bem explícito na obra *O Culto Moderno dos Monumentos* (1906) de Alois

---

<sup>32</sup> BLANES, Fátima de Llera. (2016). A preservar e a pensar o futuro do património. *In Situ*. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/EaD2o1>

Riegl. Nesta ordem de ideias, e resultado, conforme referimos no começo deste capítulo, dos enormes estragos causados pela *bárbarie* das duas Grandes Guerras, torna-se evidente a necessidade de proteger e preservar o património não só em algumas vertentes, mas na sua totalidade. Neste sentido, surgem ainda novas designações mais amplas a seu respeito. Numa fase inicial, falou-se em “património europeu”, porém, através dos resultados obtidos pela UNESCO, por intermédio da Conferência de Nairobi (1976), abre-se caminho para se falar em “património mundial” e, conseqüentemente, em “património natural e cultural” (ALMEIDA, 1998: 2-4). Contudo, apesar das conclusões desta conferência representarem tempos de mudança no que concerne à proteção do património, os esforços nesse sentido já começavam muito antes da referida conferência. (ver apêndice II)

De algumas décadas até à atualidade, têm vindo a realizar-se reuniões de carácter científico tanto a nível nacional como internacional por parte de, por exemplo, da UNESCO, do ICOMOS, do Conselho da Europa e até mesmo dos Ministérios da Cultura dos países mundiais cujo um dos intuitos é a preocupação pelo Património enquanto valor de identidade, memória de uma comunidade e como qualidade de vida. Nesse sentido, e não esquecendo as questões que se prendem com o restauro, há que ter em atenção a ascensão da classificação patrimonial. Esta revela-se fundamental na medida em que as suas intervenções foram essenciais na inserção do valor de uso, prática utilizada no que diz respeito a imóveis classificados. O Homem, naturalmente curioso a nível científico e cultural, acaba por sentir a necessidade de classificar património no caso da sua conservação se encontrar em risco (ALMEIDA, 1998: 2-7).

*“À semelhança das pessoas que, se não tiverem os seus sítios de memória estão alienadas e têm uma vida sem sentido, também as comunidades, enquanto tais, necessitam de ancoradouros de memória, de sítios, de valores e de padrões, isto é, um Património que seja o fundamento da sua consciência e lhes garanta a perspetivação do futuro [...] não pode ser olhado apenas como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado mas, antes, como algo que tem de fazer parte do nosso presente.”* (ALMEIDA, 1998: 7-8)

Em suma, a “patrimonialização” assume uma tendência em se identificar com a qualidade de vida. Por esse motivo, o património, para poder ser designado como tal, tem de estar, de alguma forma, vivo e presente (ALMEIDA, 1998: 8).

## **2. A questão da proteção patrimonial**

No seguimento das ideias que transmitimos anteriormente, ficou vincada a ascensão da proteção patrimonial. O património, tratando-se de uma herança ou de um conjunto de bens de enorme valor, acaba por suscitar bastantes incertezas quanto à sua designação, podendo a mesma ser adjetivada pelas várias tipologias que o possam integrar. Neste caso, no que toca à sua proteção e, mais especificamente, ao caso da salvaguarda do património universitário, torna-se necessário formular três questões cruciais para o seu perfeito entendimento (ALMEIDA, 1998: 8).

O primeiro tópico remete para o motivo pelo qual o património deve ser protegido. Para começar, é fundamental uma consciencialização da importância que é o fator de assumir património. É através deste ponto de partida, aliado à respetiva classificação enquanto instrumento de salvaguarda, que se obtém o valor patrimonial do imóvel em questão. Deste modo, o ato de classificar um edifício, por exemplo, requer uma certa atenção no que concerne à sua notoriedade. Neste sentido, se se tratar de uma classificação que tenha como mediador uma determinada entidade, criar-se-á uma ligação da mesma com o edifício a ser classificado, proporcionando um laço cultural entre o mesmo e a sociedade. Para ser integrado com sucesso na sociedade, é evidente que o monumento terá de ser aceite pela própria, não sendo suficiente a preocupação quanto à sua proteção (ALMEIDA, 1998: 9-10).

Já o segundo tópico tem como principal foco a delimitação do que pode ser elegível para classificação. Há uma discrepância de opiniões relativamente a esta temática, no sentido em que enquanto alguns autores defendem que apenas os monumentos fundamentais devem ser classificados (pelo que, assim sendo, teria de se formular ou rever uma lista de critérios para verificar quais os monumentos que possuam os fatores que os podem considerar fundamentais), outros, ao invés, sugerem um conceito mais amplo de classificação patrimonial. Assim, torna-se crucial a formulação de medidas



que previnam más decisões provenientes desta dicotomia, sendo que uma delas passa por assegurar profissionais de alto nível que garantam que o património a ser classificado, para além de necessariamente possuir valor que estimule os pressupostos culturais, deve ainda garantir uma coerente ligação entre os monumentos existentes e os monumentos classificados. Deve, por conseguinte, ser alcançado um equilíbrio entre o antigo e o novo, não retirando mérito ao primeiro, há que permitir espaço para o segundo, também este com as suas qualidades. Ambos têm as suas vantagens, apesar do antigo possuir um maior valor devido à sua raridade (ALMEIDA, 1998: 11). Aqui se salienta a questão da dicotomia entre os valores de antiguidade e novidade conforme Alois Riegl os caracterizou. Ao passo que o valor de antiguidade, de raiz científica, tem como propósito fundamental o uso prático e contínuo de um monumento, o valor de novidade apenas pode ser preservado de uma forma que contradiz o valor de antiguidade, motivo pelo qual se assume como o seu maior rival (RIEGL, 1903: 54-71). Nesta ordem de ideias, atualmente a classificação patrimonial remete-se não só ao monumento em si como também ao espaço no qual este se insere. Da mesma forma que tem de criar uma ligação com a sociedade, também sente a necessidade de se conectar com o espaço urbano no qual se encontra, motivo pelo qual a classificação de património é vista como um todo que vai permanecer na memória histórica (ALMEIDA, 1998: 11).

Por fim, o último tópico refere-se à ampliação e aos respetivos limites da classificação patrimonial, tal como confirma a Lei-Base do Património Cultural nº 107/2001 de 8 de setembro através da identificação das seguintes tipologias patrimoniais: património arqueológico; património arquivístico; património audiovisual; património bibliográfico; património fonográfico e, por fim, património fotográfico.<sup>33</sup>

No panorama português atual, não é possível proteger tudo o que manifesta interesse devido à multiplicação de patrimónios que, por sua vez, gera impasses em termos políticos. A classificação patrimonial, sendo um fator bastante positivo, traz consigo a ampliação do mesmo, que, aparentemente, terá os seus limites. Assim, esta

---

<sup>33</sup> DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. Lei-Base do Património Cultural nº 107/2001 de 8 de setembro. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/6duWw1>

pretensão de que tudo um pouco deve ser classificado, é apelidada de *complexo de Noé*. Uma vez que cada geração tem toda a legitimidade de criar e deixar a sua marca na sociedade, até porque o património se trata, como já referido, de uma herança, pelo que se têm de se rever os limites impostos à ampliação patrimonial de modo a alcançar-se um plano justo e versátil. Assim, a comunidade, consciente da sua ligação com o património, deve assumi-lo. É necessário que as classificações patrimoniais acompanhem a extensão do conceito de património, conhecendo os seus respetivos valores para que este, por sua vez, se possa tornar num trunfo para a melhoria da vida social e cultural das comunidades (ALMEIDA, 1998: 4-17). Esta ideia é, assim, atestada pela *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*, assinada em Faro em 27 de outubro de 2005, nomeadamente através dos seguintes Artigos:

- Art. 1.º a) *reconhecer que o direito ao Património cultural é inerente ao direito de participar na vida cultural, tal como definido na Declaração Universal dos Direitos do Homem;*
- Art. 1.º c) *salientar que a preservação do património cultural e a sua utilização sustentável têm por finalidade o desenvolvimento humano e a qualidade de vida;*
- Art. 2.º b) *uma comunidade patrimonial é composta por pessoas que valorizam determinados aspetos do património cultural que desejam, através da iniciativa pública, manter e transmitir às gerações futuras;*
- Art. 4.º a) *que cada pessoa, individual ou coletivamente, tem o direito de beneficiar do património cultural e de contribuir para o seu enriquecimento;*
- Art. 5.º a) *reconhecer o interesse público inerente aos elementos do património cultural em função da sua importância para a sociedade;*
- Art. 5.º e) *promover a proteção do património cultural como elemento central dos objetivos conjugados do desenvolvimento sustentável, da diversidade cultural e da criação contemporânea;*

- Art. 7.º c) *aumentar o conhecimento do património cultural como um modo de facilitar a coexistência pacífica, promovendo a confiança e compreensão mútua, tendo em vista a resolução e prevenção de conflitos;*
- Art. 8.º c) *reforçar a coesão social, favorecendo um sentido de responsabilidade partilhada face ao espaço de vida em comum.*<sup>34</sup>

## 2.1. Universidades Património Mundial (UNESCO)

No seguimento do que explicamos previamente em relação à classificação patrimonial nas suas três principais vertentes, no que se refere aos tipos de património há um que, especialmente, nos toca: o património universitário. Não se tratando de um tema que possua bastantes estudos a seu respeito, podemos afirmar, após investigação, que se trata de uma vertente patrimonial com ainda muito caminho a percorrer, necessitando, fundamentalmente, de desenvolvimento e divulgação por partes das entidades responsáveis. Precisamente por não existirem, até à data, monografias ou artigos científicos que remetam para a temática, a síntese que se segue acerca do percurso das Universidades Património Mundial reconhecidas pela UNESCO, tem por base a obra *Declaración de Alcalá sobre la Protección, Conservación y Difusión del Patrimonio Universitario* (2013) redigida pelos seus representantes em Alcalá de Henares, assim como a secção *World Heritage List* do site da UNESCO, uma ferramenta *online* que se revelou uma mais valia na composição desta investigação. É, por isso, crucial o apelo a estudiosos e investigadores da temática, não esquecendo os esforços em crescendo da UNESCO na exploração do seu potencial histórico-cultural.

Tendo em conta que o Estágio Curricular a que este Relatório de Estágio se refere foi realizado no âmbito do Museu Digital da Universidade do Porto, tornou-se imprescindível a realização de um estudo que retratasse a importância da difusão do património universitário. Para que tal fosse possível, recorremos a uma investigação cujo foco fosse a perceção das Universidades que foram declaradas Património Mundial.

---

<sup>34</sup> DGCP. Direção-Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/tQ1SDX>

Numa curta lista onde figuram apenas cinco instituições académicas de três continentes diferentes, Portugal encontra-se representado através da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia desde o ano de 2013, sendo, até à data, o mais recente estabelecimento de ensino a integrar o pequeno núcleo reconhecido pela UNESCO. Na abordagem a esta temática, foi nossa opção não traduzir o nome das universidades em questão, isto é, designando-as conforme o seu nome no país de origem.

Não sendo nossa pretensão a sugestão da Universidade do Porto a uma candidatura a Património Mundial, o estudo dos critérios de seleção da entidade revela-se bastante relevante não só para a compreensão da magnitude desta tipologia patrimonial, como também para a sua valorização cultural. Ao longo desta investigação foi-nos plenamente perceptível que esta se trata de uma temática em bruto, com uma grande tendência a transformar-se num fenómeno em ascensão.



Figura 5- Universidades Património Mundial (UNESCO) <sup>35</sup>

**Legenda:** University of Virginia | **Universidad de Alcalá de Henares** | **Universidad Central de Venezuela** | **Universidad Nacional Autónoma de México** | **Universidade de Coimbra- Alta e Sofia**

<sup>35</sup> Francisca Vasconcelos. Universidades Património Mundial (UNESCO) in *Google Maps*. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/L78EaG>

### 2.1.1. University of Virginia, Charlottesville (Estados Unidos da América)

A primeira universidade a ser considerada Património Mundial foi a University of Virginia, situada na cidade de Charlottesville nos Estados Unidos da América. Inscrita na Lista da UNESCO desde o ano de 1987, trata-se de um edifício projetado por Thomas Jefferson.<sup>36</sup> Este, tratando-se de uma das figuras mais históricas do referido país, foi o terceiro Presidente dos EUA, sendo um dos grandes responsáveis pela criação da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América (1776). Contudo, para além de estar envolvido na vida política, era também arquiteto. Foi assim que desenhou Monticello entre os anos de 1769 e 1806, um palacete no qual vivia. Não obstante, Jefferson possuía o sonho de realizar nas imediações de Monticello uma cidade universitária, uma prática bastante comum nos dias de hoje. No sentido dessa vontade, criou a conhecida Academic Village entre 1817 e 1828, sendo que ainda nos dias de hoje se encontra no centro da University of Virginia.<sup>37</sup> É na sequência destes dois fatores que a UNESCO reconhece ambos os edifícios como Património Mundial, motivo pelo qual os seus nomes se encontram juntos na sua formalização enquanto World Heritage Site (*Monticello and the University of Virginia in Charlottesville*). Arquiteto de natureza neoclássica, Jefferson optou por seguir um modelo possivelmente por influência da antiga Roma, sendo exemplo disso a cópia a meia escala do Panteão de Roma, que alberga a biblioteca da universidade.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Google Street View. University of Virginia, Charlottesville. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/riZWLM>

<sup>37</sup> UNESCO. Monticello and the University of Virginia in Charlottesville. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/xpCKUI>

<sup>38</sup> *Ibidem*.



Figura 6- Fachada da University of Virginia na cidade de Charlottesville, Estados Unidos da América

Fotografia UVAToday <sup>39</sup>

### 2.1.2. Universidad de Alcalá de Henares (Espanha)

A segunda instituição de ensino que integrou o crescente grupo de Universidades reconhecidas pela UNESCO, foi a Universidad de Alcalá de Henares, situada em Espanha, em 1998.<sup>40</sup> Localizada na Comunidad de Madrid, uma comunidade autónoma espanhola com a mesma capital, trata-se da primeira cidade universitária planeada do mundo, fundada pelo Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros no século XVI. Conceito urbano que os missionários espanhóis implantaram no continente americano, terá sido, possivelmente, um dos fatores que inspirou Thomas Jefferson a construir a sua Academic Village dois séculos mais tarde. Sendo considerada o modelo original de *Civitas Dei* (Cidade de Deus), Alcalá de Henares foi concebida com o intuito exclusivo de albergar uma Universidade, motivo pelo qual todo o perímetro à volta da mesma é também considerado Património Mundial (formalmente, *Universidad y Recinto Historico de Alcalá de Henares*). Nesse sentido, o recinto do World Heritage Site começa na Plaza de Cervantes, estendendo-se até à cidade histórica de cariz medieval. Destaca-se o Colegio Mayor de San Ildefonso, com a Capella de San Ildefonso de arquitetura mudéjar,

<sup>39</sup> UVAToday. Jornal *online* da University of Virginia. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/mdZhLp>

<sup>40</sup> Google Street View. Universidad de Alcalá de Henares. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/v5HYB5>

caracterizada pela sobriedade dos seus elementos.<sup>41</sup> No presbitério da mesma, encontra-se o túmulo do criador da Universidade, Cardeal Cisneros, conforme se visualiza ao visitar o edifício através da plataforma *Google Maps*.<sup>42</sup>



Figura 7- Fachada da Universidad de Alcalá de Henares, Espanha

Fotografia CulturAlcalá <sup>43</sup>

### 2.1.3. Universidad Central de Venezuela

Já no ano de 2000, foi a vez da Universidad Central de Venezuela ser eleita Património Mundial, tornando a América do Norte e a América do Sul os únicos subcontinentes americanos a conquistar tal louvor até à data, uma vez que, nessa altura, a Universidade Nacional Autónoma do México ainda não tinha sido reconhecida como tal.<sup>44</sup> Também conhecida por Ciudad Universitaria de Caracas, trata-se de um projeto assinado pelo arquiteto Carlos Raúl Villanueva levado a cabo entre a década de 40 e a década de 60. O campus inclui construções arquitetónicas de renome referentes à arte moderna rodeadas por um amplo espaço de jardins que contém, inclusive, um Jardim Botânico. Estes fatores resultam na criação de um espaço bastante dinâmico na medida em que concretizam uma harmonia entre o património edificado e a natureza, tirando

---

<sup>41</sup> UNESCO. University and Historic Precinct of Alcalá de Henares. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/HfWq8P>

<sup>42</sup> Google Street View. *Google Maps*. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/v9yKnt>

<sup>43</sup> CulturAlcalá, Agenda Cultural de Alcalá de Henares. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/MJB6nV>

<sup>44</sup> Google Street View. Universidad Central de Venezuela. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/EfkbDm>



proveito do clima tropical do país. De salientar que a Universidade possui o aclamado auditório Aula Magna com a obra *Clouds* de Alexander Calder, o único Estádio Olímpico da Venezuela e a Plaza Cubierta, que representa o centro da Universidade.<sup>45</sup>



Figura 8- Universidad Central de Venezuela  
Fotografía Diario Contraste <sup>46</sup>

#### 2.1.4. Universidad Nacional Autónoma de México

A Universidad Nacional Autónoma de México foi elevada ao estatuto de Património Mundial no ano de 2007.<sup>47</sup> Construída entre 1949 e 1952 por um extenso grupo de colaboradores que incluiu 60 arquitetos, engenheiros e artistas, representa um projeto que é exemplo da arte moderna do século XX. Tal verifica-se através da obtenção de um campus que, para além de conjugar arquitetura e urbanização, faz referência à cultura histórica do país, obtendo-se um jogo artístico de enorme valor patrimonial. Assim, a UNAM, oficializada pela UNESCO como Central University City Campus of the *Universidad Nacional Autónoma de México*, é o ícone representante da América Latina do modernismo aliado à tradição. <sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> UNESCO. Ciudad Universitaria de Caracas. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/jSpSe>

<sup>46</sup> Diario Contraste. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/kLfMSX>

<sup>47</sup> Google Street View. Universidad Nacional Autónoma de México. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/kFzVnu>

<sup>48</sup> UNESCO. Central University City Campus of the Universidad Nacional Autónoma de México [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Y5MHKJ>



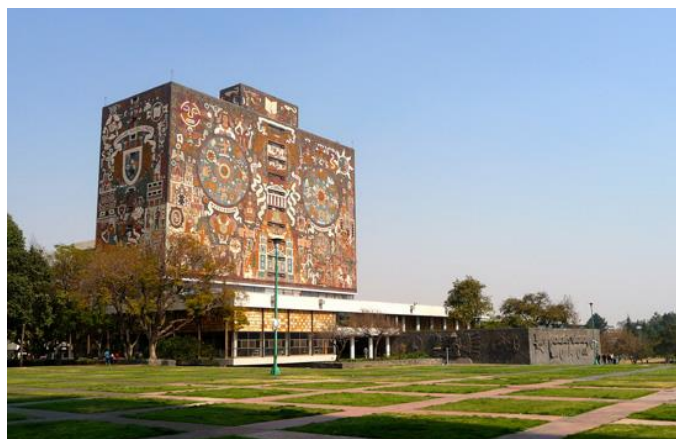


Figura 9- Universidad Nacional Autónoma de México  
Fotografia ‘stilo’<sup>49</sup>

### 2.1.5. Universidade de Coimbra – Alta e Sofia (Portugal)

Por último, a mais recente entrada neste restrito grupo de instituições académicas Património Mundial, é portuguesa e trata-se da Universidade de Coimbra –Alta e Sofia, tendo oficialmente recebido tal louvor no ano de 2013.<sup>50</sup> Fundada enquanto academia em finais do século XIII, foi inicialmente estabelecida no então Paço Real da Alcáçova, atual Paço das Escolas.<sup>51</sup> Aquando a sua criação, a Universidade foi estrategicamente colocada no topo da cidade velha de Coimbra, daí ter recebido a designação “Alta”. Já o nome “Sofia”, remete para a Rua da Sofia, rua que representa a consolidação da cidade conimbricense enquanto Pólo Universitário.<sup>52</sup> Contudo, a cidade universitária conforme a vemos hoje, só começou a ser construída na década de 40, criando uma notória separação entre a mesma e a restante cidade, um fator revolucionário na época. É, por isso, uma das maiores influências nacionais não só pela sua tendência urbanística, como também pela sua biblioteca joanina que, sendo um dos maiores exemplos do Barroco

<sup>49</sup> ‘stilo, revista. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/pJvTg2>

<sup>50</sup> Google Street View. Universidade de Coimbra – Alta e Sofia. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/EmqhYt>

<sup>51</sup> Universidade de Coimbra. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/inDN24>

<sup>52</sup> DGPC. Direção-Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/65HUWR>

Português, é considerada uma das bibliotecas mais ricas da Europa.<sup>53</sup> De salientar, ainda, o Jardim Botânico nas suas imediações, datado do século XVIII.<sup>54</sup>



Figura 10- Universidade de Coimbra – Alta e Sofia, Portugal  
Fotografia Visit UC <sup>55</sup>

No seguimento das breves notas referentes às Universidades que, atualmente, são reconhecidas como Património Mundial pela UNESCO, há que realçar que, para apenas este grupo restrito de instituições académicas terem sido elevadas a tal estatuto, tendo em conta a panóplia de estabelecimentos de ensino existentes a nível mundial, as cinco eleitas terão, naturalmente, de possuir particularidades que as enaltecem perante as demais. De acordo com a Vice-Reitora da Universidade de Coimbra, Clara Almeida Santos, “[...] existem outras universidades que estão incluídas em zonas classificadas pela UNESCO, mas este grupo apresenta características diferentes: a Universidade da Virgínia, a Universidade de Alcalá, a Universidade Central da Venezuela, a Universidade Autónoma do México e a Universidade de Coimbra, foram distinguidas pelo património exclusivamente universitário nas suas vertentes científica, cultural e artística, com a força do edificado que a sustenta.”<sup>56</sup> Neste sentido, de modo a que seja possível constatar se uma universidade candidata à World Heritage List possui os fatores

---

<sup>53</sup> Universidade de Coimbra. [consultado em nov 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/K7YX6z>

<sup>54</sup> UNESCO. Universidade de Coimbra – Alta e Sofia. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/nXqLuW>

<sup>55</sup> Visit Universidade de Coimbra. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/eOspiA>

<sup>56</sup> Notícias da Universidade de Coimbra, Clara Almeida Santos. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/7cJKzZ>

cruciais acima mencionados, foi necessária a criação de uma lista com dez critérios exímios, sendo que apenas quatro deles, até à data, foram utilizados como ponto de referência. Assim, para que um determinado monumento seja considerado património mundial da UNESCO, tem de pelo menos preencher um critério da seguinte lista:

- i. **To represent a masterpiece of human creative genius;**
- ii. **To exhibit an important interchange of human values, over a span of time or within a cultural area of the world, on developments in architecture or technology, monumental arts, town-planning or landscape design;**
- iii. To bear an unique or at least excepcional testimony to a cultural tradition or to a civilization winch is living or winch has disapppered;
- iv. **To be an outstanding example of a type of building, architectural or technological ensemble or landscape winch illustrates (a) significant stage (s) in human history;**
- v. To be an outstanding example of a traditional human settlement, land-use, or sea-use which is representative of a culture (or cultures), or human interaction with the environment especially when it has become vulnerable under the impact of irreversible change;
- vi. **To be directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literaly works of outstanding universal significance;**
- vii. to contain superlative natural phenomena or areas of exceptional natural beauty and aesthetic importance;
- viii. to be outstanding examples representing major stages of earth's history, including the record of life, significant on-going geological processes in the development of landforms, or significant geomorphic or physiographic features;
- ix. to be outstanding examples representing significant on-going ecological and biological processes in the evolution and development of terrestrial, fresh water, coastal and marine ecosystems and communities of plants and animals;
- x. to contain the most important and significant natural habitats for in-situ conservation of biological diversity, including those containing threatened

species of outstanding universal value from the point of view of science or conservation.<sup>57</sup>

Especificamente no caso do património universitário, dos dez critérios existentes aprovados pela *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*, apenas quatro (assinalados a **negrito**) figuram aquando da seleção das universidades que pretendem ser património mundial da UNESCO. O primeiro critério, ainda que seja aparentemente de cariz simples, revela-se fundamental na medida em que determina se a universidade candidata representa uma obra de arte criada pelo Homem, estabelecendo uma ligação entre monumento e a humanidade. No caso do segundo critério, temos ainda presente a questão humana, privilegiando a necessidade dos valores humanos se difundirem no tempo, na sociedade e no progresso cultural, científico e artístico. Já no quarto critério, está latente a necessidade do edifício da instituição académica candidata se revelar, quer através da sua arquitetura, tecnologia ou paisagem, um exemplo excecional para a história. Por último, o sexto critério consiste na importância do edifício se encontrar ligado a tradições, ideias ou crenças fundamentais do ponto de vista artístico que representem um contributo substancial a nível mundial.

Nesta ordem de ideias, através das seguintes tabelas, iremos analisar especificamente os referidos critérios de seleção deste género patrimonial, verificando quais dos mesmos as Universidades Património Mundial têm em comum:

(i) “to represent a masterpiece of human creative genius”		
Universidade	Descrição do Critério	Outros Critérios
<b>University of Virginia (EUA)</b>	Both Monticello and the University of Virginia reflect Jefferson’s wide reading of classical and later works on architecture and design and also his careful study of the architecture of late 18th-century Europe. As such they illustrate his wide diversity of interests. <sup>58</sup>	(iv) e (vi)

---

<sup>57</sup> UNESCO. Criteria for selection to the World Heritage List. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/VPPm2>

<sup>58</sup> UNESCO. Criteria of the University of Virginia in Charlottesville, United States of America. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/xpCKUI>

<b>Universidad Central de Venezuela</b>	The Ciudad Universitaria de Caracas is a masterpiece of modern city planning, architecture and art, created by the Venezuelan architect Carlos Raúl Villanueva and a group of distinguished avant-garde artists. <sup>59</sup>	(iv)
<b>Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)</b>	The Central University City Campus of UNAM constitutes a unique example in the 20th century where more than sixty professionals worked together, in the framework of a master plan, to create an urban architectural ensemble that bears testimony to social and cultural values of universal significance. <sup>60</sup>	(ii) e (iv)

Tabela 9- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram selecionadas através do critério (i)

<b>(ii) “To exhibit an important interchange of human values, over a span of time or within a cultural area of the world, on developments in architecture or technology, monumental arts, town-planning or landscape design”</b>		
Universidade	Descrição do Critério	Outros Critérios
<b>Universidad de Alcalá de Henares (Espanha)</b>	Alcalá de Henares was the first city to be designed and built solely as the seat of a university, and was to serve as the model for other centres of learning in Europe and the Americas. <sup>61</sup>	(iv) e (vi)
<b>Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)</b>	The most important trends of architectural thinking from the 20th century converge in the Central University City Campus of UNAM: modern architecture, historicist regionalism, and plastic integration; the last two of Mexican origin. <sup>62</sup>	(i) e (iv)
	Influences educational institutions of the former Portuguese empire over seven centuries received and disseminated knowledge in the fields of arts, sciences, law, architecture, town planning and landscape design. Coimbra	

<sup>59</sup> UNESCO. Criteria of the Universidad Central de Venezuela. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/jSpSe>

<sup>60</sup> UNESCO. Criteria of the Universidad Nacional Autónoma de México. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Y5MHKJ>

<sup>61</sup> UNESCO. Criterion of the Universidad de Alcalá de Henares, Espanha. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/HfWq8P>

<sup>62</sup> UNESCO. Criterion of the Universidad Autónoma de México. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Y5MHKJ>

<b>Universidade de Coimbra- Alta e Sofia (Portugal)</b>	University played a decisive role in the development of institutional and architectural design of universities in the Lusophone world and can be seen as a reference site in this context. <sup>63</sup>	(iv) e (vi)
---	--	-------------

Tabela 10- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram seleccionadas através do critério (ii)

<b>(iv) “To be an outstanding example of a type of building, architectural or technological ensemble or landscape which illustrates (a) significant stage (s) in human history”</b>		
Universidade	Descrição do Critério	Outros Critérios
<b>University of Virginia (EUA)</b>	With these buildings Thomas Jefferson made a significant contribution to Neoclassicism, the 18th-century movement that adapted the forms and details of classical architecture to contemporary buildings. <sup>64</sup>	(i) e (vi)
<b>Universidad de Alcalá de Henares (Espanha)</b>	The concept of the ideal city, the City of God ( <i>Civitas Dei</i> ), was first given material expression in Alcalá de Henares, from where it was widely diffused throughout the world. <sup>65</sup>	(ii) e (vi)
<b>Universidad Central de Venezuela</b>	Is an outstanding example of the coherent realization of the urban, architectural, and artistic ideals of the early 20th century. It constitutes an ingenious interpretation of the concepts and spaces of colonial traditions and an example of an open and ventilated solution, appropriate for its tropical environment. <sup>66</sup>	(i)
<b>Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)</b>	Is one of the few models around the world where the principles proposed by Modern Architecture and Urbanism were totally applied; the ultimate purpose of which was to offer man a notable improvement in the quality of life. <sup>67</sup>	(i) e (ii)

<sup>63</sup> UNESCO. Criterion of the Universidade de Coimbra- Alta e Sofia, Portugal. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/nXqLuW>

<sup>64</sup> UNESCO. Criteria of the University of Virginia in Charlottesville, United States of America. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/xpCKUI>

<sup>65</sup> UNESCO. Criterion of the Universidad de Alcalá de Henares, Espanha. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/HfWq8P>

<sup>66</sup> UNESCO. Criteria of the Universidad Central de Venezuela. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/jSpSe>

<sup>67</sup> UNESCO. Criterion of the Universidad Autónoma de México. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Y5MHKJ>

<b>Universidade de Coimbra- Alta e Sofia (Portugal)</b>	Demonstrates a specific urban typology, which illustrates the far-ranging integration of a city and its university. In Coimbra the city's architectural and urban language reflects the institutional functions of the university and thereby presents the close interaction between the two elements. This feature has also been reinterpreted in several later universities in the Portuguese world. <sup>68</sup>	(ii) e (vi)
---	--	-------------

Tabela 11- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram selecionadas através do critério (iv)

<b>(vi) “To be directly or tangibly associated with events or living traditions, with ideas, or with beliefs, with artistic and literary works of outstanding universal significance”</b>		
Universidade	Descrição do Critério	Outros Critérios
<b>University of Virginia (EUA)</b>	Monticello and the key buildings of the University of Virginia are directly and materially associated with the ideas and ideals of Thomas Jefferson. Both the University buildings and Monticello were directly inspired by principles derived from his deep knowledge of classical architecture and philosophy. <sup>69</sup>	(i) e (iv)
<b>Universidad de Alcalá de Henares (Espanha)</b>	The contribution of Alcalá de Henares to the intellectual development of humankind finds expression in its materialization of the Civitas Dei, in the advances in linguistics that took place there, not least in the definition of the Spanish language, and through the work of its great son, Miguel de Cervantes Saavedra and his masterpiece <i>Don Quixote</i> . <sup>70</sup>	(ii) e (iv)
<b>Universidade de Coimbra- Alta e Sofia (Portugal)</b>	Has played a unique role in the formation of academic institutions in the Lusophone world through dissemination of its norms and institutional set-up. It has distinguished itself from early on, as an important centre for the production of literature and thought in Portuguese language and the transmission of a specific academic culture, which	(ii) e (iv)

<sup>68</sup> UNESCO. Criterion of the Universidade de Coimbra- Alta e Sofia, Portugal. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/nXqLuW>

<sup>69</sup> UNESCO. Criteria of the University of Virginia in Charlottesville, United States of America. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/xpCKUI>

<sup>70</sup> UNESCO. Criterion of the Universidad de Alcalá de Henares, Espanha. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/HfWq8P>

	was established following the Coimbra model in several Portuguese overseas territories. <sup>71</sup>	
--	---	--

Tabela 12- Lista das Universidades declaradas património mundial da UNESCO que foram selecionadas através do critério (vi)

Através da leitura e análise da explicação fornecida pela UNESCO quanto ao porquê de cada Universidade possuir uma ou mais peculiaridades que se enquadrem em pelo menos um dos critérios de seleção, percebemos que vão ao encontro do importante contexto histórico-cultural de cada uma das instituições académicas, o que também se reflete nas palavras de Clara Almeida Santos. Por conseguinte, para uma compreensão mais aprofundada em termos dinâmicos, foi realizado um gráfico que consiste na visualização de dados que permite verificar quais os critérios que o grupo de Universidades Património Mundial possui em comum:

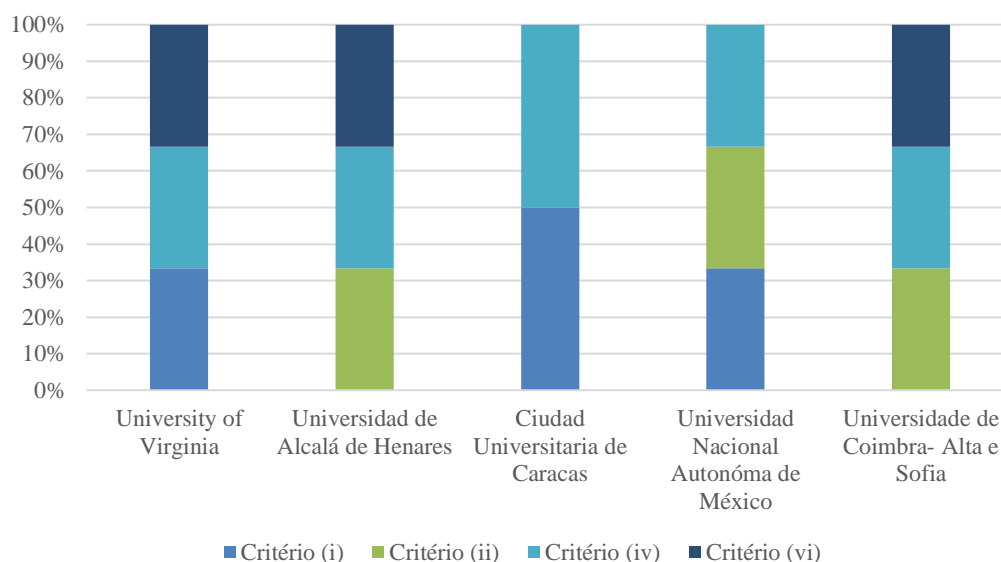


Figura 11- Cruzamento dos critérios de seleção das Universidades eleitas Património Mundial pela UNESCO

Deste modo, é claramente perceptível que, por exemplo, o critério (iv) é comum a todas as Universidades, pelo que, assim sendo, deve representar um fator de exclusão imediata caso o edifício universitário candidato não vá ao encontro das suas pretensões.

<sup>71</sup> UNESCO. Criterion of the Universidade de Coimbra- Alta e Sofia, Portugal. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/nXqLuW>



Com outros dados do presente gráfico, percebemos que enquanto quatro Universidades foram eleitas Património Mundial por intermédio de três critérios, a Universidad Central de Venezuela foi eleita apenas com dois critérios, (i) e (iv).

De salientar que, no seio das Universidades eleitas Património Mundial, já foram realizadas duas reuniões com vista não só à questão da proteção do património universitário como também à sua valorização e disseminação. Da primeira reunião, realizada em Alcalá de Henares em 2013, resultou a *Declaración de Alcalá sobre la Protección, Conservación y Difusión del Patrimonio Universitario* (**ver apêndice III**) que, apesar de ter sido celebrada no ano de entrada da Universidade de Coimbra- Alta e Sofia no referido núcleo, esta não se encontrou representada. O motivo reside no facto da Declaração de Alcalá ter sido formalizada no dia 10 de maio de 2013 e a referida Universidade só ter sido inscrita na Lista da UNESCO a 22 de junho do mesmo ano. A segunda reunião, realizada em 2015, ocorreu no México e originou a *Declaración de México sobre la Protección, Conservación y Difusión del Patrimonio, las Colecciones y los Museos Universitarios*, considerando que, desta vez, foi a University of Virginia a não assinar a Declaração por motivos não mencionados (**ver apêndice III**). Após análise das duas Declarações, conclui-se que ambas convergem no sentido de olhar para o património universitário como uma prioridade, vincando o intuito de o difundir. Salienta-se que com a classificação surge um papel ativo por parte das instituições no empenho em partilhar informação académica e científica não só através de estudantes como também pela realização de colóquios e conferências a nível internacional. Na transição da Declaración de Alcalá para a Declaración de México, foram incluídas Coleções e Museus Universitários, revelando que a conservação e divulgação dos objetos do passado se tratam de medidas a apostar não só nestes últimos anos, como também em reuniões a realizar-se no futuro.

Em suma, encontramos-nos atualmente num panorama revolucionário no que se refere à classificação patrimonial, motivo pelo qual, no caso de permanecer numa trajetória favoravelmente ascendente, prevê-se que outras Universidades alcancem o estatuto de Património Mundial, pelo que nos resta aguardar para verificar se a

Universidade de Coimbra – Alta e Sofia terá, eventualmente, a possibilidade de ser acompanhada por uma outra Universidade nacional.

## **2.2. A reorganização do património edificado na Universidade do Porto**

Com o avançar do tempo, a grande maioria das instituições académicas da U.Porto sentiu a necessidade de mudar de instalações ou até mesmo criar edifícios de raiz que respondessem não só ao crescimento estudantil, como também à adequação dos planos curriculares específicos de cada ciclo de estudos. Assim, no último século verificaram-se grandes alterações relativas aos imóveis dos estabelecimentos de ensino da Universidade do Porto.

Atualmente o património edificado da Universidade do Porto divide-se em três Polos: o Polo I abrange os edifícios que se encontram no centro da cidade (a Reitoria da Universidade do Porto, antiga Faculdade de Ciências; a Faculdade de Direito; a Faculdade de Farmácia; o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e a Faculdade de Belas Artes); o Polo II, situado na Asprela, contém as Faculdades de Economia, Engenharia, Ciências do Desporto e Educação Física, Medicina, Medicina Dentária, Ciências da Nutrição e da Alimentação e Psicologia e Ciências da Educação. Por último, o Polo III, na zona do Campo Alegre, inclui as Faculdades de Letras, Ciências e Arquitetura. **(ver apêndice IV)**

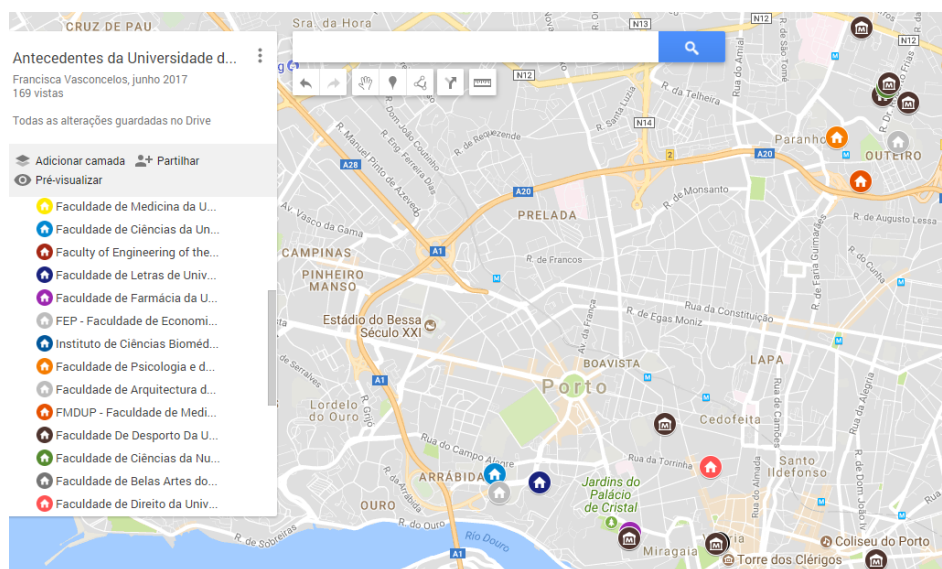


Figura 12- Vista geral dos três Polos da Universidade do Porto <sup>72</sup>

## As Faculdades

Não se tratando de um subcapítulo crucial para o objetivo de estudo deste Relatório de Estágio, representa, contudo, uma ferramenta para o seu correto entendimento, pelo que iremos abordar o contexto histórico dos edifícios de cada instituição académica pertencente à Universidade do Porto. Devido a questões que se prendem com a escassez de tempo, não nos foi possível apresentar uma listagem referente aos Museus que foram criados. Porém, através dos resultados obtidos em contexto de Estágio Curricular relativamente ao projeto do Museu Digital da Universidade do Porto, foi conseguido um enorme avanço tecnológico que possibilitou uma resposta às necessidades de investigação de cada unidade orgânica, tendo sido realizados roteiros não só com a sua localização, como também com a dos objetos que se encontram nos Museus da U.Porto.

No que se refere ao património edificado das Faculdades, ao passo que alguns edifícios possuem um importante contexto histórico para a Universidade do Porto, os mais recentes não disponibilizam informação que permita uma descrição precisa, sendo

<sup>72</sup> Francisca Vasconcelos, Mapa *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/AwHVTv>

um desses casos a Porto Business School. Uma vez que algumas Faculdades possuíram bastantes imóveis ao longo do tempo, sendo constantemente transferidas devido a uma série de adversidades a abordar, foi-nos impossível identificar todos os detalhes que se prendem com esse facto. Tendo por base a obra *A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao longo da história* (2007) de Maria Eugénia Matos Fernandes, foi realizada uma síntese das alterações mais marcantes relativas ao património edificado da Universidade do Porto desde a criação da mesma.

## **1. Faculdade de Ciências**

A Faculdade de Ciências teve como primeiras instalações o edifício mais histórico da Universidade do Porto. Com a sua fundação, em 1911, a U.Porto herdou o estabelecimento que já havia pertencido à Academia Politécnica do Porto, o Colégio dos Meninos Órfãos, no qual funcionavam os serviços administrativos da instituição assim como a Faculdade de Ciências.

Atualmente, a nova Faculdade de Ciências, localizada no Polo III da Universidade no Campo Alegre, é composta por edifícios que são designados consoante a componente de cada curso. De acordo com o Arquiteto Carlos Loureiro, a sua localização é estratégica na medida em que pretende desenvolver a arborização que prolonga as manchas verdes da encosta sobre o Douro. Com isso, obtém-se uma horizontalidade continuada, tornando-se numa magnífica vista. Em termos arquitetónicos, pretende-se que seja um edifício sereno com ritmos verticais e horizontais, acentuando a continuidade de um estabelecimento que irá ser frequentado por milhares de pessoas. É essencial a simplicidade e clareza das circulações, recusando ambientes sombrios (SANTOS, 1996: 329-334).



Figura 13- Reitoria da Universidade do Porto, antigo Colégio dos Meninos Órfãos  
Fotografia do SIGARRA da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto <sup>73</sup>



Figura 14- Atual edifício da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto  
Fotografia do site de Notícias da Universidade do Porto <sup>74</sup>

## 2. Faculdade de Medicina

Criada em 1911, é sucessora da antiga Escola Médico-Cirúrgica. Trata-se de uma das Faculdades fundadoras da Universidade do Porto, a par da Faculdade de Ciências. É neste sentido que se revela uma das opções para os estudantes que pretendem estudar Medicina, juntamente com o ICBAS.

Após a sua fundação, a Faculdade de Medicina ocupou o edifício da antiga da Escola Médico-Cirúrgica, isto é, o edifício que se encontrava no Largo da Escola Médica na cerca do extinto Convento de Nossa Senhora do Carmo que, entretanto, sofreu alterações. No ano de 1960 foi definitivamente transferida para as instalações do Hospital de São João, na Asprela, acentuando uma parceria e colaboração com o mesmo. Nos últimos anos tem recebido apoio para a secção de investigação, sendo disponibilizado para o efeito equipamento de grande qualidade. <sup>75</sup>

<sup>73</sup> SIGARRA da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ZuKpuW>

<sup>74</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado a Jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/HirYAh>

<sup>75</sup> SIGARRA da Universidade do Porto [consultado a jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/gpQFbF>



Figura 15- Fachada Principal da Escola Médico-Cirúrgica  
Fotografia de Foto Guedes. Gisa-web <sup>76</sup>



Figura 16- Atual edifício da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto  
Fotografia do SIGARRA da FMUP <sup>77</sup>

### 3. Faculdade de Letras

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto trata-se da instituição que mais edifícios ocupou ao longo da sua existência. Isto explica-se, pois, do ponto de vista orgânico, existiram “duas” Faculdades de Letras, tendo a primeira existido de 1919 a 1928 e a segunda de 1961 até aos dias de hoje.

Na sua primeira fase funcionou nas imediações da Faculdade de Ciências, no atual edifício da Reitoria da Universidade do Porto. Uma vez que as condições para o ensino não eram as ideais, foi transferida para a Quinta Amarela em 1920, conseguindo alugar a casa do nº833. Contudo, uma vez que os terrenos da referida Quinta iriam eventualmente ser vendidos, a próxima solução passou por comprar um prédio na Rua do Breyner. A Faculdade acabou por ser extinta através do decreto de 1928, contudo permitindo aos seus estudantes que concluíssem as suas licenciaturas. Para que tal fosse possível, as aulas apenas terminaram no ano letivo de 1930/1931. (FERNANDES, 2007: 73-74)

A segunda fase da Faculdade de Letras iniciou-se em 1961, ainda que tenha sido

<sup>76</sup> Gisa-web [consultado jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/MdkhQ6>

<sup>77</sup> SIGARRA da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/6V5cwD>

dissolvida, contava já com algumas décadas de funcionamento. Herdou como primeiras instalações, ainda que temporariamente, o edifício da antiga Escola Médico-Cirúrgica. Este não se trata do mesmo edifício, mas sim o da década de 40, ou seja, as antigas instalações do ICBAS. Recebendo cada vez mais matrículas de estudantes, o espaço revelou-se pequeno para albergar tantos alunos, pelo que se começou a estudar a hipótese de transferência para o Palacete Burmester, pertencente à Quinta do Campo Alegre. A Quinta foi entregue ao Jardim Botânico, já que parte do seu terreno foi usado para a construção da Ponte da Arrábida. Porém, quando as novas instalações da Faculdade de Letras no local se mostravam diminutas face aos objetivos aos quais se propunham, o Jardim Botânico forneceu parte da sua propriedade à instituição académica. Ainda que o Palacete estivesse apto para ser ampliado, faltava decidir se as instalações da Faculdade ficariam lá definitivamente. Revelando problemas a nível da vegetação do local e de, nos anos 80, ter ocorrido uma infiltração no telhado, era notório que o local necessitava de intervenção a nível de conservação (FERNANDES, 2007: 74-77). A ideia de se conseguir um edifício próprio para a Faculdade de Letras estava cada vez mais presente. Contudo, para além do facto dos seus cursos se encontrarem dispersos por vários edifícios, a necessidade de colocar o ICBAS no antigo edifício da Escola Médico-Cirúrgica, que se encontrava ocupado por uma parte da Faculdade, levou a que se procurasse uma nova solução: o “Complexo Pedagógico” do Campo Alegre. Inicialmente planeado para albergar o Instituto de Botânica, em 1977 já concentrava nas suas instalações todos os cursos da Faculdade de Letras. Contudo, o edifício acabava por relevar algumas fragilidades na medida em que para além de se encontrar inacabado, não possuía salas de convívio nem espaços de dimensões adequadas aos estudantes (FERNANDES, 2007: 80).

*Foi verificado que [a Faculdade de Letras] caberia numa plataforma situada a nascente do atual Pólo 3 entre o acesso à Auto-Estrada, à Rua do Campo Alegre e à Rua D. Pedro V.” (FERNANDES, 2007: 83) <sup>78</sup>*

Por fim, em 1989, o projeto do novo edifício da Faculdade de Letras foi aprovado,

---

<sup>78</sup> Afirmação que consta no Relatório de Grupo Coordenador das Instalações da Universidade do Porto em 1978 (FERNANDES, 2007)



levando à construção do estabelecimento de ensino que hoje vemos no Campo Alegre, pertencente ao Polo III. As instalações, assinadas pelo arquiteto Nuno Tasso de Sousa, receberam oficialmente os estudantes no ano letivo de 1995/1996 (FERNANDES, 2007: 83).



Figura 17- Antigas instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto na Quinta Amarela  
Fotografia Notícias da Universidade do Porto <sup>79</sup>



Figura 18- Atuais instalações da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no Campo Alegre  
Fotografia Centenário da Universidade do Porto <sup>80</sup>

#### 4. Faculdade de Farmácia

Apesar de oficializada em 1921, a Faculdade de Farmácia já existia, só que com um diferente nome: Escola de Farmácia. Anexada à Escola Médico-Cirúrgica e tendo funcionado até à criação da Universidade do Porto em 1911, trata-se da escola de farmácia mais antiga do país. <sup>81</sup>

Tendo inicialmente ocupado o prédio nº172 da Rua do Rosário, a Escola de Farmácia rapidamente alterou as suas instalações. Cerca 4 anos depois, após conseguidos planos de financiamento e acordos relativamente às casas, em 1916, começavam as obras daquele que seria o novo edifício da ainda então Escola. Com as aulas a começarem em 1918, foi ainda necessário mais um empréstimo para terminar algumas construções a cargo do Engenheiro Arnaldo Casimiro Barbosa. Naturalmente, com o avançar dos anos, houve uma notória degradação do edifício. Apesar de ter existido um esforço para

---

<sup>79</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/QvXDBL>

<sup>80</sup> Centenário da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/tRBaFd>

<sup>81</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Hmi3Tj>



contrariar essa adversidade, através de renovações, era sentida a necessidade de reformular as instalações de raiz. Feitas as pretendidas mudanças nesse sentido, onde se incluiu uma proposta de criação de mais um andar, ocorreu um incêndio devastador no ano de 1975. Tendo o fogo dizimado praticamente todas as instalações, procurou-se conservar as divisões sobreviventes e procurar locais que albergassem as aulas da Faculdade de Farmácia para que o ano letivo se iniciasse o mais depressa possível. Uma das instituições que se disponibilizou a alugar um pavilhão foi o Grande Colégio Universal, local onde decorreram as aulas até à reconstrução de um edifício próprio para a Faculdade na Rua de Aníbal Cunha. A atividade escolar no novo local de ensino iniciou-se em 1983. Contudo, mais uma vez, as instalações, tanto na Rua de Aníbal Cunha como na Rua da Carvalhosa, não se revelaram suficientes, pelo que algumas aulas foram lecionadas em antigos espaços da Faculdade de Engenharia (FERNANDES, 2007: 87-93). Atualmente a Faculdade de Farmácia encontra-se no complexo ligado às Ciências da Vida e da Saúde, edifício que partilha com o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.



Figura 19- Antigas instalações da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto na Rua da Carvalhosa  
Fotografia Centenário da Universidade do Porto <sup>82</sup>

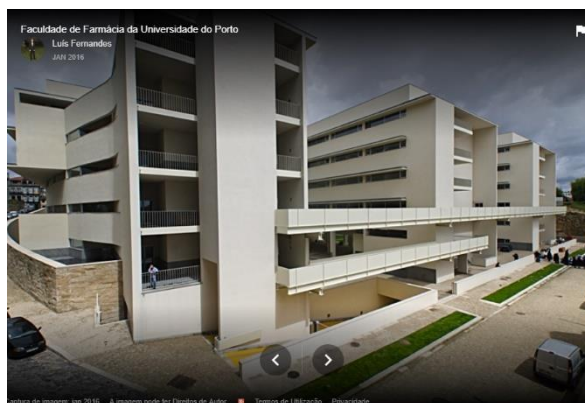


Figura 20- Atual edifício da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto  
Fotografia Luís Fernandes <sup>83</sup>

<sup>82</sup> Centenário da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/PeYzeH>

<sup>83</sup> Luís Fernandes. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/u2wrCG>

## **5. Faculdade de Engenharia**

Uma vez que as cadeiras de engenharia, ainda provenientes dos antigos cursos da Academia Politécnica do Porto, não tinham espaço próprio para serem lecionadas, ficaram anexadas às instalações da Faculdade de Ciências (no atual edifício da Reitoria da Universidade do Porto). Essa situação só se alterou em 1915, com a criação da Faculdade técnica. Esta, que incluía os cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Engenharia de Minas, Engenharia Mecânica, Engenharia Eletrotécnica e Engenharia Químico-Industrial, foi elevada à atual Faculdade de Engenharia em 1926 (FERNANDES, 2007: 61).

A Faculdade de Engenharia mudou de edifício três vezes, tendo diversos planos de mudança de instalações. Conforme já referimos, a Faculdade manteve-se no edifício da agora Reitoria Universidade do Porto, antigo Colégio dos Meninos Órfãos, nos seus primeiros anos de existência. Contudo, em 1927, foi transferida para o edifício da Rua dos Bragas (atual Faculdade de Direito), assinalando a mudança para o seu primeiro edifício próprio. Ainda que o estabelecimento contasse com quatro pisos, cedo se verificou que o seu tamanho não seria suficiente. Planeado para albergar 200 estudantes aquando da sua inauguração, em 1946 estavam inscritos 650 estudantes, motivo pelo qual foi pedida a construção de dois pavilhões. Verificada essa necessidade, o avanço do projeto veio ditar que para além do terreno não ser capaz de suportar mais construções, a sua qualidade também não seria suficiente para as albergar. (FERNANDES, 2007: 62)

Este problema parecia estar prestes a terminar quando o edifício vizinho, o Liceu Feminino de Carolina Michaelis, se mostrou livre para ocupação. Nesse sentido, a DGEMN propôs o aumento das instalações da Faculdade de Engenharia. Num plano que previa inicialmente a demolição do edifício do Liceu para dar lugar a um pavilhão, tornou-se claro que era necessário ocupar todo o terreno para que fosse possível responder às necessidades do estabelecimento de ensino. No ano de 1960 estavam completas as obras de ampliação e modificação do Liceu, pelo que as instalações foram colocadas à disposição da Faculdade de Engenharia. O espaço incluía não só o edifício da Rua dos

Bragas como também o reformulado edifício anexado, cuja entrada era realizada pelo Largo do Coronel Pacheco (FERNANDES, 2007: 62-64).

Uma vez que todos os esforços para que se conseguisse deslocar a Faculdade de Engenharia num local propício ao seu ensino teriam sido em vão, só em meados de 1980 é que chegaram notícias positivas. A DGES, estando focada no plano de urbanização do Polo II, foi uma das entidades que permitiu a transferência da Faculdade de Engenharia para o edifício criado na Asprela, onde ainda hoje permanece. As recentes instalações, inauguradas no ano de 2000 a cargo dos Arquitetos Pedro Ramalho e Luís Ramalho, têm cerca de 78 mil m<sup>2</sup>, tornando o Polo II num dos maiores da Universidade do Porto (FERNANDES, 2007: 65-70).



Figura 21- Antigo edifício da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto na Rua dos Bragas  
Fotografia Gisa-web <sup>84</sup>



Figura 22- Atual edifício da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto na Asprela  
Fotografia Sigarra FEUP <sup>85</sup>

## 6. Faculdade de Economia

Área de estudos que a Universidade do Porto sempre desejou incluir na sua oferta curricular, só foi elevada ao estatuto de Faculdade em 1953. Era por fim conseguido o objetivo de “formar uma elite de economistas aptos a ocupar, pela sua preparação

---

<sup>84</sup> Gisa-web. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/cWhzAj>

<sup>85</sup> SIGARRA da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Za98iG>

científica, as situações de mais alta responsabilidade em organizações vastas e complexas”.<sup>86</sup>

Tal como ocorrera com outras instituições aquando da sua criação, a Faculdade de Economia teve os seus cursos ministrados no edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto. Sofrendo de problemas a nível espacial, apenas anos mais tarde é que começaram a ser explorados planos de criação de um edifício próprio. Uma vez que cinco anos após a sua criação o número de matrículas de estudantes havia atingido números astronómicos, estava claro que o seu compartimento na Reitoria não conseguiria acompanhar o excesso estudantil. Nesse sentido, surgem em 1960 estudos de um terreno na Asprela que, ainda não adquirido, poderia dar resposta à ânsia de um imóvel destinado apenas à Faculdade de Economia. Uma década depois, é finalmente aprovado o projeto de criação do edifício pela mão do arquiteto Viana de Lima. Este optou por uma solução de compromisso por imposição, sendo de visão arquitetónica relativamente inovadora para a época, pelo que optou por colocar pátios e galerias dentro de um esquema tradicional, isto é, claustros, e uma organização volumétrica baseada em sólidos geométricos. O edifício possui quatro pisos, sendo que os vários setores do mesmo possuem elemento comum - o módulo.<sup>87</sup> É no ano de 1974 que a Faculdade finalmente ganha instalações próprias no Polo II, adequadas aos seus planos de estudo (FERNANDES, 2007: 95-99).

---

<sup>86</sup> (FERNANDES, 2007: 95-99) através do Decreto nº 43.864 de 17 de agosto de 1961

<sup>87</sup> SIGARRA da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ufA3bu>

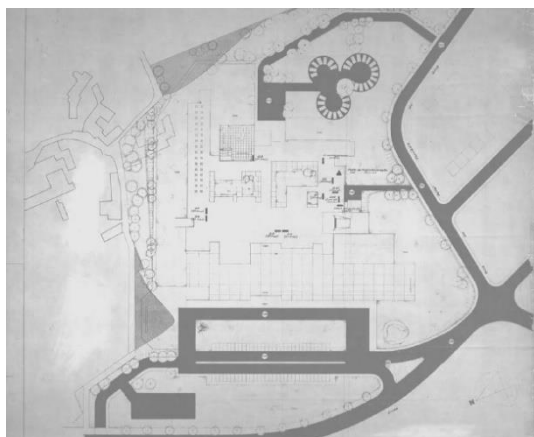


Figura 23- Planta geral e localização de quadros da Faculdade de Economia da Universidade do Porto em 1974 (FERNANDES, 2007) <sup>88</sup>



Figura 24- Edifício da Faculdade de Economia da Universidade do Porto  
Fotografia SIGARRA FEP <sup>89</sup>

## 7. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar

Instituto criado em 1975, teve de imediato planos para se instalar no edifício que outrora pertencera à Faculdade de Medicina, no Largo da Escola Médica. Deste modo, a instituição encontrava-se num local estratégico pois, para além de beneficiar de instalações criadas propositadamente para a prática de Medicina, estava relativamente perto do Hospital de Santo António e da Faculdade de Ciências. Estas condicionantes foram decisivas para que fossem efetuadas obras de remodelação do imóvel de forma a adaptar-se às condições de ensino deste novo estabelecimento. Contudo, o excesso de estudantes para tão pequenas divisões, levou a que se pensasse que não estavam asseguradas as condições necessárias para lecionar. Através do Relatório do Grupo Coordenador das Instalações Universitárias foram apresentadas propostas de soluções, pelo que se julgou conseguir um melhor aproveitamento do espaço em questão. Porém, em 1978, as rigorosas condições climatéricas provocaram diversos danos em alguns edifícios da Universidade do Porto. Não obstante, em 1992 ocorreu um incêndio nas instalações do estabelecimento de ensino. Ainda que, ao longo do tempo, se viessem a

<sup>88</sup> *Printscreen* FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao longo da história. (pp. 94) Porto: Universidade do Porto.

<sup>89</sup> SIGARRA da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ufA3bu>

tentar minimizar os estragos de um edifício tão marcado não só pelo tempo como também por uma série de infortúnios que delimitaram a sua já existente falta de espaço, este foi durante muitas décadas a casa do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (FERNANDES, 2007: 101-105).

Hoje em dia o ICBAS conta com instalações bastante recentes. Desde 2011 que se encontra sediado no novo complexo ligado às Ciências da Vida e da Saúde, local cujas instalações são partilhadas, tal como já referimos, com a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto.

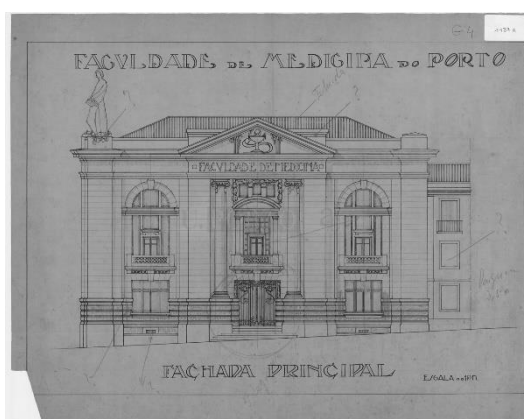


Figura 25- Fachada principal da antiga Faculdade de Medicina

Fotografia Secretaria-Geral, 1979-1988<sup>90</sup>



Figura 26- Atuais instalações do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar no novo complexo ligado às Ciências da Vida e da Saúde

Fotografia Centenário da Universidade do Porto<sup>91</sup>

## 8. Faculdade de Arquitetura

Com origens na Aula de Debuxo e Desenho, um dos antecedentes mais longínquos da Academia Politécnica do Porto, a Faculdade de Arquitetura teve como primeiras instalações um edifício da Avenida Rodrigues de Freitas em 1979. Volvidos quatro anos, é aprovado um plano para adquirir um imóvel situado na Quinta da Gólgota para onde a Faculdade seria transferida. Tratou-se de uma proposta bastante apelativa uma vez que o local se encontrava nas imediações do Polo III, o que seria do maior interesse para as

---

<sup>90</sup> Repositório Temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/YxVDqs>

<sup>91</sup> Centenário da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/NsBk5y>



entidades envolvidas no projeto. Assim, o estabelecimento de ensino fixou-se na Casa da Gólgota nº215 em 1984, dando continuidade ao ano letivo que se encontrava em curso. Contudo, e à semelhança do que ocorreu com as instituições que referimos anteriormente, o espaço revelou-se bastante diminuto para uma crescente afluência de estudantes de arquitetura. Nesse sentido, é assinado um contrato em 1986 que visava a construção de novas instalações da autoria do arquiteto Siza Vieira. Não querendo desfazer-se daquela localização estratégica no Polo III, ficou acordado que o novo edifício seria lá construído (FERNANDES, 2007: 107-109).

O complexo de edifícios, onde a Faculdade de Arquitetura se encontra desde 1992, trata-se de uma das obras mais reconhecidas de Álvaro Siza Vieira, que declarou o seguinte acerca da mesma em 2003:

*“[...] uma obra muito difícil, muito estimulante mas difícil, conflituosa por vezes [...] o produto criado e por vezes criticado, é um programa específico, recebido e cumprido].”<sup>92</sup>*



Figura 27- Casa do Gólgota. Segundas instalações da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto  
Fotografia SIGARRA da Universidade do Porto <sup>93</sup>



Figura 28- Atual edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto  
Fotografia swissinfo.ch <sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Declarações de Álvaro Siza Vieira à Revista dos Antigos Alunos da Universidade do Porto. FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). *A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao longo da história* (pp.109). Porto: Universidade do Porto.

<sup>93</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/2U2FKe>

<sup>94</sup> Swissinfo.ch. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/SNcW4j>

## **9. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

Aquando do começo da sua atividade escolar, no ano letivo de 1976/77, o curso fixou-se no edifício da Faculdade de Letras uma vez que não possuía um espaço próprio. Tendo anos mais tarde sido transferida para o nº 76 da Rua das Taipas, tornou-se claro que esta não facultava as instalações necessárias para que as aulas fossem lecionadas com êxito. Neste seguimento, no ano de 1981 o Grupo Coordenador das Instalações Universitárias afirma que terá de existir um redimensionamento dos espaços pertencentes à Faculdade, o que conduziu ao plano de criação de um novo edifício para a mesma. Enquanto numa primeira fase se aguardava pela decisão de colocar a Faculdade de Psicologia num edifício do Polo II, persistiam as tentativas de aumento das instalações do imóvel na Rua das Taipas. Estas condições pareciam melhorar com o projeto de arrendamento de outro edifício no Largo de São Domingos para o efeito, pelo que seria utilizado para diversos cursos ao passo que o edifício da Rua das Taipas ficaria apenas com os três primeiros anos da licenciatura em Psicologia em Comportamento Desviante e o Serviço de Estatística e Informática (FERNANDES, 2007: 111-113).

Após longos anos de espera por um edifício próprio, a Faculdade de Psicologia recebeu as suas instalações no Polo II, na Asprela, em 2005, marcando ainda o início do ano letivo no mesmo ano. O edifício, da autoria do conhecido arquiteto Fernando Távora, possui planta quadrangular com três pisos numa área de 11.000 m<sup>2</sup> (FERNANDES, 2007: 115).



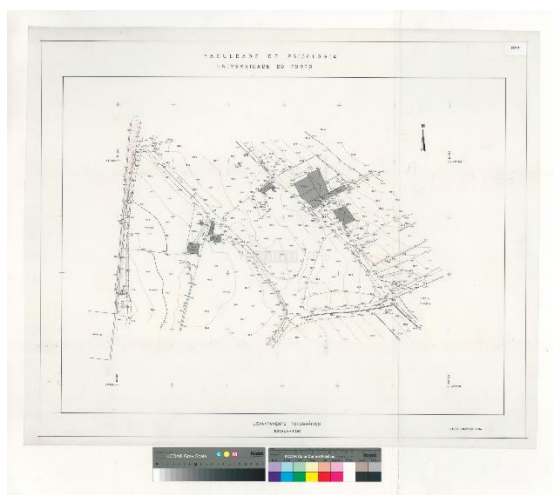


Ilustração 29- Levantamento topográfico da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

Desenho Gabinete de Construção e Conservação das Instalações, 1997-2001 <sup>95</sup>



Figura 30- Atual edifício da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto  
Fotografia Notícias da Universidade do Porto <sup>96</sup>

## 10. Faculdade de Desporto

Com antecedentes no Instituto Superior de Educação Física, a Faculdade de Desporto foi elevada a tal em 1989. Passando por uma série de locais outrora ocupados por outras Faculdades, teve como instalações provisórias edifícios como o antigo da Faculdade de Medicina no Largo da Escola Médica, na altura ocupado pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar. As instituições elaboraram um acordo para que ambas conseguissem partilhar o edifício sem quaisquer constrangimentos. Contudo, não foi fácil para o então Instituto Superior de Educação Física partilhar o espaço com o ICBAS na medida em que, ao se tratarem de áreas com funções distintas, a logística não era a mais favorável. Anos mais tarde, já havendo planos de criação de um edifício próprio para o estabelecimento de ensino, a Faculdade de Desporto ocupou, durante a década de 90, dois pavilhões anexos à Reitoria da Universidade do Porto, ainda na Rua D. Manuel II. As instalações foram oficialmente inauguradas no ano de 1997 no Polo II na Asprela, assinadas pelo arquiteto Cristiano Moreira (FERNANDES, 2007: 117-119).

<sup>95</sup> Repositório temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/PqoUzG>

<sup>96</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/FJWR9L>

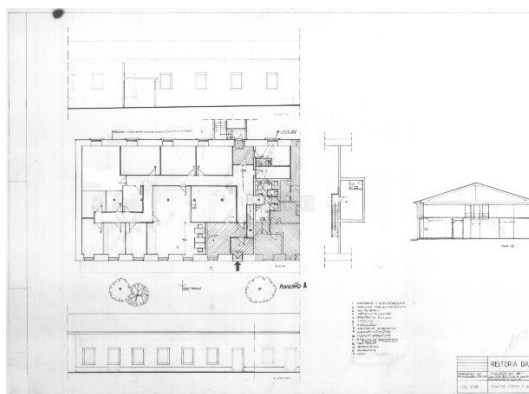


Figura 31- Planta do Pavilhão Sul A da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto no edifício ex-CICAP

Fotografia Direção dos Serviços de Planeamento, 1992-1997 <sup>97</sup>



Figura 32- Atuais instalações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Fotografia Notícias da Universidade do Porto <sup>98</sup>

## 11. Faculdade de Medicina Dentária

Criada em 1976, a Escola Superior de Medicina Dentária só foi elevada a Faculdade em 1989, aquando da sua integração na Universidade do Porto. Nos primeiros anos do seu funcionamento, instalou-se em pavilhões improvisados situados no terreno do Hospital de São João. Uma vez que se tratavam de instalações temporárias, as suas condições não seriam as mais favoráveis, pelo que se foram degradando com o avançar do tempo (FERNANDES, 2007: 121-123). Com a reputação que o curso tinha vindo a conquistar, o número de alunos matriculados aumentou consideravelmente, pelo que foi necessário alargar o *numerus clausus*. <sup>99</sup> Em 1981 o Grupo Coordenador das Instalações da Universidade do Porto elaborou uma proposta que consistia na transferência da Faculdade de Medicina Dentária para um edifício ainda a construir no Polo II na Asprela de modo a situar-se perto da Faculdade de Medicina, dada a área de estudo. Por fim, em 1997, o novo edifício ficou terminado. Projeto que ficou a cabo do arquiteto Domingos Tavares, ficou estrategicamente colocado no local que mencionamos previamente. O

<sup>97</sup> Repositório temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/axajtd>

<sup>98</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/SC8qz9>

<sup>99</sup> De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, *numerus clausus* trata-se do limite máximo estabelecido de alunos que podem ser admitidos numa determinada instituição. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ni38pZ>

edifício possui quatro pisos, sendo que um deles é subterrâneo para o caso de, eventualmente, existir a necessidade de se construírem mais pisos (FERNANDES, 2007: 121-123).

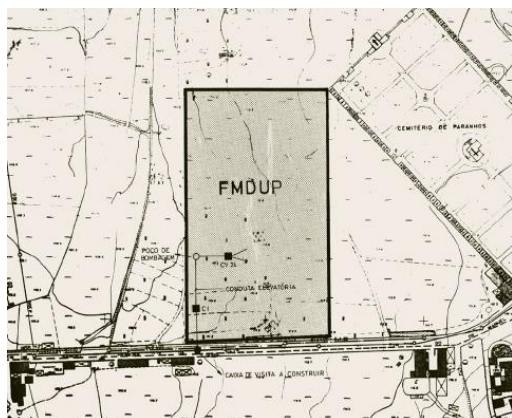


Figura 33- Planta topográfica da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto (FERNANDES, 2007) <sup>100</sup>



Figura 34- Atual edifício da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade do Porto Fotografia Notícias Universidade do Porto <sup>101</sup>

## 12. Faculdade de Belas Artes

À semelhança da Faculdade de Arquitetura, os antecedentes da Faculdade de Belas Artes têm origem na Aula de Debuxo e Desenho. O ensino artístico persistiu, pelo que, antes da sua elevação a Faculdade, existiu a Academia Portuense de Belas Artes, que funcionava no edifício da atual Biblioteca Pública Municipal do Porto, posteriormente transformada em Escola de Belas Artes. Contudo, o estabelecimento de ensino só foi totalmente integrado na Universidade do Porto em 1992. Situado no Palacete Braguinha, na Avenida Rodrigues de Freitas, este ficou danificado ao longo do tempo, pelo que careceu de restauro. A sua recuperação e ampliação ficou a cargo de dois arquitetos: Octávio Lixa Filgueiras e, mais tarde, Eduardo Brito. As novas instalações ficaram totalmente completas no ano de 2006 já pela mão do arquiteto Alcino Soutinho. Deste modo, a Faculdade de Belas Artes trata-se de uma das poucas instituições académicas que

---

<sup>100</sup> *Printscreen* FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao longo da história. (pp. 120) Porto: Universidade do Porto.

<sup>101</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ceM764>

nunca foi transferida de local até à data, mantendo sempre o mesmo imóvel (FERNANDES, 2007: 125-127).



Figura 35- Artigo de Jornal acerca das condições do Palacete Braguinha, edifício Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto  
Artigo Jornal de Notícias <sup>102</sup>



Figura 36- Edifício da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto  
Fotografia Sigarra da Universidade do Porto <sup>103</sup>

### 13. Faculdade de Direito

Ainda que só tivesse sido oficialmente criada em 1994, a Faculdade de Direito era uma instituição de ensino há muito desejada pela Universidade do Porto. Até ter conseguido obter o seu próprio edifício, a Faculdade de Direito teve instalações provisórias. Uma delas foi nas antigas instalações da Faculdade de Letras no Complexo Pedagógico, onde partilhou divisões com Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação até 2001. Conseguindo obter o antigo edifício da Faculdade de Engenharia na Rua dos Bragas, ocupou um edifício na Praça de Coronel Pacheco até se mudar para o referido edifício, que se encontrava em remodelação. Deste modo, a Faculdade de Direito iniciou a atividade escolar no seu novo imóvel na Rua dos Bragas no ano de 2004. Com uma área de 8.500 m<sup>2</sup>, o edifício possui um Salão Nobre, três anfiteatros, oito salas de

<sup>102</sup> Repositório temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ncXZc4>

<sup>103</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/BBBLWf>



aula, duas salas de exames, entre outros departamentos técnicos. Possui ainda uma prisão experimental com duas celas (FERNANDES, 2007: 129).

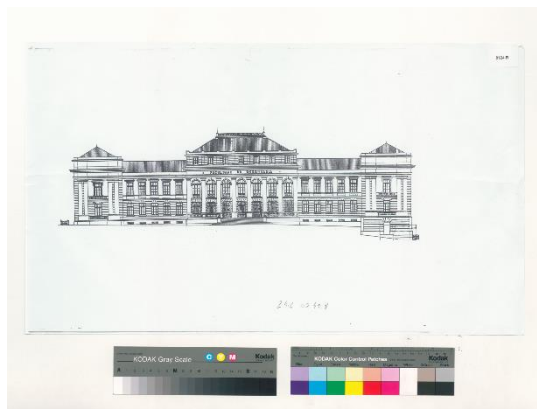


Figura 37- Desenho da fachada da antiga Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (atual FDUP)  
Desenho Direção dos Serviços de Planeamento, 1992-1997 <sup>104</sup>



Figura 38- Atual edifício da Faculdade de Direito da Universidade do Porto  
Fotografia Egídio Santos <sup>105</sup>

## 14. Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação

O então Curso Superior de Nutricionismo, datado de 1976, uniu-se ao Instituto de Ciências da Nutrição, obtendo o nome Instituto Superior de Ciências da Nutrição e Alimentação em 1996. Três anos volvidos, conquistou o estatuto de Faculdade, sendo designada com o nome hoje em dia praticado. Inicialmente colocado temporariamente num dos pavilhões construídos do Hospital de São João, onde também se situava a Faculdade de Medicina, ocupou ainda algumas salas da Faculdade de Farmácia, do Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge e da própria FMUP. Claro está que, eventualmente, os pavilhões iriam necessitar de restauro por representarem uma medida provisória e por isso não apta para as crescentes necessidades da instituição de ensino. Deste modo, começaram-se a ver alternativas para a recolocação da Faculdade. Nesse sentido, foi realizada uma listagem do que seria necessário para a obtenção de um local

---

<sup>104</sup> Repositório temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/QnbRF4>

<sup>105</sup> Fotografia Egídio Santos, Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/oWRHa8>

apropriado para o desenvolvimento do curso em questão. Em 2000 a Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação foi transferida para um complexo situado no terreno da Faculdade de Desporto (FERNANDES, 2007: 133-135).

Atualmente, e ainda sem casa própria, o estabelecimento de ensino encontra-se sediado num complexo nas imediações da Faculdade de Engenharia. Contudo, prevê-se que a Faculdade receba o seu primeiro imóvel assim que este esteja reabilitado: o edifício histórico do ICBAS.<sup>106</sup>

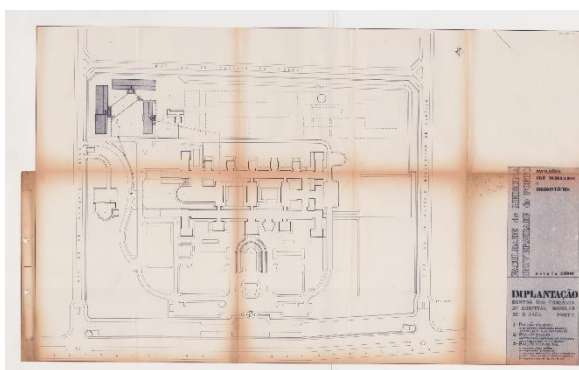


Figura 39- Pavilhões situados no terreno do Hospital de São João, antigas instalações do Curso Superior de Nutricionismo

Planta Gabinete Técnico, 1979-1988<sup>107</sup>



Figura 40- Atuais instalações provisórias da Faculdade de Ciências da Nutrição e da Alimentação da Universidade do Porto no complexo da FEUP  
Fotografia Notícias da Universidade do Porto<sup>108</sup>

### 3. O Turismo como alavanca do património museológico da Universidade do Porto

O turismo trata-se, atualmente, de um dos mecanismos fundamentais quanto à divulgação de atividades e experiências socioculturais. Enquanto fenómeno em ascensão, é parte representante das relações entre as mais variadas áreas, pelo que, ao proporcionar um notório desenvolvimento relativo ao património cultural, pretende superar as barreiras

<sup>106</sup> Notícias Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ZQvXeU>

<sup>107</sup> Repositório temático da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/AruW7e>

<sup>108</sup> Notícias da Universidade do Porto. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ZQvXeU>

das ofertas ditas tradicionais ao apropriar os seus programas turísticos para a constante mutação do mesmo. Tendo em conta que o património cultural se trata de uma das principais atrações a nível turístico, encontra-se latente a necessidade de providenciar experiências não só únicas como também atrativas que se enquadrem com as características culturais da cidade na qual os viajantes se encontram, neste caso, a cidade do Porto (PINTO et al., 2016: 4813). Esta evidente interligação entre cultura e turismo revela-se crucial na medida em que joga com a criação de relações entre a cultura patrimonial, a comunidade residente e os visitantes, conforme evidenciado na *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*, assinada em Faro em 27 de outubro de 2005, nomeadamente através do Art. 4.º a) *que cada pessoa, individual ou coletivamente, tem o direito de beneficiar do património cultural e de contribuir para o seu enriquecimento* e do Art. 5.º a) *reconhecer o interesse público inerente aos elementos do património cultural em função da sua importância para a sociedade*.<sup>109</sup> Isto é, a convergência dos interesses de preservação e valorização patrimonial em torno da indústria do turismo é essencial na medida em que acaba por surtir efeitos bastante positivos não só em termos culturais como também em termos económicos, garantindo uma propulsão do país em geral. Verificados os resultados desta pertinente parceria, é imperativo o aperfeiçoamento de planos e estratégias turísticas que sejam aplicadas diretamente não só ao setor patrimonial como também às atividades culturais que têm em vista a sua difusão e conservação, conforme se verifica nos seguintes princípios aplicáveis da *Carta Internacional do Turismo Cultural* pelo ICOMOS (1999):

<b>Princípio 1</b>	<p>1.1. “[...] os programas estabelecidos para a proteção e conservação [...] devem facilitar uma compreensão e uma apreciação do significado de património, pela comunidade residente e pelos visitantes, de uma maneira equitativa e sustentável.”</p> <p>1.2. “[...] o visitante deve ser sempre informado sobre os valores culturais que podem estar associados a um recurso de património em particular.”</p>
	<p>2.1. “[...] a proteção e a conservação a longo prazo das culturas vivas, dos sítios património, das suas coleções, da sua integridade física e ecológica [...] devem</p>

<sup>109</sup> DGCP. Direção-Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/tQ1SDX>

<b>Princípio 2</b>	<p>ser uma componente essencial das políticas sociais, económicas, políticas, legislativas, culturais e de desenvolvimentos turísticos.”</p> <p>2.2. “A interação entre os recursos, ou os valores, do património e o turismo é dinâmica e está sempre em alteração, gerando tanto oportunidades como desafios, assim como potenciais conflitos [...] os desenvolvimentos do turismo devem concretizar resultados positivos [...]”</p> <p>2.3. “Os programas de conservação, interpretação e desenvolvimento do turismo devem ser baseados numa compreensão abrangente dos aspetos específicos, mas frequentemente complexos ou conflitantes, do significado do património de um sítio em particular.”</p> <p>2.5. “Os desenvolvimentos turísticos e as obras de infraestruturas devem ter em consideração as características estéticas, as dimensões social e cultural [...]”</p> <p>2.6. “Antes de os sítios património serem promovidos ou desenvolvidos para aumento do turismo, devem ser avaliados planos de gestão dos valores naturais e culturais do recurso.”</p>
<b>Princípio 3</b>	<p>3.1. “Os programas de conservação e de turismo devem apresentar informação com elevada qualidade para otimizar a compreensão do visitante sobre as características significativas do património e sobre a necessidade da sua proteção, permitindo a esse visitante usufruir o sítio de uma maneira apropriada.”</p> <p>3.4. “O planeamento para as atividades do turismo deve providenciar instalações apropriadas para o conforto, para a segurança e o bem-estar do visitante, que valorizem a função da visita [...]”</p>
<b>Princípio 5</b>	<p>5.2. “As atividades de gestão da conservação e do turismo devem proporcionar benefícios económicos, sociais e culturais equitativos para os homens e para as mulheres da comunidade residente ou local a todos os níveis, através da educação e da formação, e da criação de oportunidades de emprego a tempo inteiro.”</p> <p>5.3. “Uma proporção significativa dos rendimentos, especialmente derivados dos programas de turismo para os sítios culturais, deve ser atribuída à proteção, conservação e apresentação desses sítios, incluindo os seus contextos natural e cultural.”</p> <p>5.4. “Os programas de turismo devem encorajar a formação e o emprego de guias e de intérpretes de sítio a partir da comunidade residente, para valorizarem as competências do povo local na apresentação e na interpretação dos seus valores culturais.”</p>
<b>Princípio 6</b>	<p>6.1. “Os programas de promoção do turismo devem criar expectativas realísticas e informar responsabilmente os potenciais visitantes sobre as características do património específico de um sítio, ou de uma comunidade residente [...]”</p> <p>6.3. “Os programas de promoção do turismo devem proporcionar uma ampla distribuição de benefícios e aliviar as pressões sobre os sítios mais populares, pelo encorajamento aos visitantes para experimentarem características mais amplas do património natural e cultural da região ou da localidade.”</p>



É neste sentido que a Universidade do Porto e respetivos museus podem representar uma mais valia na expansão turística da cidade *invicta*. Tendo em conta os valores que os objetos dos museus possuem, esse fator pode e deve ser potenciado para efeitos de divulgação turística da cidade, facto que, aliado aos crescentes esforços não só dos dirigentes políticos como também das entidades culturais responsáveis em disseminar a cultura histórica portuguesa, resulta numa valorização não só da cidade como também das capacidades académico-científicas que nela se encontram por intermédio do acervo pertencente à Universidade do Porto.

---

<sup>110</sup> ICOMOS. Princípios da Carta Internacional do Turismo Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/X5efNb>

### **Capítulo III- Estágio Curricular: conteúdos e tecnologia para a disseminação do Património**

Uma vez que este estágio curricular decorreu em diversas etapas, consideramos pertinente dividir o mesmo de acordo com o processo cronológico no qual foi desenvolvido, assegurando uma metodologia mais concisa.

Realizado todo o processo teórico de investigação e estruturação exposto nos capítulos anteriores, seguiu-se a fase final: os resultados obtidos no âmbito deste Relatório de Estágio. Apesar da nossa pretensão inicial ser a realização de apenas um mapa que retratasse os ilustres estudantes que frequentaram as instituições académicas antecessoras da Universidade do Porto, isto é, figuras que foram homenageadas devido à sua importância não só para a cidade como também para o país, através da atribuição dos seus nomes a ruas da cidade do Porto, o nosso projeto evoluiu ao ponto de serem criados diversos roteiros resultado de colaborações com duas entidades distintas: o grupo de professores e estudantes responsáveis pela criação da aplicação digital #IWASHERE e a Ordem dos Engenheiros Região Norte, responsável pelo desenvolvimento da plataforma *online* #GPSEngenharia.

Por conseguinte, iremos rever, neste capítulo, todo o percurso que culminou na apresentação do nosso projeto multidisciplinar no Dia Regional do Engenheiro 2017, revelando o que inspirou a ideia original de construção de um roteiro que exibisse as biografias das figuras que estudaram em estabelecimentos de ensino antecedentes à Academia Politécnica do Porto, passando pelas mudanças que se prenderam obrigatoriamente com a redefinição dos limites dessa primeira ideia, e o contexto que levou à introdução do mapa final, *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*, numa aplicação digital que conseguisse explorar todo o seu potencial enquanto roteiro. Iremos, ainda, revelar como este aparentemente pequeno projeto, inicialmente concebido tendo em vista a investigação deste Relatório de Estágio, culminou na criação de novas ferramentas tecnológicas que permitem, não só a cidadãos como também a visitantes, a

oportunidade de conhecerem a história por detrás das personalidades que se encontram homenageadas em ruas frequentadas, diariamente, por centenas de pessoas.

## Cronograma de tarefas

	set	out	nov	dez	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set
Pesquisa e leitura bibliográfica													
Recolha de informação													
Estruturação do Projeto													
Elaboração de tabelas e gráficos													
Duração do Estágio Curricular													
Elaboração do roteiro <i>Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia</i>													
Parceria com #IWASHERE													
Parceira com a Ordem dos Engenheiros Região Norte													
Redação do Relatório de Estágio													
Conclusão do Relatório e respetiva organização de documentos													

## 1. O CIC.Digital Porto

O Center for Research in Communication, Information, and Digital Culture (CIC.DIGITAL), a instituição de acolhimento deste Estágio Curricular, é uma unidade de investigação financiada pela Fundação da Ciência e Tecnologia (FCT) constituída por quatro polos sedeados em universidades nacionais: a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; a Faculdade de Letras da Universidade do Porto; a Universidade de Aveiro e a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.<sup>111</sup>

Relativamente ao polo da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este encontra-se sediado no edifício FLUP I&D, na Rua dos Bragas e nas imediações da Faculdade de Direito e do UPTEC PINC, sendo os seus objetivos os seguintes:

- 1. Contribuir para o desenvolvimento da investigação científica, através da realização de projetos de investigação, coletivos ou individuais, e proporcionar um espaço para o diálogo e desenvolvimento de projetos de investigação transdisciplinares envolvendo investigadores de diferentes áreas do conhecimento, de forma a estabelecer um campo comum que permita explorar o potencial de geração de novo conhecimento resultante da complementaridade existente entre as áreas tecnológicas e as não tecnológicas;*
- 2. Desenvolver sistematicamente a investigação científica fundamental, aplicada e experimental nas áreas das Ciências da Informação e da Comunicação, das Ciências Sociais e Humanas, do Audiovisual e das Novas Tecnologias de Informação e do Conhecimento, numa perspetiva inter e transdisciplinar;*
- 3. Contribuir para a melhoria da comunicação científica da Universidade em que se encontra sediado, à comunidade;*
- 4. Apoiar a formação superior avançada (doutoramentos, mestrados e pós-graduações);*

---

<sup>111</sup> CIC.Digital. [consultado em set 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/XaTHgh>

5. *Criar redes nacionais e internacionais de cooperação científica e tecnológica entre investigadores, universidades, centros de investigação e empresas, na área da comunicação;*
6. *Promover a publicação e a edição de trabalhos científicos e a produção de conteúdos para os média (escritos, audiovisuais e suportados em novas tecnologias da informação e do conhecimento).*<sup>112</sup>

Sendo um dos intuitos do CIC.Digital Porto estimular a produção do conhecimento no domínio da cultura e património digital, nomeadamente através de uma sustentável construção de conteúdos e posterior difusão de conhecimento, reuniram-se as condições para o acolhimento do estágio que aqui se apresenta no âmbito de um dos seus projetos – o Museu Digital da Universidade do Porto.

## **2. O projeto do Museu Digital da Universidade do Porto**

A Universidade do Porto, enquanto instituição académica consagrada a nível nacional e internacional, tem como principal objetivo a criação de conhecimento científico, cultural e artístico, tendo uma formação com grande incidência na investigação e na valorização do conhecimento social e económico, assim como uma ativa participação no desenvolvimento da comunidade na qual se encontra inserida (PINTO et al., 2016: 4812). Ao conquistar, em 2017, o 301º lugar no QS World University Rankings, apresentando o melhor resultado no caso português, revela-se, naturalmente, como polo de atração não só para estudantes que procuram obter resultados de excelência, como também para investigadores premiados e professores de renome. Ainda que a U.Porto não seja uma Universidade Património Mundial, considerou-se pertinente comparar a sua posição com as obtidas pelas cinco Universidades reconhecidas pela UNESCO, uma vez que o património também contribui para o prestígio da instituição académica. Confirma-se, assim, a relevância da U.Porto, verificando-se que apenas a Universidad Nacional Autónoma de México (122º lugar) e a University of Virginia nos Estados Unidos da América (173º lugar) apresentam um resultado superior ao estabelecimento de ensino

---

<sup>112</sup> CIC.Digital Porto. [consultado em set 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/sP23tD>

portuense. Já a Universidade de Coimbra – Alta e Sofia encontra-se entre os lugares 401º e 410º; a Universidad de Alcalá de Henares, entre os lugares 551º e 600º e, por fim, a Universidad Central de Venezuela entre os lugares 651º e 700º.<sup>113</sup> A Universidade do Porto atinge, assim, um patamar de ensino que se revela superior ao obtido por três das Universidades Património Mundial, demonstrando que o nível de ensino e investigação pode diferir do nível do reconhecimento patrimonial, sendo certo que ambos poderão contribuir para uma mútua valorização.

Nesse sentido, a U.Porto vem concentrando cada vez mais esforços na valorização e divulgação do património que suporta e resulta destas atividades, nomeadamente através de oito unidades museológicas que se foram constituindo ao longo do percurso já exposto:

- Museu de História Natural e da Ciência;
- Museu da Faculdade de Belas Artes;
- Museu da História da Medicina Professor Maximiano Lemos (pertencente à Faculdade de Medicina);
- Museu do Instituto da Anatomia Professor J.A. Pires de Lima (pertencente ao Departamento de Anatomia da Faculdade de Medicina);
- Museu de Anatomia Professor Nuno Grande (pertencente ao ICBAS);
- FEUPMuseu (pertencente à Faculdade de Engenharia);
- Museu da Faculdade de Farmácia;
- Casa-Museu Abel Salazar.

O intuito dos museus da Universidade do Porto reside, pois, na salvaguarda de coleções que integram artefactos e informação relativos ao ensino e à investigação que nela se desenvolveram e que se revelam significativos não só para a academia como também para o universo científico (PINTO et al., 2016: 4813).

Atualmente, tendo em conta a considerável quantidade de artefactos que se

---

<sup>113</sup> QS World University Rankings. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/QHAjQo>

encontram nas coleções dos museus da Universidade, é perceptível que cada unidade orgânica não possui a desejável capacidade de estudo e disseminação de um tão vasto acervo, principalmente quando existe “[...] *a diversity of materials, whose trace was usually lost in memory but obeys a production and information record logic.*” (PINTO et al., 2016: 4814) que é urgente recuperar e enriquecer. Os artefactos que se encontram nos museus, tendo aí chegado via doação, aquisição ou transferência entre instituições académicas, relembram-nos um fator bastante pertinente e ainda em vias de ser solucionado: uma grande parte dos artefactos de importância científica e histórica não se encontram em museus, podendo, assim, estar nos mais variados locais do mundo. Nesse sentido, considerando que estes objetos ou coleções podem não se encontrar sob a devida proteção e preservação, correm o risco de ficarem perdidos ou de sofrerem danos irreparáveis (LOURENÇO, 2013: 744). É, deste modo, imperativo explorar o conceito do património científico para que seja possível assegurar a sua preservação, pelo que se torna necessário ir ao encontro das suas raízes.

O património científico, que pode, conforme referido, ser encontrado em qualquer instituição de ensino ou investigação, neste caso na Universidade do Porto e respetivos museus, trata-se de um domínio cujas necessidades de preservação ainda se encontram por explorar na sua plenitude. Esta problemática remonta ao fim da Segunda Guerra Mundial, quando a contínua produção de material científico aliada à sua complexidade de funcionamento levou ao desenvolvimento dos que, na altura, eram os procedimentos tradicionais de preservação. Nesse sentido, foram criadas medidas de carácter inovador que, para além de consistirem numa resposta ao avanço tecnológico, contribuíram para uma melhor conservação dos artefactos existentes, incluindo novos critérios de seleção e novas formas de armazenamento de dados, pelo que o papel dos museus com estas alterações era, ainda, inexistente (LOURENÇO, 2013: 745). Para que seja possível obter uma melhor conservação dos artefactos, existe a necessidade de averiguar aquilo que existe e aquilo que está a ser feito, designadamente ao nível da criação de meta-informação relativa às coleções e a produção de conteúdos digitais. Importa, por isso, salientar que o objetivo principal do Museu Digital da Universidade do Porto não é reproduzir um museu físico, mas sim um ‘lugar’ digital sustentado na qualidade da meta-



informação produzida e na produção continuada de inovadores conteúdos digitais relativos a coleções, pessoas e percursos da construção de conhecimento na U.Porto. Contudo, ainda não foi alcançado um método que previna o desaparecimento de objetos do passado, motivo pelo qual a preservação patrimonial se torna tão complicada de sintetizar (LOURENÇO, 2013: 745), ampliando-se esta preocupação se olharmos para a preservação no longo prazo dos novos produtos nado-digitais (PINTO, 2015).

No que se refere ao património científico em si, trata-se de um conceito difícil de definir, isto porque, a nível linguístico, possui o cruzamento de duas temáticas que, por sua vez, também possuem um significado bastante complexo: o mundo da ciência e o mundo do património cultural. Apesar de ambas se tratarem de palavras dinâmicas e em constante evolução, acabam por se contradizer devido aos valores que representam. Este processo culmina em duas ambiguidades: a primeira referente à palavra “património” e ao peso conferido pela “memória” e a “história”; já a segunda no que se refere à complexidade das disciplinas científicas que residem nesse mesmo âmbito do património científico. É, por isso, crucial entender esta dicotomia entre cultura e ciência para se conseguir obter uma sucinta definição de património científico (LOURENÇO, 2013: 745-746).

À semelhança do que ocorre com o património universitário, grande parte da investigação referente ao conceito de património cultural não provém de monografias ou estudos científicos, mas sim por parte da UNESCO ou outros organismos culturais. Nesse sentido, esta entidade define o conceito como “[...] *the entire corpus of material signs- either artistic or symbolcic- handed on by the past to each culture and, therefore, to the whole mandkind*” isto é, o património cultural trata-se de tudo aquilo que nos define a nível coletivo como uma comunidade, país ou espécie. (LOURENÇO, 2013: 745-746). No que se refere à ciência, existem ainda problemas relativos ao reconhecimento de património nos mais recentes desenvolvimentos científicos através dos seus produtores. Mais concretamente, e regressando ao conflito de valores entre ciência e cultura, o que possa, hipoteticamente, ter valor para historiadores ou museólogos, pode ser visto como algo que não é suficientemente valioso para ser considerado património do ponto de vista de cientistas ou técnicos. Neste contexto, a par das mudanças ocorridas quanto à nova

percepção do património cultural e do desafio do alargamento do âmbito científico, ocorre a emergência dos apelidados “novos patrimónios” como, por exemplo, o natural, industrial, tecnológico, aeronáutico e, naturalmente, o património científico (LOURENÇO, 2013: 746). Dito isto, podemos apresentar uma versão final da definição do referido conceito:

*“Scientific heritage is the shared collective legacy of the scientific community [...] what scientific community as whole perceives as representing its identity, worth being passed on to the next generation of scientists and to the general public as well. It includes what we know about life, nature, and the universe, but also how we know it. Its media are both material and immaterial. It encompasses artefacts and specimens, but also laboratories, observatories, landscapes, gardens, collections, savoir faire, research and teaching practices and ethics, documents, and books.”* (LOURENÇO, 2013: 746)

Nesta ordem de ideias, e considerando a quantidade de experiências que são realizadas nos mais variados departamentos da Universidade do Porto por dia, não esquecendo a reorganização diária que um laboratório necessita, acaba por ditar um grau de dificuldade acrescido para as instituições académicas no que concerne à obediência do restrito número de critérios e procedimentos obrigatórios da preservação patrimonial (LOURENÇO, 2013: 750). Esta situação, aliada aos problemas já existentes relativos à potencial questão da propriedade intelectual restrita de objetos do passado que necessitam de tratamento de conservação ou restauro, constitui um entrave ao desenvolvimento e adaptação dos museus universitários à constante evolução técnico-científica, conscientes da identidade específica de um museu universitário que não se pode confinar a um espaço físico sendo inerente às suas coleções a tendência para a dispersão sendo usadas sempre que necessário. Contudo, existe uma outra problemática que dita o cerne deste capítulo: a questão dos dados associados – a meta-informação. Se, nas últimas décadas, temos assistido a um domínio da documentação digital, através da criação de meta-informação e da reprodução digital, em detrimento dos documentos em papel, há que ressaltar que os equipamentos que têm tornado possível essa gradual alteração tornam-se rapidamente ultrapassados, fenómeno que, segundo Maria C. Lourenço, se deve a *“[...] dispersal of sources, the increasing immateriality of object documentation processes and the*

*emergence of new skills (digital curating and management).*” (LOURENÇO, 2013: 750). O património científico, tratando-se de um fenómeno de recente ascensão, possui documentação que necessita de ser investigada em pleno, não esquecendo a preservação das relações entre objetos e dados associados. A junção de todos estes fatores, traduz a urgência de uma nova abordagem face não só à preservação, como também ao estudo e ampliação do conceito do património científico (LOURENÇO, 2013: 750). É precisamente neste sentido que a criação do Museu Digital da Universidade do Porto se revela inovadora.

Os museus possuem um papel de grande relevo no que toca ao processo de *education-learning*, sendo que podem ser utilizados por parte de estudantes que pretendem, por exemplo, observar uma determinada coleção ou, até mesmo, usar as instalações/artefactos dos museus enquanto motivação educacional. Com a evolução tecnológica esta vantajosa opção dos museus universitários sofreu um impacto negativo afastando os utilizadores das coleções e respetivos espaços iniciais, assim como se tende a desvanecer o inicial intuito de investigação, educação e competências museológicas, quando em associação com conteúdos digitais. No entanto, as *global networks*, funcionando para além dos limites da Universidade, criam um ‘lugar’ no qual é possível a troca de conhecimento ou de outros tópicos de grande relevância entre pessoas de todo o mundo e entre técnicos, académicos e demais agentes (PINTO et al., 2016: 4814). Há que salientar que, atualmente, existe um número considerável de universidades a nível europeu a realizar investigações que refletem um outro olhar acerca do estudo da preservação e consequente acesso ao património científico por intermédio de uma *network*, sendo um dos exemplos mais concretos, ainda sem registo global, o providenciado pela University of Cambridge, no Reino Unido. Atualmente, o principal objetivo trata-se de fornecer uma *network* apenas dentro da própria Universidade, ou seja, que permita aos membros dos departamentos científicos o desenvolvimento de projetos correntes em comum, aliado à troca e debate de ideias. Com efeito, “[...] *it harnesses local expertise that museum professionals cannot have; it utilizes new spaces for storage and display; and it opens up new revenue streams in supporting work, from alumni,*

*science research councils, outreach budgets, and science departments' own budgets.*” (LOURENÇO, 2013: 751)

Tendo em conta que o ciberespaço representa um local onde podem ser desenvolvidas diversas funções face ao progresso do conhecimento e à ampliação do âmbito cultural, a criação de um “museu digital” irá contribuir para a disseminação da investigação, valorização do contributo de voluntários pertencentes ao domínio patrimonial e, ainda, para um cuidado estudo, descrição e disseminação das coleções existentes. Ao permitir uma dinâmica entre indicadores do passado e da atualidade, aliada a uma nova forma de interpretação dos mesmos, o “museu digital” irá permitir a descoberta de relações, a representação de ideias e a disseminação do trabalho realizado, assegurando uma ligação humana, social e histórica (PINTO et al., 2016: 4814). Neste sentido, e tendo em conta a necessidade de acrescentar o registo de todos os artefactos das coleções dos museus da U.Porto aos propósitos do Museu Digital, existe uma crescente preocupação por parte das universidades na divulgação do seu acervo museológico. O que atesta este facto, conforme referido previamente, foi a significativa alteração da Declaración de Alcalá (2013) para a Declaración de México (2015), na qual foi incluído um artigo referente à proteção, conservação e difusão dos museus universitários: *“Declaramos [...] el compromiso de realizar congresos, cursos, reuniones [...] difundiendo nuestras colecciones, bibliotecas, archivos, museos y patrimonio [...] comprometemos a procurar el reconocimiento social de esa herencia [...] creando así redes de colaboración y cooperación internacional.”*<sup>114</sup>

Ainda que outras universidades estejam, neste momento, a trabalhar em ferramentas que suportem a construção de uma rede que promova o acesso ao património científico dentro da própria instituição, como os casos, por exemplo, da University of Cambridge, ou da Università di Torino em Itália, o Museu Digital da Universidade do Porto apresenta uma proposta totalmente inovadora na medida em que, ao providenciar conteúdos que vão desde a biodiversidade às humanidades (fruto do contributo do acervo

---

<sup>114</sup> Declaración de México sobre la protección, conservación y difusión del Patrimonio, las colecciones y los museos universitarios (2015). [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/otQ9ey>

de todos os museus pertencentes ao estabelecimento de ensino), alcança um patamar que comparte e interliga história, pessoas, património, gestão de coleções, organização sistemática de informação, tecnologia e comunicação científica (PINTO et al., 2016: 4815). Deste modo, apresentando uma proposta de carácter global, o Museu Digital da U. Porto pretende representar um dos pilares das redes de comunicação académicas, desenvolvendo relações com diversas universidades do mundo em torno do património científico. Trata-se, neste sentido, de um método que vai ao encontro do que é pretendido e defendido pelas Universidades Património Mundial pela UNESCO na Declaración de Alcalá “[...] *contribuir com nuestro conocimiento y experiencia a responder solicitudes de otras universidades que muestren interés por la protección, conservación y difusión de su patrimonio [...]*”<sup>115</sup> e na Declaración de México “*Declaramos que [...] hemos assumido el compromiso de colaborar entre nosotros y con otras universidades del mundo [...]*”<sup>116</sup> O Museu Digital, ao demonstrar a sua acessibilidade relativamente a serviços, materiais e até à visualização das próprias instalações universitárias não olhando a nacionalidades ou fronteiras, assegura parcerias de carácter académico-científico que garantem a inclusão digital (PINTO et al., 2016: 4815).

O Museu Digital da Universidade do Porto apresenta, assim, os seguintes objetivos:

- Enriquecer dinamicamente, enquanto repositório digital, o fornecimento de conteúdos digitais provenientes dos museus da U. Porto através da documentação das coleções;
- Introduzir uma rede de colaboração entre a comunidade académica e os museus nas distintas áreas disciplinares, apontando para a aprendizagem performativa para a investigação e exploração de “produtos de conhecimento” em formato digital, assim como para a salvaguarda dos produtos dessa colaboração através de uma plataforma que administre necessidades e consequentes contribuições,

---

<sup>115</sup> UNESCO, Simposio Internacional: Universidades declaradas Patrimonio Mundial por la. (2013). *Declaración de Alcalá sobre la protección, conservación y difusión del patrimonio universitario*. Alcalá de Henares: Universidad Alcalá de Henares (UAH).

<sup>116</sup> Declaración de México sobre la protección, conservación y difusión del Patrimonio, las colecciones y los museos universitarios (2015). [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/otQ9ey>

elemento central do estímulo criativo e reconhecimento do mérito dos estudantes, docentes, investigadores e técnicos envolvidos na criação e funcionamento de um dinâmico OpenLab, um conceito estratégico para a participação neste projeto;

- Simplificar o acesso multifacetado para a cultura científica, fruto do património museológico da U.Porto e das relações que são estabelecidas na cidade do Porto e região Norte; para públicos internos ou externos à instituição, sendo especialistas ou não especialistas, com uma infraestrutura digital única e adaptável, independentemente das condicionantes espaciais e temporais (PINTO et al., 2016: 4815).

Em suma, o Museu Digital da Universidade do Porto diferencia a ideia de espaço e a ideia de *locus*, isto é, o objetivo primordial não se trata da reprodução de um espaço físico, mas sim da criação de um lugar que parta da meta-informação e pontos de acesso à mesma, através da gestão de inventário e de informação, bem como da digitalização e produção de conteúdos digitais relativa às coleções existentes, para uma dinâmica produção de narrativas adequadas aos diferentes perfis de utilizadores.

### **3. O U.OpenLab: conceito e respetiva metodologia**

O projeto do Museu Digital da Universidade do Porto tem como objetivo principal a sustentada e contínua valorização e disseminação do conhecimento científico tanto no seio da Universidade do Porto como no seu exterior através das tecnologias de informação e comunicação, motivo pelo qual, ao promover as interações académicas, proporciona um lugar digital onde as coleções museológicas e demais acervos da U.Porto estarão em constante enriquecimento, através da criação e agregação de informação, meta-informação e de novos conteúdos, produtos ou serviços digitais.

A arquitetura do MDUP inclui uma plataforma (conceito, processo e infraestrutura) de suporte à contínua e inovadora produção de conteúdos digitais, associada a uma base de portefólios digitais de estudantes, um Repositório de Informação e um Portal Digital (PINTO et al., 2016). Esta metodologia funciona da seguinte forma: *“Stage in which contents and resources that allow the «opening» of the Digital Museum are created and stored, promoting the aggregation of information and metadata that*

*already exist*” (PINTO et al., 2016: 4816). Para além do acervo dos museus da U.Porto é considerada a informação e meta-informação existente nas diferentes plataformas digitais da U.Porto, isto é, no Repositório institucional da U.Porto, no Catálogo Coletivo das Bibliotecas, no Repositório de Dados Científicos da U.Porto, do Arquivo digital da U.Porto no Sistema SIGARRA (Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos) que suporta a atividade da U.Porto nas diferentes valências (ensino, investigação e extensão e serviços à comunidade). Segue-se o nível da produção de conteúdos “*[...] built on the (re)use and collaborative development of new contents based on that already present in the repository, encouraging lectures, researchers and students to participate in content (co)creation.*” (PINTO et al., 2016: 4816).

Numa primeira fase, a documentação das coleções será tratada como um todo, reconhecendo e potenciando as interação das várias relações informacionais e contextuais criadas digitalmente, independentemente do serviço orgânico que gere/disponibiliza essa informação, quer no que respeita à U.Porto, quer a entidades externas. Deste modo, em vez de uma virtualização do espaço físico de um museu, ganhar protagonismo o sistema de descoberta que sustentará, na ótica do utilizador, um ponto agregador que providencie o acesso à informação de uma forma mais simplificada, não esquecendo a capacidade de assegurar a interoperabilidade entre as diversas plataformas tecnológicas internas e externas à U.Porto (PINTO et al., 2016: 4817). De acordo com Manuela Pinto, Susana Medina, Rodolfo Matos e Paulo Fontes, a convergência digital deve ter como base os “*[...] metadata schemes, authority control and languages directed at the development and sharing of ontologies’ on the web, the import/export data protocols and persistent identifiers.*” (PINTO et al., 2016: 4817).

A segunda fase consiste na produção de conteúdos, respetivo armazenamento num repositório digital, tendencialmente a plataforma digital direcionada ao armazenamento e à preservação da informação no longo prazo, tendo em vista a sua disseminação à comunidade académica, a quem se dirige pela sua natureza o museu universitário, e a todos os potenciais utilizadores externos. Partindo do princípio que esta se trata de uma cooperação entre *networks* de estudantes, docentes e investigadores

devidamente qualificados, bem como de entidades públicas e privadas e público em geral, cada museu estará cada vez mais apto a conhecer os exigentes requisitos da diversidade dos produtos informacionais que disponibiliza e do público heterogéneo que os procura. Nesse sentido, e de modo a divulgar e comunicar o ensino e ciência que se produz na U.Porto tendo por base a plataforma digital da U.Porto, serão realizados *calls for action to the participation*, incentivando a participação interna e externa na produção, descrição, partilha e (re)uso (PINTO et al., 2016: 4817).

O processo que implementa esta metodologia termina com a importante creditação da colaboração dos estudantes. Com vista à obtenção de resultados de excelência, apenas os projetos identificados pelo docente e serviço proponente como tendo qualidade se tornarão parte integrante do Museu Digital da U.Porto. É neste sentido que os estudantes, a par dos docentes, investigadores e profissionais, se tornam numa parte fundamental deste projeto, uma vez que, para além de providenciarem a necessidade real e o seu contributo técnico e científico para o Museu Digital, podem ter a hipótese de ver o seu trabalho académico publicado no mesmo, exemplificando publicamente os conhecimentos e competências adquiridas e, incentivando a contínua melhoria e motivação para, cumprindo o componente de avaliação da unidade curricular, ter o resultado da mesma aplicado e com impacto socioeconómico (PINTO et al., 2016: 4818).

Concluindo, e como reforça a equipa do projeto MDUP, na base do conceito OpenLab, juntaram-se duas comunidades no seio da academia: a comunidade que gere os acervos e a comunidade académica. Estas integram o processo que implementa o conceito, ativando um contexto de aprendizagem no qual é permitida a procura de problemas assim como de necessidades, tendo em conta que os estudantes, por sua vez, as tentarão solucionar. Está latente, por isso, o conceito de re(uso), uma vez que os conteúdos, ao permanecerem armazenados, poderão, ano após ano ser modificados e objeto da aplicação de novas tecnologias, contribuindo, também, para a resolução do problema da desatualização dos conteúdos e da obsolescência tecnológica, com custos inportáveis num tradicional modelo de negócio de produção de *software*. Em suma, o objetivo deste conceito não é a replicação digital do físico, mas sim o acesso a um sempre renovado conhecimento científico através de uma autossustentável produção



digital, ou seja, é prioritário garantir que os conteúdos, produtos ou serviços sejam atualizados de uma forma dinâmica mas sustentável, ultrapassando a grave tendência para se esquecer a necessidade de um contínuo e considerável investimento neste novo meio digital, ao contrário dos tradicionais projetos de “criação” de museus e constituição de coleções em que o investimento inicial estava no topo das preocupações.

É precisamente neste contexto que se insere o Estágio realizado e sintetizado no presente Relatório de Estágio, tendo como contexto de acolhimento uma unidade de investigação e um projeto que vem sendo desenvolvido por uma equipa multidisciplinar<sup>117</sup> que envolve serviços centrais da U.Porto, várias Faculdades e UI&D.

Os resultados refletem este quadro e incluem duas aplicações distintas:

- *#IWASHERE*: uma parceria com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, e a unidade curricular de LGP<sup>118</sup>, tendo em vista a criação de uma aplicação de carácter social que disponibiliza e promove a criação de conteúdos e de roteiros digitais referentes, neste caso, ao património universitário edificado;
- *#GPSEngenharia*: uma parceria do MDUP com a Ordem dos Engenheiros Região Norte, que permite explorar a aplicação no contexto da Engenharia e, especificamente de acordo com a máxima de que existe engenharia em tudo o que nos rodeia.

Trata-se, efetivamente, da implementação do conceito e metodologia OpenLab que, no ano letivo de 2015/2016, viu concretizada a criação de um protótipo da solução de software que permitirá a automatização deste inovador processo de “aprender fazendo”.

O desenvolvimento das relações interdisciplinares será abordado detalhadamente no subcapítulo cinco deste Relatório de Estágio.

---

<sup>117</sup> Maria Manuela Pinto (FLUP/CIC.Digital); e Paula Menino homem (FLUP/CITCEM), coordenação; Alexandre Afonso (U.Porto - Cultura); Armado Malheiro Silva (FLUP/CIC.Digital); Augusto Ribeiro (U.Digital); Heitor Avelos (FBAUP / ID+); Inês Amorim (FLUP / CITCEM); Leonor Botelho (FLUP / CITCEM); Marisa Monteiro (U.Porto / MCHNUP); Rodolfo Matos | U.Digital); Rui Rodrigues (FEUP/INESC TEC); Susana Medina (FEUPMuseum/CITCEM) e todos os Museus e Núcleos museológicos da U.Porto.

<sup>118</sup> Cf. Laboratório de Gestão de Projetos. [consultado em set 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/NBLRLY>

#### **4. Antecedentes da Universidade do Porto - Toponímia: levantamento e sistematização de conteúdos**

Para o estágio curricular foi delimitado como âmbito prioritário o período que antecede a fundação da U.Porto, designadamente os antecedentes da Academia Politécnica do Porto e o período da sua existência.

Durante as leituras exploratórias deparamo-nos com o facto de que na obra *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição* (1996) de Cândido dos Santos, existia um levantamento toponímico relativo a figuras que estudaram em instituições académicas antecessoras da Universidade do Porto. Constatado o potencial histórico-cultural deste estudo e a necessidade de preparação de roteiros relativos a esta fase da história da U.Porto, apresentou-se como crucial realizar um roteiro que evidenciasse o impacto que a formação académica dos ilustres estudantes que frequentaram antigos estabelecimentos de ensino portuenses teve para a cidade, na medida em que os próprios nomes de algumas ruas espelham essa mesma influência. Assim, a criação de um roteiro acabaria por ditar uma dinâmica direta entre a cidade e as figuras que nela estudaram, pois, ao conjugar áreas como a Medicina e as Artes, asseguraria a representação e a divulgação da cidade *invicta* sob o olhar temporal e multidisciplinar das personalidades por ela passaram.

Foi nesta ordem de ideias que se foi desenhando o roteiro final, inicialmente disponível na plataforma *Google Maps: os meus mapas* <sup>119</sup> e, posteriormente, na aplicação digital *#IWASHERE* <sup>120</sup>, em desenvolvimento por outra equipa de estudantes. O roteiro foi apelidado de *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*, constituindo um mapa que comporta as ruas que homenageiam as figuras que frequentaram a Academia Politécnica do Porto, a Escola Médico-Cirúrgica do Porto e as escolas que antecederam a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, acompanhado pelas respetivas biografias. De salientar que este, por se tratar de um processo moroso e que envolveu diversas camadas, foi várias vezes modificado ao longo do tempo, motivo pelo qual nos

---

<sup>119</sup> Francisca Vasconcelos. *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*. [consultado em ago 17]. Disponível em: <https://goo.gl/D9pHpr>

<sup>120</sup> #IWASHERE. [consultado em ago 17]. Disponível em: <https://goo.gl/YgZ5fj>

é imperativo descrever cronologicamente as ideias implementadas ao longo do projeto de estágio, assim como as ramificações que o mesmo obteve, a explorar posteriormente.

#### **4.1. Os docentes da Academia Politécnica do Porto entre 1836 e 1885**

Consideramos este subcapítulo um dos mais importantes e cruciais desta investigação, na medida em que reflete aquela que se tratou da inspiração para o conteúdo temático realizado em contexto de Estágio Curricular no Museu Digital da Universidade do Porto. Durante a investigação, reconhecendo nomes de docentes ou pessoas diretamente relacionadas com a Academia Politécnica do Porto, constatamos que a grande maioria dos intervenientes referidos recebeu uma significativa distinção: algumas ruas da cidade do Porto foram nomeadas em sua homenagem. Este fator conquistou a nossa atenção, motivo pelo qual procuramos investigar as biografias dos homenageados para entender a sua ligação à APP e o respetivo percurso na mesma. Com isso percebemos que as ruas da cidade Invicta revelam um padrão toponímico académico que merecia, definitivamente, ser estudado.

Aquando da inauguração da Academia Politécnica do Porto a 5 de março de 1837, João Baptista Ribeiro, pintor de profissão, foi declarado o primeiro diretor da instituição de ensino. Enquanto primeira grande figura da Academia, abriu o caminho para que outras pessoas, maioritariamente docentes, se destacassem no meio académico. Após tantos anos do surgimento da Academia Politécnica do Porto, a sua influência é claramente notória, provando que grande parte dos seus elementos se tornaram figuras de excelência que, hoje em dia, têm um enorme reconhecimento nacional.

Nesta ordem de ideias, os docentes da Academia que se destacaram entre os anos de 1836 e 1885 foram as seguintes:

**1ª Cadeira:** Geometria analítica no plano e no espaço; Trigonometria esférica e Álgebra Superior

- António Luís Soares (1836-1875);
- Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque (1876-1878);
- José Pereira da Costa Cardoso (1877-1878)

**2ª Cadeira:** Cálculo diferencial, integral das diferenças e das variações

- João Ricardo da Costa (1837-1858);
- Pedro Amorim Vieira (1858-1869);
- Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque;
- Luís Inácio Woodhouse (1884...);
- Francisco Gomes Teixeira (decreto de 23 de outubro de 1885)

**3ª Cadeira:** Geometria descritiva, mecânica racional, cinemática das máquinas

- José Vitorino Damásio (1837... 1869);
- Pedro Amorim Viana (1869-1879);
- António Pinto de Magalhães Aguiar (1869-1881);
- Francisco Gomes Teixeira (decreto de 15 de maio de 1884)

**4ª Cadeira:** Desenho de figura e paisagem, de ornato e decorações de máquinas e de topografia

- João Baptista Ribeiro (1838-1862);
- Francisco da Silva Cardoso (1862...)

**5ª Cadeira:** Astronomia e Geodisia

- Diogo Kopke (1838-1844);
- Joaquim Torquato Álvares Ribeiro (1844-1868);
- Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa (1868...)

**6ª Cadeira:** Artilharia e tática naval e construções públicas

- António Rogério Gromicho Couceiro (1837-1841)

**7ª Cadeira:** Zoologia, mineralogia e geologia veterinária

- Francisco José Martins Giesteira;
- José Carneiro da Silva;
- Arnaldo Anselmo Ferreira Braga (1854...);
- José Diogo Arroio (decreto de 23 de novembro de 1881);
- Wenceslau de Sousa Pereira de Lima (1883...)

**8ª Cadeira:** Física teórica e experimental

- José de Parada e Silva Leitão (1837-74/75);
- Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão (Conde de Campo Belo);
- António Joaquim Ferreira da Silva (decreto de 20 de maio de 1880);
- Francisco de Paula de Azeredo;
- Alexandre Alberto de Sousa Pinto

**9ª Cadeira:** Química inorgânica e orgânica

- Joaquim de Santa Clara de Sousa Pinto (1837-1872);
- António Luís Ferreira Girão;

- Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão;
- António Joaquim Ferreira da Silva

**10ª Cadeira:** Botânica, Agricultura, Metalurgia e Arte de minas

- António da Costa Paiva (Barão de Castelo de Paiva) (1838-1858);
- Francisco de Sales Gomes Cardoso

**11ª Cadeira:** Comércio

- Manuel Joaquim Pereira da Silva (1838-1863);
- Luís Baptista Pinto de Andrade (1863-1867);
- José Joaquim Rodrigues de Freitas (decreto de 15 de maio de 1867)

**12ª Cadeira:** Economia política e princípios de direito comercial e administrativo

- António de Abreu Cardoso Machado (1858...) (SANTOS, 1996: 131)

## 4.2. Conteúdos de mapeamento

Tendo em conta que a investigação levada a cabo por Cândido dos Santos foi publicada no ano de 1996, o nosso primeiro passo foi verificar se as ruas apuradas pelo autor não tinham sofrido quaisquer alterações ao longo do tempo. Naturalmente que, quando a confrontamos com a listagem completa das figuras que num determinado período da sua formação académica passaram pela Academia Politécnica do Porto,<sup>121</sup> percebemos que estariam nomes em falta, pelo que se tornou pertinente investigar se estes não se encontravam presentes na mesma por, até à data, não lhes ter sido atribuída qualquer rua em sua homenagem, ou se não haveria documentação suficiente que permitisse ao escritor concretizar um levantamento mais aprofundado. Para que detetássemos conclusões para estas mesmas questões, iniciámos uma pesquisa na plataforma *Google Maps* de modo a investigar se as ruas referenciadas em 1996 mantinham os nomes de origem e a verificar se os que se encontravam em falta na lista de Cândido dos Santos já teriam sido atribuídos a algumas ruas da cidade do Porto.

Após um estudo minucioso que incidiu nos parâmetros acima descritos, chegamos a um levantamento final de 24 artérias, avenidas e ruas, que, efetivamente, possuem nomes que homenageiam figuras que completaram a sua formação académica na Academia Politécnica do Porto:

---

<sup>121</sup> SIGARRA da Universidade do Porto. [consultado em mai 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Mru6JA>

1. Avenida de Rodrigues de Freitas;
2. Avenida Francisco Xavier Esteves;
3. Praça de Gomes Teixeira;
4. Praça de Parada Leitão;
5. Praça Manuel Teixeira Gomes;
6. Rua António Arroio;
7. Rua Bento Carqueja;
8. Rua de Azevedo de Albuquerque
9. Rua de Gonçalo Sampaio;
10. Rua de Luís Woodhouse;
11. Rua de Ricardo Severo;
12. Rua de Sampaio Bruno;
13. Rua do Conde de Campo Bello;
14. Rua do Doutor Ferreira da Silva;
15. Rua Doutor Adriano de Paiva;
16. Rua Engenheiro Ezequiel de Campos;
17. Rua Gustavo de Sousa;
18. Rua Leonardo Coimbra;
19. Rua Professor Augusto Nobre;
20. Rua Professor Duarte Leite;
21. Rua Professor Mendes Correia;
22. Rua Raúl Brandão;
23. Rua Rocha Peixoto;
24. Rua Vitorino Damásio.

Neste sentido, os dados das mesmas foram introduzidos no mapa que fora inicialmente apelidado de *Toponímia da Academia Politécnica do Porto*. Porém, o nome teve de ser alterado a uma determinada altura deste processo por razões que serão claramente perceptíveis consoante a leitura desta investigação e que serão explicadas de seguida.



<b>Escola Médico Cirúrgica</b>	<b>Antecedentes da FBAUP</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Alameda de Basílio Teles;</li> <li>2. Alameda Professor Hernâni Monteiro;</li> <li>3. Avenida de Camilo;</li> <li>4. Largo do Doutor Pedro Vitorino;</li> <li>5. Largo do Professor Abel Salazar;</li> <li>6. Praceta Jaime Cortesão;</li> <li>7. Rua de António Patrício;</li> <li>8. Rua de Júlio Dinis;</li> <li>9. Rua Doutor Aarão de Lacerda;</li> <li>10. Rua Doutor Alberto de Aguiar;</li> <li>11. Rua Doutor Eduardo Santos Silva;</li> <li>12. Rua Doutor Manuel Laranjeira;</li> <li>13. Rua Doutor Manuel Monterroso;</li> <li>14. Rua Doutor José Domingues;</li> <li>15. Rua Doutor Plácido da Costa;</li> <li>16. Rua Doutor Roberto Frias;</li> <li>17. Rua do Doutor Magalhães Lemos;</li> <li>18. Rua do Doutor Ricardo Jorge</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Rua Arquiteto Fernando Távora;</li> <li>2. Largo Soares dos Reis;</li> <li>3. Rua Acácio Lino;</li> <li>4. Rua António Correia da Silva;</li> <li>5. Rua António José da Costa;</li> <li>6. Rua Arquiteto Cassiano Barbosa;</li> <li>7. Rua Arquiteto João Andresen;</li> <li>8. Rua Artur Loureiro;</li> <li>9. Rua Aurélia de Sousa;</li> <li>10. Rua Dominguez Alvarez;</li> <li>11. Rua Doutor Alberto Aires de Gouveia;</li> <li>12. Rua António Carneiro;</li> <li>13. Rua de António Cardoso;</li> <li>14. Rua de Arménio Losa;</li> <li>15. Rua de Francisco Oliveira Ferreira;</li> <li>16. Rua de Januário Godinho;</li> <li>17. Rua de Joaquim Lopes;</li> <li>18. Rua de Júlio Ramos;</li> <li>19. Rua de Rogério de Azevedo;</li> <li>20. Rua de Silva Porto;</li> <li>21. Rua de Tomás Soller;</li> <li>22. Rua do Doutor Manuel Pereira da Silva;</li> <li>23. Rua do Professor António Cruz;</li> <li>24. Rua Henrique Medina;</li> <li>25. Rua Henrique Pousão;</li> <li>26. Rua Joaquim Vitorino Ribeiro;</li> <li>27. Rua Jorge Gigante;</li> <li>28. Rua José Teixeira Barreto;</li> <li>29. Rua Júlio de Brito;</li> <li>30. Rua Mário Bonito;</li> <li>31. Rua Marques de Oliveira;</li> <li>32. Rua Mestre Guilherme Camarinha;</li> <li>33. Rua Vieira Portuense</li> </ol>



Tabela 14- Levantamento das ruas que homenageiam antigos estudantes da APP, Escola Médico-Cirúrgica do Porto e escolas que antecedem a FBAUP

Foi neste contexto que foi concebido, por fim, o roteiro final apelidado de *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*. Este mapa, com o total de 75 alamedas, avenidas, largos, praças, pracetas e ruas, consagra uma diversidade de áreas científicas. Contudo, e conforme indicado anteriormente, devido ao enorme crescimento que este estudo obteve, houve a necessidade de efetuar alterações que se prendem com o nome inicialmente atribuído a este mapa (*Antecedentes da Academia Politécnica do Porto*). Os motivos que levaram a tal residem no facto de este, na finalidade, comportar e representar um esquema toponímico que se refere não aos antecedentes da APP mas sim às instituições académicas que, eventualmente, levaram ao surgimento e consequente fundação da Universidade do Porto. Neste sentido, e dado que este se trata de um roteiro totalmente voltado para as raízes do maior estabelecimento de ensino público portuense, foi ainda nossa opção acrescentar ao mesmo não só o local onde se encontra a Reitoria da Universidade do Porto, como também os locais das respetivas unidades orgânicas e dos seus museus. O resultado final fica espelhado na figura que se segue:

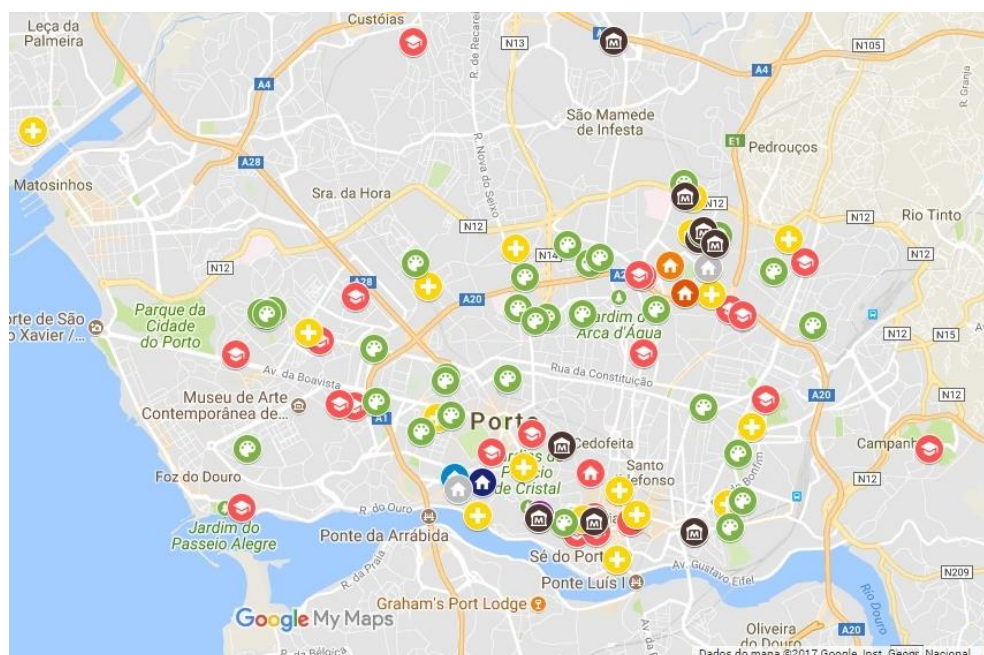


Figura 42- Vista geral do mapa Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia <sup>123</sup>

**Legenda:** Academia Politécnica do Porto | Escola Médico-Cirúrgica do Porto | Antecedentes da FBAUP | Reitoria da UP | Unidades Orgânicas (correspondente à cor de cada Faculdade, dentro da disponibilidade de cores possíveis na plataforma) | Museus

### 4.3. Construção de fichas técnicas

Neste passo, foi nossa opção completar o roteiro criado através da atribuição de biografias correspondentes a cada figura homenageada pela cidade do Porto. Nesta fase, foi crucial o apoio, na perspetiva do percurso museológico da U.Porto, da Dra. Susana Medina assim como os conhecimentos sobre as suas pessoas e património da Dra. Susana Barros, na sequência do trabalho desenvolvido para a criação das biografias das personalidades que constam no SIGARRA da Universidade do Porto, tendo estas constituído a base para a adaptação biográfica realizada para o roteiro. Assim, partindo da seleção criteriosa dos textos biográficos de cada estudante, obtivemos fichas técnicas versáteis e adaptáveis aos mesmos. Estas, por sua vez, tinham necessariamente de se enquadrar nas especificidades do mapa concretizado no âmbito deste Relatório de

<sup>123</sup> Francisca Vasconcelos. Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/D9pHpr>

Estágio, considerando que é nossa missão completá-lo, melhorá-lo e torná-lo numa importante ferramenta de disseminação patrimonial. Deste modo, a ficha técnica aplicada a cada uma das personalidades consiste nos seguintes parâmetros:

1. Nome da figura;
2. Descrição biográfica;
3. Siglas utilizadas;
4. Local de homenagem;
5. Street view;
6. Coordenadas GPS;

Verificado o caráter cultural e informativo das fichas técnicas criadas, estas representam claramente uma influência inegável da vertente educacional presente na cidade do Porto, influência que vai ao encontro da nossa pretensão em divulgar o património universitário. Constatando que vivemos numa era em que os meios tecnológicos traduzem uma grande importância e, inclusive, uma certa dependência no dia a dia, concluímos que a melhor forma das pessoas interessadas no nosso roteiro conseguirem aceder ao mesmo, seria, precisamente, através desses ditos meios, nomeadamente um em particular: o *smartphone*. Ainda que o mapa criado esteja perfeitamente adaptável para visualização num computador, atualmente o *smartphone* trata-se de um aparelho eletrónico detentor de uma maior facilidade de acesso à matéria digital pretendida em qualquer lugar do mundo. Nesse sentido, e tendo em consideração que o telemóvel é utilizado como GPS pela grande parte da população, não só residente como também visitante, concluímos que a nossa plataforma digital teria uma alta probabilidade de ser acedida maioritariamente pelos referidos dispositivos. Foi neste âmbito que resolvemos delimitar os textos biográficos em 100 palavras, para que estes, por sua vez, pudessem adaptar-se aos diversos tamanhos de ecrãs dos *smartphones*, não correndo o risco da informação se tornar excessiva para o leitor por não se revelar apelativa em termos visuais.

Posto isto, realizamos 30 fichas técnicas correspondentes às 32 figuras homenageadas, salientando que essa diferença em termos numéricos se deve ao facto de Adriano de Paiva e Conde de Campo Bello se tratarem da mesma pessoa, assim como o

facto de não existir biografia suficientemente credível relativa a Sampaio Bruno, inicialmente colocado no levantamento de Cândido dos Santos (ver a totalidade das biografias no **apêndice V**). Torna-se ainda importante referir que, devido a questões de tempo, não nos foi possível sistematizar as biografias das figuras que estudaram em escolas anteriores à Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto nem a disponibilização de fotografias correspondentes a cada sítio homenagem. Contudo, e uma vez que o roteiro *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia* se trata de um projeto em aberto e em constante mutação, tencionamos acrescentar os referidos dados biográficos e fotográficos ao longo do tempo, contando ainda com a receptividade de docentes e investigadores que pretendam contribuir não só para a sua expansão de conteúdos como também para a sua difusão.

Em suma, é nosso intuito, através da criação e desenvolvimento desta investigação, que os interessados, beneficiando da era digital, tenham acesso a uma plataforma que represente uma ferramenta de divulgação patrimonial referente não só à Universidade do Porto como também à cidade na qual esta se insere. Uma vez que a cidade do Porto foi considerada neste ano de 2017 como Melhor Destino Europeu pelo site *European Best Destinations*, derrubando uma fortíssima concorrência de cidades europeias, acaba por se revelar um local ainda mais atrativo do que o usual em termos turísticos. É neste sentido que se torna imperativo o uso deste roteiro enquanto forma de programa dinâmico não só para os visitantes que pretendem saber mais acerca das personalidades académicas que surgem, eternizadas, nas ruas da cidade *invicta*, como também para os próprios habitantes, que passam a conhecer melhor os nomes dos locais que frequentam diariamente, no caso de nunca terem questionado a sua história e as suas raízes.

## **5. Disponibilização e acesso em meio digital: uma abordagem colaborativa**

### **5.1. A plataforma *Google Maps*: os meus mapas**

Este subcapítulo, ainda que diretamente implícito nos subcapítulos anteriores, trata-se do grande motor deste projeto, pois, sem o mesmo, esta investigação não teria o impacto que, efetivamente, produziu.

Aquando do começo do nosso estudo relativo aos antecedentes da Universidade do Porto, ainda sem sabermos que este, eventualmente, tornar-se-ia num mapa toponímico, a necessidade latente de criação de um roteiro levou-nos a questionar e a procurar o melhor suporte, sempre considerando um sítio *web*, para criar, albergar e expor a nossa investigação a diferentes tipos de público-alvo. Por conseguinte, e já estando familiarizadas com a plataforma digital *Google Maps*, reconhecemos que uma das extensões da mesma, a ferramenta *Os Meus Mapas*, teria bastante potencial para se tornar na base de criação do mapa-roteiro de acordo com os nossos parâmetros devidamente personalizados. Assim sendo, do que se trata, afinal, este instrumento? Trata-se de uma ferramenta digital que permite a qualquer utilizador, desde que detentor de uma conta *Google*, a criação de um mapa ajustável às necessidades pretendidas em termos de localização, consagrando as seguintes funcionalidades:

- Desenhar formas em qualquer local ou adicionar pontos;
- Pesquisar e arquivar locais no mapa;
- Importar mapas a partir de folhas de cálculo;
- Personalizar os mapas com ícones, cores, fotografias e vídeos <sup>124</sup>

Deste modo, aliada à possibilidade de partilha com qualquer utilizador *Google*, a facilitação da sua divulgação está assegurada.

É nesta ordem de ideias que a plataforma *Os Meus Mapas* representa uma grande parte evolutiva deste projeto, não só ao nos ter permitido uma pesquisa avançada e concisa relativamente aos nomes das figuras que estudaram em instalações antecessoras da U.Porto que tencionávamos associar a ruas ou outros locais, como também o facto de nos ter sido disponibilizados meios que, quer através da escolha de ícones específicos relativos a cada instituição tratada, quer em termos de cor, nos foi assegurada uma maior facilidade de reconhecimento das temáticas representadas assim como uma distinção mais ágil face aos múltiplos estabelecimentos de ensino incorporados.

Por se ter revelado um mecanismo útil e fundamental neste Relatório de Estágio,

---

<sup>124</sup> Google Maps. Os meus mapas. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/1QvDSs>

da mesma forma que simboliza uma importante aposta na divulgação e valorização do ensino académico na cidade do Porto, o roteiro irá permanecer na plataforma ainda que, atualmente, se encontre disponível também numa outra aplicação digital igualmente inovadora que iremos abordar de seguida, tratando-se ambos de resultados bem-sucedidos do conceito OpenLab e, por sua vez, importantes contributos para o projeto do Museu Digital da Universidade do Porto.

## **5.2. A aplicação digital #IWASHERE**

Este subcapítulo, na sequência do que fora apresentado e descrito no terceiro ponto do capítulo III, destina-se à contextualização do desenvolvimento da parceria que efetuamos com um grupo de estudantes de Mestrado da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, concretizando, uma vez mais, o conceito OpenLab. Realçando que o principal objetivo do referido conceito se trata da valorização das interações académicas a nível multidisciplinar, tendo em vista a evolução e disseminação do conhecimento científico, torna-se crucial verificar o desenvolvimento desta parceria aplicada, neste caso em específico, ao projeto do Museu Digital da Universidade do Porto.

Foi com vista à execução do propósito acima mencionado que a Professora Doutora Manuela Pinto, responsável pelo desenvolvimento e consequente aplicação do conceito OpenLab aos projetos da Universidade do Porto que nele se enquadram, promoveu uma colaboração entre o trabalho toponímico que havíamos elaborado para esta investigação, *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia*, e outro trabalho que, também, se encontrava sob a sua alçada: um projeto desenvolvido por um grupo de estudantes pertencentes aos seguintes cursos: Mestrado em Engenharia Informática e Computação e Mestrado em Multimédia, cursos integrados na FEUP e Licenciatura em Design e Comunicação, relativo à FBAUP. Este projeto consistiu, assim, na criação de uma aplicação digital - a #IWASHERE - em contexto de trabalho final correspondente à unidade curricular de Laboratório de Gestão de Projetos, cadeira comum aos cursos referidos cuja finalidade é a apresentação do produto final no LGP Challenge 2017 e que envolveu de forma particular o Dr. Rodolfo Matos, o Prof. Armando de Sousa, a Prof. Manuela Pinto, a Dr.<sup>a</sup> Susana Medina e os Museus da U.Porto,

Em que consiste a plataforma #IWASHERE? Trata-se de uma APP que cria e alimenta uma *network* que começa por orientar a comunidade da Universidade Porto, e outras, na cidade, incentivando-os, depois, a partilhar o seu conhecimento e experiências acerca de determinados locais de interesse e património da U.Porto, ou sobre algo que fizeram ou visitaram na cidade através da submissão de fotografias, vídeos, áudios ou textos, criando os seus roteiros pessoais. Deste modo, a aplicação funciona como uma *mobile companion* que, por sua vez, irá sugerir itinerários com locais e peças/artefactos dos museus, dependendo sempre do local onde o utilizador se encontra.<sup>125</sup>

A identificação dos POI (Points of Interest) torna-se fundamental dado que se referem a algo ou alguém que tenha importância para esta cidade. Ao se clicar num ponto específico do mapa, é permitido o acesso à barra lateral, que possui uma breve descrição do conteúdo que foi selecionado para visualização. É a partir desta barra lateral que também se tem acesso a mais informação, isto é, a outros *posts* e opiniões. A plataforma ainda disponibiliza rotas que são geradas a partir de uma lista de POI que se encontram diretamente ligados. Relativamente aos *posts* em si, o utilizador tem a possibilidade de colaborar com os restantes ao permitir que as suas fotografias, vídeos e ficheiros sejam visualizados por todos que tenham efetuado registo, conferindo uma interoperabilidade de funções. Já no campo dinâmico e interativo, a plataforma possui a funcionalidade de criar desafios, tarefas e concursos entre os utilizadores, pelo que à medida que os vão completando receberão crachás virtuais como prémio.<sup>126</sup>

Porém, uma das funcionalidades fundamentais neste contexto específico, trata-se do facto da aplicação permitir aos utilizadores a oportunidade de revisitarem museus, o que será possível através da utilização de um QR Code que irá realizar o *upload* de dados digitais referentes ao museu que fora visitado pelo utilizador.<sup>127</sup> É neste sentido que esta opção se demonstra uma mais valia para o Museu Digital da U.Porto, tendo suscitado a ideia de parceria entre a investigação e o grupo de estudantes e professores responsáveis pela #IWASHERE.

---

<sup>125</sup> #IWASHERE. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/j9Ycz6>

<sup>126</sup> #IWASHERE. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/j9Ycz6>

<sup>127</sup> #IWASHERE. [consultado em jul 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/j9Ycz6>

Na sequência do trabalho já desenvolvido para o MDUP para a criação do mapa/roteiro toponímico, tornou-se evidente que o trabalho se enquadrava perfeitamente nos parâmetros específicos pretendidos pela plataforma. Nesse sentido, participámos numa série de reuniões nas quais foram decididos os passos a tomar de modo a verificarmos as opções que iriam melhorar e facilitar o progresso do projeto. Deste modo, foi acordado que ficaríamos encarregues de enviar aos colegas da FEUP as fichas técnicas que havíamos realizado anteriormente, mas, agora, adaptadas às necessidades e conceitos desta plataforma digital, isto é, através da utilização de palavras-chave, coordenadas GPS dos locais com a máxima precisão possível assim como a formatação de texto apropriada ao sistema informático no qual os nossos parceiros iriam inserir a informação enviada. Encontrando-se a documentação inserida na base de dados #IWASHERE, a rota foi criada e disponibilizada *online*, sendo que o resultado se revelou bastante semelhante ao criado para a plataforma *Os Meus Mapas*, considerando que esta versão disfruta das diversas vantagens proporcionadas pela aplicação.





### Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia

Roteiro de ruas da cidade do Porto que homenageiam figuras ilustres que frequentaram a Academia Politécnica do Porto, a Escola Médico-Cirúrgica do Porto e as escolas que antecedem a Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.

Figura 43- Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia na aplicação #IWASHERE <sup>128</sup>

A criação deste roteiro, sendo o primeiro de muitos que já se encontram criados e de outros que surgirão futuramente, revela-se uma ferramenta bastante útil na exploração dos antecedentes da Universidade do Porto assim como a divulgação da cidade, tornando-a ainda mais num meio de partilha de experiências, transmissão de conhecimentos e da perceção do contexto histórico relativo aos nomes de, por exemplo, ruas e avenidas, não tendo sido escolhidos por mero acaso. Ainda no âmbito do conceito OpenLab, pode ainda tornar-se num utensílio essencial, por exemplo, para os estudantes de ERASMUS. Uma vez que se encontram numa cidade inicialmente desconhecida, torna-se importante a existência, neste caso, de uma plataforma, que funcione como orientação na nossa cidade, ao mesmo tempo que permite a aprendizagem a história da sua nova instituição de ensino.

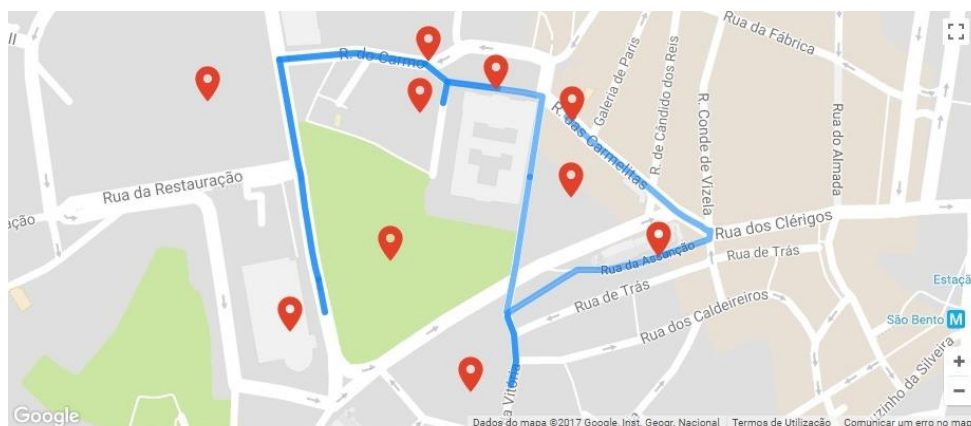
A versão beta da aplicação #IWASHERE foi apresentada no LGP Challenge

<sup>128</sup> #IWASHERE. Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Zn42KD>

2017, realizado na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto no passado dia 2 de junho, tendo sido lançada em tempo real para os utilizadores através da disponibilização de um QR Code acompanhado pelo respetivo endereço para visualização em computador, com a opção de *download*. Atualmente a plataforma só se encontra disponível na *Google Play Store* (referente aos *smartphones Android*) uma vez que o custo de adaptação para *iPhone* e *Windows Phone* era impossível de suportar pela U.Porto. Apesar de se tratar de um projeto desenvolvido em contexto de trabalho final para uma unidade curricular, pretendemos expandir os seus conteúdos e alargar a sua capacidade de informação futuramente, motivo pelo qual o vemos como uma investigação em aberto que continuará a colaborar com o MDUP.

Tendo em conta que a colaboração entre este estudo e os colegas que criaram a aplicação #IWASHERE obteve resultados tão positivos e produtivos, continuamos a trabalhar em conteúdos relacionados com o Museu Digital, desta vez relativamente à introdução de roteiros pertencentes a projetos criados no ano letivo de 2015-2016 e 2016-2017, no âmbito de unidades curriculares relativas aos cursos Ciência da Informação (uma parceria FLUP e FEUP) e História da Arte (FLUP). Nesse sentido, a nossa missão consistiu na criação ou modificação de rotas na #IWASHERE, referentes aos projetos acima mencionados.

Roteiros previamente criados que sofreram alterações:

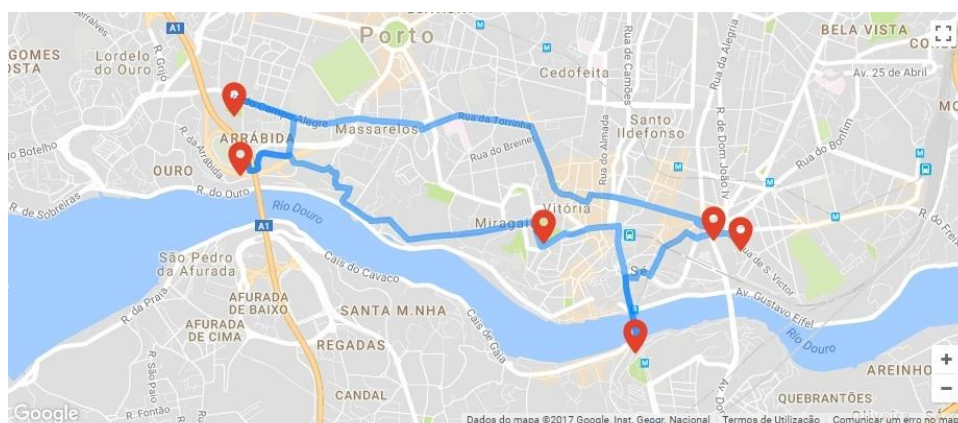


## O Edifício da Reitoria do Porto: O Enquadramento Urbano - "Um Roteiro Através dos Tempos"

# uporto

# arte

Figura 44- O Edifício da Reitoria do Porto: O Enquadramento Urbano - "Um Roteiro Através dos Tempos" <sup>129</sup>



Universidade Fora de Portas: Jardins, História, Património

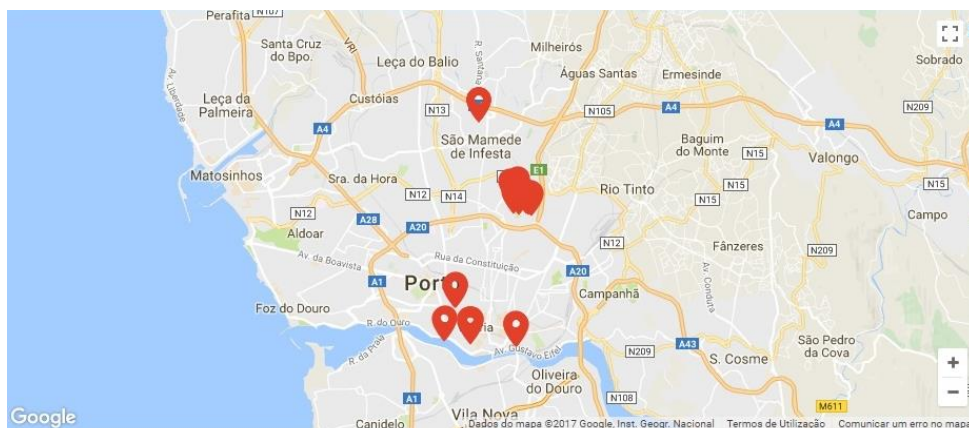
Roteiro, Natureza em si

Figura 45- Universidade fora de portas: Jardins, História, Património <sup>130</sup>

<sup>129</sup> #IWASHERE. O Edifício da Reitoria do Porto: O Enquadramento Urbano - "Um Roteiro Através dos Tempos". [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/bmdARv>

<sup>130</sup> #IWASHERE. Universidade fora de portas: jardins, história, património. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/De446A>

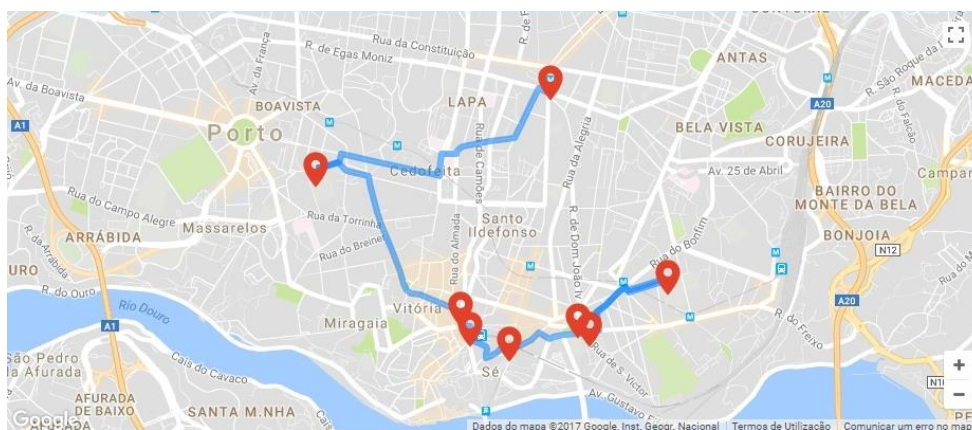
Roteiros criados de raiz:



Museus da Universidade do Porto

Roteiro de Museus da Universidade do Porto e respetivos objetos.

Figura 46- Museus da Universidade do Porto<sup>131</sup>



Marques da Silva e o Ensino Beaux-Artiano no Porto

Roteiro de edifícios que se relacionam com o percurso artístico do ilustre arquiteto Marques da Silva.

Figura 47- Marques da Silva e o ensino Beaux-Artiano no Porto<sup>132</sup>

<sup>131</sup> #IWASHERE. Museus da Universidade do Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ARzPXR>

<sup>132</sup> #IWASHERE. Marques da Silva e o ensino Beaux-Artiano no Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/gA3mbK>

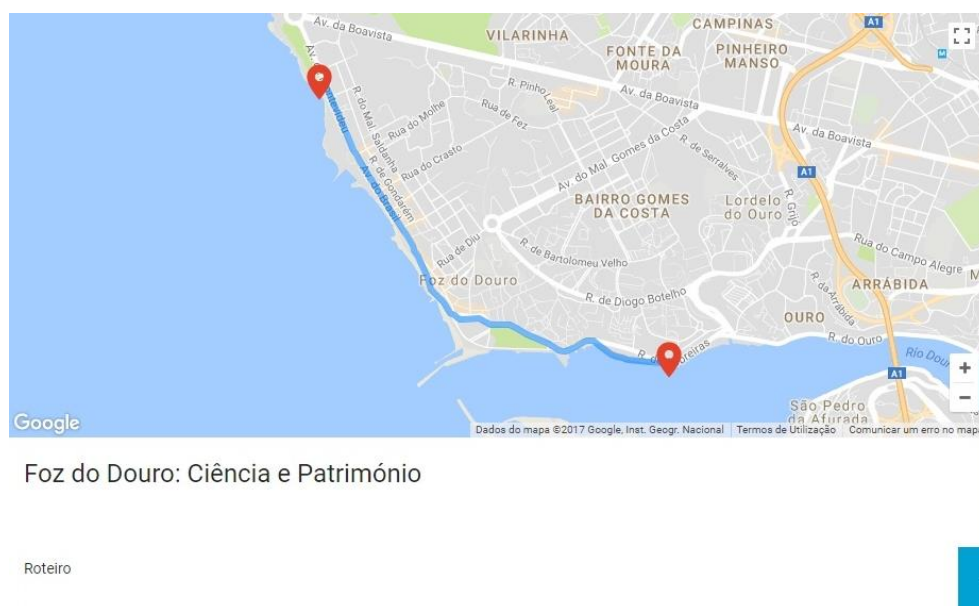


Figura 48- Foz do Douro: Ciência e Património <sup>133</sup>

Ao protótipo do U.OpenLab, desenvolvido no ano letivo de 2015-2016, e ao CitizenLab [U]. Porto Personal (com envolvimento dos estudantes que prepararam os roteiros e estudantes de Ciências da Comunicação, uma parceria, FBAUP, FEP, FEUP e FLUP), integrado no evento FUTURE PLACES 2016, e que constituem os primeiros resultados que concretizam o conceito, segue-se, no presente ano letivo a aplicação digital #IWASHERE. Para além de consagrar uma cadeia de relações entre as mais variadas áreas científicas deste estabelecimento de ensino, assegurando um trabalho científico multifacetado e olhado sob distintos pontos de vista, cria uma ligação com a cidade na qual se encontra. Ao disponibilizar uma série de mapas com uma série de itinerários referentes a várias temáticas diretamente relacionadas com a história da U.Porto, é conseguida uma interação entre passado e presente que leva a que os dispositivos móveis entrem em contacto com artefactos e património edificado, criando um dinamismo essencial nesta era tão marcadamente turística e digital.

<sup>133</sup> #IWASHERE. Foz do Douro: ciência e património. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/Ry8rgd>



### 5.3. O roteiro #GPSEngenharia

Verificados os ótimos resultados conseguidos com a apresentação da aplicação #IWASHERE e o interesse da Ordem dos Engenheiros Região Norte na mesma, o nosso trabalho viu criada uma nova oportunidade de desenvolvimento uma vez que, por coincidência, a entidade se encontrava a trabalhar num projeto com um objetivo que seria bem complementado com a aplicação e os seus conteúdos: a plataforma #GPSEngenharia. E em que consiste esta aplicação? A #GPSEngenharia trata-se de uma base de dados que reúne conteúdos acerca de locais que se relacionam com a Engenharia na cidade do Porto e na região norte. É assim que consagra edifícios, pontes e outras construções emblemáticas, infraestruturas enterradas como túneis, minas, abastecimentos de água e telecomunicações, sistemas de transportes, exemplos notáveis de criação urbanística e de ordenamento do território, parques urbanos, escolas e laboratórios de Engenharia, empresas, hospitais, museus e ruas com nomes de engenheiros emblemáticos.<sup>134</sup> É precisamente neste último ponto que os nossos trabalhos convergem, motivo pelo qual resultou numa múltipla colaboração entre a investigação sistematizada no presente Relatório de Estágio, a aplicação #IWASHERE e, agora, a aplicação #GPSEngenharia.

Tendo em conta o trabalho realizado previamente para a plataforma *Os Meus Mapas* e para a aplicação #IWASHERE, o projeto, agora voltado para a história de cada engenheiro que deu nome a determinadas ruas da cidade invicta, segue a mesma linha de pensamento e conteúdos esquemáticos que foram pensados anteriormente. Nesse sentido, e tendo em vista o desenvolvimento do projeto, foi realizada uma reunião na qual apresentamos o trabalho elaborado com a #IWASHERE de modo a perceber como poderíamos adaptar a aplicação a estes novos dados. Foi, por conseguinte, concluído que iria ficar a nosso cargo a construção de uma Toponímia de Engenheiros, semelhante à que fora construída relativamente aos Antecedentes da Universidade do Porto, assim como a construção de um itinerário para o Dia Regional do Engenheiro 2017, evento realizado no passado dia 17 de junho na Alfândega do Porto, cujo lema incide na ideia de que “*Há*

---

<sup>134</sup> #GPSEngenharia. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/kphR3V>

*engenharia em tudo o que nos rodeia. Há engenharia em tudo o que há. Há engenharia em si.”*

Foi nesta ordem de ideias que iniciámos a construção do projeto, partindo para o planeamento esquemático sob o qual o projeto se iria desenrolar. Relativamente a esta fase específica do processo, torna-se fundamental referir o contributo da Eng.<sup>a</sup> Ana Filipa, tendo sido incansável quer no fornecimento da documentação com os nomes de ruas e biografias pertencentes às respetivas personalidades, como na troca de informação referente à formulação do itinerário, tendo sido uma ajuda imprescindível.

Numa primeira fase, tendo em conta que no Dia Regional do Engenheiro 2017 vários grupos de pessoas iriam visitar locais emblemáticos relacionados com a engenharia, tornou-se necessário criar um guia que os contemplasse, funcionando como um roteiro que não só iria guiar como explicar aos visitantes o porquê de estarem a visitar aquele mesmo local. Neste sentido, e para que fosse possível disponibilizar aos participantes um guia que se encontrasse acessível nos seus dispositivos móveis, adaptamos e construímos o itinerário tanto na plataforma *Os Meus Mapas* como na aplicação #IWASHERE, prática também utilizada posteriormente na criação da Toponímia de Engenheiros, que iremos abordar de seguida. Importa salientar que a descrição de todos os POI é da autoria da Ordem dos Engenheiros Região Norte. Foi, deste modo, garantido um apoio tecnológico fundamental e adequado à celebração do referido dia, tendo resultado no seguinte roteiro:

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
<b>Alfândega do Porto</b>	<p>O edifício da Alfândega Nova do Porto foi inaugurado em 1869, segundo o projeto do Eng.º Jean-François Colson. A responsabilidade da obra ficou a cargo do Eng.º Francisco de Carvalho Mourão Pinheiro, enquanto a obra do cais foi da responsabilidade do Eng.º Faustino José da Victoria. No projeto foram incluídas, as infraestruturas para entrada e saída de mercadorias e diversas estruturas de apoio tais como: armazéns, vias-férreas que ligavam a Alfândega e a Estação de Campanhã (Ramal da Alfândega) e plataformas giratórias. A partir de 1992, o edifício sofreu intervenção de restauro e requalificação, passando a abrigar um Centro de Congressos, o Museu de Transportes e Comunicações e a sede da Associação Museu de Transportes e Comunicações.</p> <p>Fonte: OERN</p>	R. Nova da Alfândega, 4400 Porto, Portugal	41.14303, - 8.6217	<p><b>Construção:</b> 1859-1869  <b>Reabilitação e restauro:</b> 1992  <b>Características Área:</b> 36.000m2  <b>Estrutura mista:</b> Paredes de Granito, Pilares Metálicos  <b>Relevância:</b> Utilização de técnicas construtivas consideradas inovadoras à época; exemplo de requalificação e restauro  <b>Dono da obra:</b> Ministério das Obras Públicas  <b>Eng.os envolvidos/autores:</b> Eng.º Jean F. Colson (projeto); Eng.º Francisco de Carvalho Mourão Pinheiro (construção); Eng.º Faustino José da Vitoria (obra do cais)  <b>Outros profissionais envolvidos/autores:</b> Arq.º Eduardo Souto de Moura (1992)  Fonte: OERN</p>
<b>Central de Despacho e Condução EDP Distribuição do Porto</b>	<p>A EDP Distribuição, sediada no Porto desde 2011, possui um centro de despacho de Alta Tensão, três centros de condução de média tensão e um centro de gestão de avarias de baixa tensão. A Direção de Despacho e Condução da EDP Distribuição tem por missão otimizar os fluxos de energia e condução da rede de distribuição, garantindo a qualidade de serviço técnico, que inclui a continuidade e a qualidade de energia. Para tal detém um sistema de supervisão e controlo (GENESYS) e de gestão de ocorrências (SGI, Power On).</p> <p>Fonte: OERN</p>	R. Ofélia Diogo da Costa 115, 4149-022 Porto, Portugal	41.15898, - 8.63167	<p><b>Inauguração:</b> 13 abril de 2011  <b>Características:</b> Estrutura em betão armado.  <b>Relevância:</b> Centro de condução e de gestão de avarias  <b>Atual proprietário:</b> EDP  Fonte: OERN</p>



POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
<b>Tuneis d'Arca de Água</b>	<p>O antigo manancial de Paranhos (conhecido como manancial da Arca D'Água ou, ainda, Arca das Três Fontes, por serem três as nascentes de onde a água brotava) constituiu, durante mais de cinco séculos, uma das principais fontes de abastecimento de água à cidade do Porto. A primeira referência documental dos subterrâneos do Porto data de 1392, contudo a construção do manancial de Paranhos, apenas, foi autorizada, por Filipe I, em 1597, a pedido da população. Em 1607, conclui-se o encanamento, permitindo o abastecimento da baixa da cidade. Esta obra de engenharia transformou a rede de abastecimento de água do Porto numa das mais fartas e bem fornecidas da época. Arca D'Água foi perdendo importância no final do século XIX, à medida que se criavam os novos sistemas hidráulicos. No entanto, este manancial, continua a constituir uma parte fundamental da história subterrânea da cidade.</p> <p>Fonte: OERN</p>	Praça de 9 de Abril 121, 4200-422 Porto, Portugal	41.17213, - 8.61273	<p><b>Construção:</b> 1597-1607  <b>Características:</b> tipo (Aqueduto subterrâneo); extensão (3km); profundidade máxima(25m)  <b>Relevância:</b> abastecimento de Água - Engenharia hidráulica;  <b>Atual proprietário:</b> Águas do Porto  <b>Eng.os envolvidos/autores:</b> Mestres Pantaleão Brás e Manuel Gonçalves  <b>Outros profissionais envolvidos/autores:</b> Pedreiros Gonçalo Vaz, Gaspar Gonçalves e António João  Fonte: OERN</p>
<b>Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial (INEGI)</b>	<p>O INEGI, Instituto de Ciência e Inovação em Engenharia Mecânica e Engenharia Industrial, é uma instituição de interface entre a universidade e a indústria, com uma forte ligação à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.</p> <p>“Contribuir para o aumento da competitividade da indústria nacional através da investigação e desenvolvimento, demonstração, transferência de tecnologia e formação nas áreas de conceção</p>	Rua Dr. Roberto Frias, Campus da FEUP, 4200-465 Porto, Portugal	41.17939, - 8.59423	<p><b>Ano de fundação:</b> 1986  <b>Volume de negócios:</b> 7,6 M€ (2015)  <b>N.º de empregados:</b> 181 colaboradores (2015)  <b>Área de atividade:</b> Pesquisa  <b>Projetos e realizações:</b> primeira pilha de combustível a hidrogénio portuguesa; Projeto <i>Increase of Bolted Joint Performance for CFRP Structures</i>, com a ESA (Agência Espacial Europeia); Projeto <i>Progressive Failure Analysis of Advanced Composites</i> com a NASA; Plano municipal de eficiência energética de Ponte da Barca.</p>

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
	e projeto, materiais, produção, energia, manutenção, gestão industrial e ambiente” é a missão desta instituição, que ao longo dos anos, tem desenvolvido inúmeras atividades no âmbito de investigação e de inovação de base tecnológica e transferência de tecnologia orientada para o tecido industrial. Fonte: OERN			Fonte: OERN
<b>International Iberian Nanotechnology Laboratory (INL)</b>	O INL, Laboratório Ibérico Internacional de Nanotecnologia, criado em 2005, é o resultado do interesse dos Governos de Portugal e Espanha numa forte cooperação nas áreas da ciência e da tecnologia. Com o objetivo de se tornar uma parte vital da ciência europeia, a única organização de investigação na Europa no domínio da nano ciência e da nanotecnologia, sediada em Braga, foi concebida a fim de: <ul style="list-style-type: none"> <li>• garantir a excelência da investigação de classe mundial em todas as áreas de atividade;</li> <li>• desenvolver parcerias com empresas, de modo a promover a partilha de conhecimento;</li> <li>• formar investigadores e contribuir para o desenvolvimento de uma força de trabalho qualificada para a indústria da nanotecnologia.</li> </ul> Fonte: OERN	Avda. Mestre José Veiga s/n, 4715 Braga, Portugal	41.55475, - 8.39931	<b>Ano de fundação:</b> 2005 <b>Características:</b> Empresa de capital aberto <b>N.º de empregados:</b> 80 colaboradores (2012) <b>Área de atividade:</b> Pesquisa <b>Projetos e realizações:</b> Biossensor de base magneto resistiva para deteção de biotoxinas de água doce; Desenvolvimento e validação interna de métodos PCR para deteção de ingredientes alergénicos em alimentos; Nano-vitaminas termanigásticas ativadas externamente para diagnóstico de cancro e liberação controlada de fármacos; Descrição das interações tumor-estromal das células usando dispositivos micro fluídicos; Projeto e síntese de nanopartículas magnéticas não convencionais e nano estruturas Core-Shell. Fonte: OERN
<b>Centro Comando</b>	O Centro Comando Operacional do Porto (CCO do Porto) é um centro multidisciplinar de abrangência regional, com a principal missão de coordenar e supervisionar todas as funções e atividades ligadas aos processos operacionais da		41.17006, - 8.57416	<b>Inauguração:</b> 22 abril 2008 <b>Características:</b> Edifício em betão armado <b>Área implantação:</b> 1507 m2 <b>Relevância:</b> Centro Comando Ferroviário de alta tecnologia

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
<b>Operacional do Porto (CCO)</b>	exploração ferroviária e da gestão de tráfego na sua área de abrangência (cerca de 600 km via-férrea). Tecnicamente evoluído, dotado de modernos sistemas de apoio à exploração, que permitem um conhecimento exato do estado da circulação em cada momento e que proporcionam uma informação em tempo real aos Operadores Ferroviários e aos Passageiros. Gere diariamente cerca de 650 circulações ferroviárias. Fonte: OERN	Contumil, 4350 Porto, Portugal		<b>Dono da obra:</b> Infraestruturas de Portugal, S.A. <b>Eng.os envolvidos/autores:</b> Eng.º Luís Candeias, Eng.º Alberto Sierra, Eng.º José Guerra, Eng.º Nuno Barrento <b>Outros profissionais envolvidos/autores:</b> Arq.º Paulo Calapez Fonte: OERN
<b>Monumental Palace Hotel</b>	O Monumental Palace Hotel surge da reabilitação do antigo Café e mais tarde Pensão Monumental, muito famosos nos anos 30. O edifício, em plena Avenida dos Aliados, foi projetado pelo Arq.º Michelangelo Soà em 1923 e a sua reabilitação teve início em 2015. O Monumental Palace Hotel com as atuais obras de reabilitação e restauro pretende recuperar a elegância dos anos 30 do século XX e das correntes artísticas Arte Nouveau e Art Déco. Fonte: OERN	Av. dos Aliados 151, 4000-196 Porto, Portugal	41.14839, - 8.61142	<b>Construção:</b> 1923 - 1925 <b>Reabilitação:</b> Início em 2015 e reabertura prevista em 2017 <b>Relevância:</b> Obra de reabilitação de referência; Interesse turístico <b>Dono da Obra:</b> Mário Ferreira - Grupo Mystic Invest <b>Construtora:</b> Soares da Costa Eng.os envolvidos/autores: A400 – Projetistas e Consultores de Engenharia, LDA <b>Projeto Acústico:</b> Eng.º Octávio Inácio Estrutura e Fundições, Estrutura Hidráulica e Movimento de terras e contenção periférica: Eng.º António Monteiro Estrutura de Gás: Eng.ª Virgínia Raeiro Estruturas Elétricas (AVAC): Eng.º Paulo Félix <b>Projeto térmico:</b> Eng.º Rui Moreira Instalação elétrica. Segurança contra incêndios: OHM-E <b>Outros profissionais/autores:</b> Arq.º Michelangelo Soà (1923), Arq.º Audemaro Rocha (2015) e Arq.º Pilar Paiva de Sousa (2015) Fonte: OERN
<b>Grande Reservatório de</b>	O reservatório de água de Nova Sintra é um componente do sistema de distribuição de água com funções de armazenamento de água, de	R. Barão Nova Sintra 285, 4300-367		<b>Construção:</b> Conduta adutora Jovim-Nova Sintra: 2008 <b>Características:</b> Estrutura em betão armado. <b>Relevância:</b> Armazenamento e Distribuição de água; Obra de Engenharia Hidráulica

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
<b>Água Nova Sintra</b>	<p>regularização perante as flutuações resultantes do consumo, de reserva em caso de emergência, de equilíbrio de pressões na rede de distribuição e de regularização do funcionamento de bombagens. Na cidade do Porto, o sistema de abastecimento de água é constituído por 6 reservatórios municipais, atualmente, em serviço: Bonfim, Carvalhido, Congregados, Nova Sintra, Pasteleira e Santo Isidro, que perfazem uma capacidade total de armazenamento de 125.450 m<sup>3</sup>. O sistema adutor em alta permite a ligação entre a ETA de Lever e o reservatório multimunicipal de Jovim, a partir do qual, através de uma conduta adutora de 10km de extensão é possível abastecer o reservatório de Nova Sintra.</p> <p>Esta conduta tem capacidade para transportar cerca de 25.000 m<sup>3</sup>/dia, entre Jovim e Nova Sintra.</p> <p>Fonte: OERN</p>	Porto, Portugal	41.14517, -8.59085	<p><b>Atual proprietário:</b> Águas do Porto</p> <p>Fonte: OERN</p>
<b>Ponte de São João</b>	<p>A Ponte de São João localiza-se sobre o rio Douro, permitindo a ligação ferroviária entre o Porto e Vila Nova de Gaia.</p> <p>Esta estrutura foi construída para substituir a Ponte D. Maria, que com o elevado desenvolvimento da zona norte, em especial do Porto, deixou de satisfazer as necessidades ferroviárias da Linha do Norte. A sua construção ficou concluída em 1991, com o projeto apresentado pelo Eng.º Edgar Cardoso.</p>	Porto, 4300 Porto, Portugal	41.13889, -8.59548	<p><b>Inauguração:</b> 24 de junho de 1991</p> <p><b>Características Estrutura:</b> betão armado e pré-esforçado; vão principal: 250m; vãos laterais: 125 m; 3 vãos e 2 pilares no leito do rio sustentar a ponte; Espessura da parede dos pilares: 1m</p> <p><b>Relevância:</b> Grande ponte ferroviária sobre o Douro que liga o Porto a Vila Nova de Gaia</p> <p><b>Dono da obra:</b> Gabinete do Nó Ferroviário do Porto/Infraestruturas de Portugal</p> <p><b>Eng.os envolvidos/autores:</b> Eng.º Edgar Cardoso (projeto), Eng.º Luís Afonso (construção) e Eng.º Joel Viana de Lemos (construção)</p>

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
	Na direção da construção estiveram envolvidos os Eng.os Luís Afonso e Joel Viana de Lemos. A ponte é constituída por três vãos, sendo o principal, à data, considerado o maior do mundo, em pontes ferroviárias, com 250 metros de comprimento. Os vãos laterais têm, cada um, 125 metros. O material usado na sua construção foi o betão (armado e pré-esforçado). No total, a ponte juntamente com os viadutos de acesso, perfaz um comprimento total de 1140 metros. Fonte: OERN			Fonte: OERN
<b>The Yeatman Hotel &amp; Hotel SPA</b>	The Yeatman Hotel & Wine Spa é um hotel vínico de luxo, situado em Vila Nova de Gaia, muito próximo das caves de vinho do Porto. Este foi inaugurado em 2010, sendo que, em 2017, decorreram obras de ampliação desta unidade hoteleira. A empresa FDO Construções S.A., responsável pela obra, foi galardoada com o prémio de “Melhor Empreendimento Imobiliário na subcategoria Turismo”. Fonte: OERN	Rua do Choupelo, 4400-088 Vila Nova de Gaia, Portugal	41.13334, - 8.61301	<b>Inauguração:</b> 2010. Obras de ampliação 2017 – fim previsto para 2018 <b>Características:</b> Área de construção: 31.000m2 <b>Arranjos exteriores:</b> 24.000m2 <b>Relevância Hotel:</b> vínico de luxo; premiada obra de Engenharia <b>Dono da obra:</b> The Fladgate Partnership <b>Eng.os envolvidos/autores:</b> Coordenador: Eng.º Paulo Sousa Projeto de Eletricidade, Telecomunicações e Segurança: OHM-E Projeto de Hidráulica: Eng.ª Goreti Guedes Projeto de Estabilidade: Eng.ª Isabel Teles Projeto de Gás: Eng.º Jorge Rocha Projeto de Acústica: Eng.º Rui Calejo Eng.ª Filomena Machado <b>Empresas envolvidas:</b> FDO Construções, SA OHM-e, Lightplan Geo-Rumo, Tecnologia de Fundações, SA Fase Estudos e Projetos, SA <b>Outros profissionais envolvidos/autores:</b> Arq.º Victor Miranda Fonte: OERN

POI	Texto resumo	Rua	Coordenadas	Observações
<b>Parque da Lavandeira</b>	<p>A Quinta da Lavandeira, também conhecida por Quinta da Condessa, situada na freguesia de Oliveira do Douro, Vila Nova de Gaia, teve elevada relevância no campo da agricultura, chegando mesmo a ser considerada uma quinta modelo, pois nela eram ensaiadas novas culturas e as mais modernas alfaías.</p> <p>Atualmente, no local da antiga Quinta encontra-se o Parque da Lavandeira, concebido em 1998, que recria diversos ambientes ligados ao Lazer e à prática Desportiva. Este foi aberto ao público em agosto de 2005 e possui uma área de 11 hectares, rica em flora e fauna e onde é possível desfrutar de um lago e diversos jardins temáticos. Junto ao Parque da Lavandeira existe uma estufa, em ferro forjado, construída em 1881 e, recentemente, classificada como edifício de interesse público.</p> <p>Fonte: OERN</p>	R. Almeida Garrett, 4430 Vila Nova de Gaia, Portugal	41.11812, - 8.59224	<p><b>Construção:</b> 1998 - 2005</p> <p><b>Características:</b> Área com 11 hectares, Jardins Temáticos, equipamentos de Desporto</p> <p><b>Relevância:</b> Parque urbanos; Espaço verde de referência</p> <p><b>Dono da obra:</b> Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia</p> <p>Fonte OERN</p>

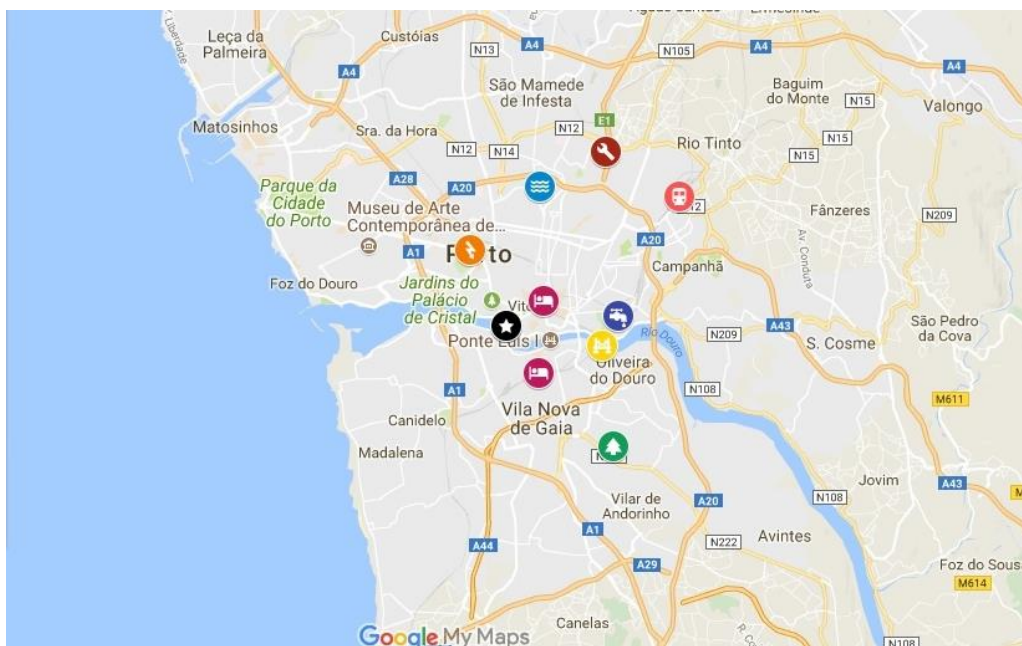
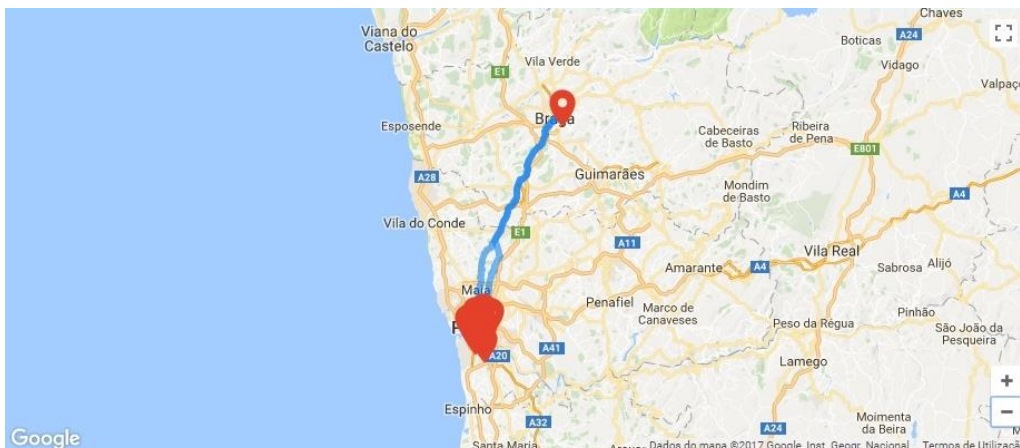


Figura 49- Dia Regional do Engenheiro 2017 (Os Meus Mapas)

**Legenda:** Alfândega do Porto | Despacho e Condução da EDP Distribuição Porto | Túneis de Arca d'Água | INEGI | INL | Centro de Controlo Operacional do Porto | Monumental Palace Hotel | Grande Reservatório de Água Nova Sintra | Ponte de São João | The Yeatman Hotel & Wine SPA | Parque Municipal da Lavandeira

135

<sup>135</sup> Francisca Vasconcelos. Dia Regional do Engenheiro 2017. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/nHYUiX>



### Dia Regional do Engenheiro 2017

Roteiro criado no contexto da celebração do Dia Regional do Engenheiro 2017 na Alfândega do Porto.

Figura 50- Dia Regional do Engenheiro 2017 (#IWASHERE) <sup>136</sup>

Já no que se refere à construção de um mapa toponímico que ilustrasse as ruas da cidade do Porto que homenageiam ilustres engenheiros portugueses, recebemos dados acerca das ruas atribuídas a personalidades e as suas respectivas biografias por parte da Ordem dos Engenheiros Região Norte. Com a documentação que nos foi enviada, foi nossa opção criar uma tabela geral, à semelhança do que fizéramos nos referidos projetos anteriores, de modo a facilitar não só a construção do mapa/roteiro como também o seu consequente preenchimento tanto na plataforma *Os Meus Mapas* como na aplicação #IWASHERE. Assim, a tabela elaborada possui os seguintes campos técnicos:

- Identificação da rua;
- Texto resumo;
- Street View;
- Coordenadas GPS.

Aquando a receção dos conteúdos, foi ainda nossa missão identificar as ruas que,

<sup>136</sup> #IWASHERE. Dia Regional do Engenheiro 2017. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/7YCewC>



com o avançar do tempo, viram o seu nome a ser alterado, assim como a verificação dos dados biográficos, contemplando se existia a informação necessária para colocar as ruas em questão no mapa. Posto isto, obtivemos o total de 39 locais, dos quais fazem parte avenidas, praças, travessas, vias, e, até, um bairro e um jardim (para uma total visualização da tabela com os referidos campos, consultar **apêndice VI**).

Concluída esta primeira fase de investigação e construção de uma tabela de conteúdos finais, partimos para o próximo passo: a construção dos roteiros referentes à Toponímia de Engenheiros. À semelhança do que havia ocorrido com a criação do mapa *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia* e até para o itinerário do Dia Regional do Engenheiro 2017, elaboramos dois roteiros: um na plataforma Google Maps e outro na aplicação #IWASHERE. Contudo, e tendo em conta que os objetivos principais desta múltipla colaboração é a troca de informação e, fundamentalmente, a entreaajuda interdisciplinar, foi ainda criado um mapa referente ao projeto idêntico que a OERN se encontrava a desenvolver: a plataforma #GPSEngenharia. Nesse sentido, foram então criados três roteiros versáteis que foram devidamente aplicados às três plataformas *online* que os albergam, locais digitais que, apesar de pertencerem a entidades distintas, caminham no mesmo sentido: uma conciliação dinâmica entre património, engenharia e tecnologia aplicável à cidade do Porto.

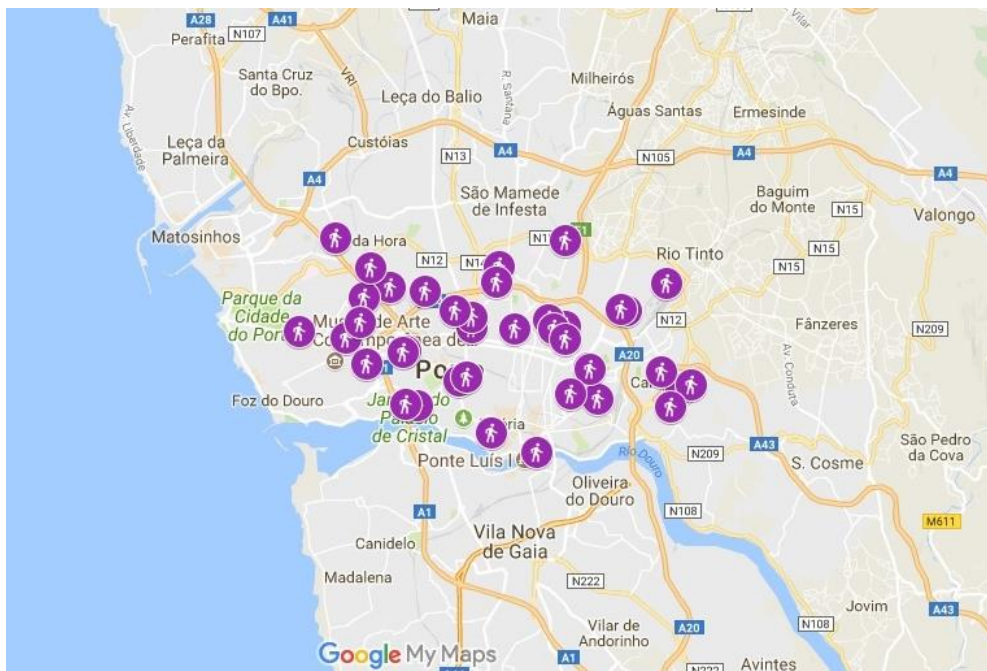


Figura 51- Toponímia de Engenheiros (Os Meus Mapas) <sup>137</sup>



## Toponímia de Engenheiros

Roteiro de ruas da Cidade do Porto que homenageiam Engenheiros Portugueses.

Figura 52-Toponímia de Engenheiros (#IWASHERE) <sup>138</sup>

<sup>137</sup> Francisca Vasconcelos. Toponímia de Engenheiros. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/vNuJwn>

<sup>138</sup> #IWASHERE. Toponímia de Engenheiros. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/ZGMgRa>



Figura 53- #GPSEngenharia <sup>139</sup>

**Legenda:** Toponímia de Engenheiros | Estabelecimentos de Ensino | Edifícios | Obras de Eng. Civil | Outras Construções | Zonas | Empresas | Centros de Investigação

Ainda que a nossa parceria se tenha focado apenas na construção de uma Toponímia de Engenheiros, a única área científica na qual poderíamos criar e editar conteúdos, a #GPSEngenharia trata-se de uma plataforma, conforme consta acima, que consagra inúmeras áreas que possuem engenharia em si e refletem para os mais variados setores. Assim, esta tratou-se de um dos principais lançamentos e atrações do Dia Regional do Engenheiro 2017, realizado no dia 17 de junho na Alfândega do Porto. Tratando-se de um projeto colaborativo, as equipas OpenLab apresentaram o resultado final no evento. Foi assim demonstrado que este contributo, fruto de uma troca de conhecimentos e experiências fornecidas por pessoas provenientes de áreas tão diferentes entre si, revela um cunho extremamente próprio e distinto que, por sua vez, prova que a cooperação interdisciplinar representa um fenómeno a apostar num futuro próximo, continuando esta que tem vindo a ser a pretensão do conceito OpenLab relativamente à

<sup>139</sup> Ordem dos Engenheiros Região Norte. #GPSEngenharia. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/7uy23G>

disseminação do potencial científico dos professores, investigadores e estudantes da Universidade do Porto e das crescentes preocupações com a autossustentabilidade.

## Considerações finais

Primeiramente, a nossa investigação possibilitou um entendimento mais amplo do contexto histórico em que se insere a Universidade do Porto. Não se tratava, de facto, de uma temática com diversidade de monografias e estudos atualizados, tendo-se obtido um resultado que permite ao leitor revisitar cronologicamente cada uma das instituições que antecedeu a fundação da U.Porto, explicitando as condicionantes que levaram a uma mudança e constante recriação das antigas instituições académicas. Atualmente, os estudantes e a sociedade veem a U.Porto como um estabelecimento de ensino de excelência. Contudo, para hoje ser possível vê-lo de acordo com o prestígio que lhe é devidamente atribuído, foi necessário que a Academia vivenciasse um percurso pautado por alguns entraves à sua estabilização. A sua história, ao assumir uma certa tendência para cair no esquecimento, necessitava de ser recontada, garantindo uma reaproximação da sociedade às raízes académicas portuenses. Tornou-se ainda fundamental efetuar uma comparação entre as instituições de ensino antigas e as atuais, verificando as respetivas evoluções e divergências relativamente ao património edificado, sob a pena de não nos ter sido possível alargar mais neste subcapítulo por questões relacionadas com a escassez de tempo.

Estando latente a importância da compreensão do conceito de Património para a nossa investigação, procuramos retratar o desenvolvimento da sua definição, isto é, analisando os motivos que levaram a que esta fosse tão difícil de sintetizar nos dias de hoje. Assim, e no que se refere às tipologias da classificação patrimonial, foi nosso intuito explorar o potencial do património universitário, tentando perceber porque motivos não se trata de um âmbito patrimonial com ampla difusão. Para combater este facto, estudamos e analisamos os critérios que podem conceder a uma universidade o estatuto de Património Mundial pela UNESCO, ressaltando que tem existido, nas últimas décadas, uma manifestação por parte das devidas entidades culturais e até mesmo das cinco Universidades Património Mundial em divulgar e expandir esta tipologia patrimonial, assim como os seus museus. Deste modo, esperamos que a nossa

investigação forneça alguns dos meios necessários para que se torne possível aprofundar ainda mais este tema, conferindo-lhe o devido reconhecimento.

No âmbito do conceito OpenLab, este Estágio Curricular revelou-se uma mais valia na medida em que representa o exemplo prático dos objetivos que, por intermédio do projeto Museu Digital da Universidade do Porto, pretende levar a cabo. Assim, através de uma colaboração entre estudantes de diferentes unidades orgânicas da U.Porto, estão-se a criar condições e exemplos de que é possível produzir conteúdos digitais que contribuam para a disseminação do património de forma sustentável, recorrendo à academia, à dinâmica e contínua (co)criação e (re)uso e permitindo estimular a partilha e contribuições externas que vão enriquecer os pontos de acesso e conteúdos existentes. Assim, ao conferir um dinamismo referente à reutilização e criação de meta-informação, não corremos o risco da plataforma se tornar obsoleta, tendo em conta a constante evolução dos equipamentos tecnológicos. Deste modo, demonstramos que o património da U.Porto pode, de facto, ser potencializado por meio digital. O projeto do MDUP, pretende atender ao hoje não esquecendo o médio e longo prazo que no meio digital colocam desafios de preservação acrescidos e com custos dificilmente comportáveis com uma constante e necessária atualização.

Através da realização deste Relatório de Estágio, é nossa pretensão trazer para a História da Arte o nosso contributo face à disseminação patrimonial por intermédio digital, assegurando um novo olhar no que concerne à importância de estabelecer e destacar a ligação entre o património universitário e a cidade do Porto. Tornando-se cada vez mais numa cidade turística, a *invicta* carece de registo e interpretação da sua memória toponímica de modo a que não perca a sua identidade relativamente às inevitáveis transformações das quais tem sido alvo. Sabendo que a comunicação e as novas tecnologias são imprescindíveis para que a sociedade conheça e tenha contacto com o Património, acreditamos que o nosso roteiro *Antecedentes da Universidade do Porto: Toponímia* possa representar um ponto de viragem no que se refere a esta temática. Enquanto ferramenta digital cujo intuito remete para a valorização e difusão do património universitário e respetivos museus, desejamos que este e os restantes

contributos para as plataformas *Google Maps: Os Meus Mapas* e #GPSEngenharia e para a aplicação #IWASHERE, não só se revelem elementos-chave para o progresso da construção do Museu Digital da Universidade do Porto, como também se demonstrem exemplos que possam ser perfeitamente adaptáveis a outras investigações científicas. Importa salientar que os projetos acima mencionados se encontram em aberto, sendo nosso objetivo a contínua introdução de conteúdos para que permaneçam em constante mutação.

## Bibliografia citada

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de. *Património: o seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Etnos.

ANACLETO, Regina. (1999). O edifício da Academia Real da Marinha e do Comércio do Porto : nótulas de investigação. In Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Ed.), *Carlos Alberto Ferreira de Almeida : in memoriam* (Vol. I, pp. 71-77). Porto. Disponível em: <https://goo.gl/gQjEVb>

AZEVEDO, Rafael Ávila. (1982). «O Porto na época moderna» Da Academia Real da Marinha do Comércio do Porto à Academia Politécnica do Porto *Revista de História IV*.

BASTO, Artur Magalhães de. (1937). *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto*. Porto: Universidade do Porto.

BLANES, Fátima de Llera. (2016). A preservar e a pensar o futuro do património. *In Situ*. Disponível em: <https://goo.gl/EaD2o1>

CHOAY, Françoise. (1999). *A Alegoria do Património* Lisboa: Edições 70.

CHOAY, Françoise. (2006). *Património e Mundialização*. Évora: Casa do Sul Editora

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1973). *Raça e História*. Lisboa: Editorial Presença.

DESVALLÉS, André. (2000). Emergence et cheminements du mot patrimoine. *Musées & Collections Publiques de France* (208). Paris.

DIREÇÃO GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL. *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*. Convenção de Faro, 17 de outubro de 2005. Disponível em: <https://goo.gl/tQ1SDX>

DUARTE, Eduardo Alves. (2000). *Carlos Amarante (1748-1815) e o Final do Classicismo. Um Arquiteto de Braga e do Porto*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). *A Universidade do Porto e a Cidade. Edifícios ao longo da história*. Porto: Universidade do Porto.



FERNANDES, Maria Eugénia Matos, & RIBEIRO, Fernanda. (2001). *A Universidade do Porto: Estudo orgânico-funcional (modelo de análise para fundamentar o conhecimento do Sistema de Informação Arquivo)*. Porto: Universidade do Porto. ICOMOS. *Princípios da Carta Internacional do Turismo Cultural*. Disponível em: <https://goo.gl/X5efNb>

LENIAUD, Jean-Michel. (1992). *L' Utopie Française. Éssai sur le Patrimoine*. Paris.

LOURENÇO, Marta C., & WILSON, Lydia. (2013). Scientific heritage: Reflections on its nature and new approaches to preservation, study and access. *Studies in History and Philosophy of Science* (44).

MARCUZZI, Max. (1998). *Les Corps Artificiels*. Paris: Aubier.

PINTO, Helder. (2011). *A Academia Real da Marinha e Comércio da Cidade do Porto (1803-1837)*. Revista Brasileira da História da Matemática II, 13-43. Disponível em: <https://goo.gl/jN3n2d>

PINTO, Hélder. (2012). *A Matemática na Academia Politécnica do Porto*. (Doutoramento em História e Filosofia das Ciências), Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://goo.gl/kisw5z>

PINTO, Maria Manuela (2015). *A gestão da informação nas universidades públicas portuguesas : reequacionamento e proposta de modelo*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras; Universidade de Aveiro. Departamento de Comunicação e Artes. Tese de Doutoramento.

PINTO, Maria Manuela, MEDINA, Susana, MATOS, Rodolfo, & FONTES, Paulo. (2016). *U.OPENLab methodology: A Conceptual Model and Flowchart for the Dynamic Co-Production and (Re)use of Digital Contents*. Paper presented at the ICERI2016 Conference 14th-16th, Seville, Spain.

RIEGL, Alois. (1903). *O Culto Moderno dos Monumentos: a sua essência e a sua origem* Brasil: Perspectiva.

ROLLAND, Romain. (1915). *Au-dessus de la mêlée*. *Journal de Genève*. Paris: Paul Ollendorff

SANTOS, Cândido dos. (2006). O Porto e a instrução pública: a Academia Real da Marinha e Comércio (1803-1837). In Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Ed.), *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Marques* (Vol. I, pp. 415-427). Porto.

SANTOS, Cândido dos. (1996). *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição*. Porto: Universidade do Porto.

SIGARRA FLUP. *CIC.Digital Porto*. Disponível em: <https://goo.gl/sP23tD>

SIGARRA U.Porto. *Antecedentes da Universidade do Porto*. Disponível em: <https://goo.gl/hi58Qx>

SIGARRA U. Porto. *Docentes e Estudantes da Academia Politécnica do Porto*. Disponível em: <https://goo.gl/STMsde>

SIGARRA U. Porto. *Docentes e Estudantes da Academia Portuense de Belas Artes, Escola de Belas Artes do Porto e Escola Superior de Belas Artes do Porto*. Disponível em: <https://goo.gl/dVLbLz>

SIGARRA U.Porto. *Docentes e Estudantes da Real Escola de Cirurgia e da Escola Médico-Cirúrgica do Porto*. Disponível em: <https://goo.gl/e5Avsc>

SILVA, Francisco Ribeiro da. (2011). *Os Reitores da Universidade do Porto: 1911-2011*. Porto.

TORGAL, Luís Reis. (1993). *A Instrução Pública. História de Portugal, o Liberalismo* (Vol.V). Lisboa: Círculo de Leitores.

UNESCO. *Central University City Campus of the Universidad Nacional Autónoma de México*. Disponível em: <https://goo.gl/Y5MHKJ>

UNESCO. *Ciudad Universitaria de Caracas*. Disponível em: <https://goo.gl/jSpSe>

UNESCO. *Criteria for selection to the World Heritage List*. Disponível em: <https://goo.gl/VPPm2>

UNESCO. *Monticello and the University of Virginia in Charlottesville*. Disponível em: <https://goo.gl/xpCKUI>

UNESCO, Simposio Internacional: Universidades declaradas Património Mundial por la. (2013). *Declaración de Alcalá sobre la protección, conservación y difusión del patrimonio universitario*. Alcalá de Henares. España: Universidad Alcalá de Henares (UAH).

UNESCO. *Universidade de Coimbra- Alta e Sofia*. Disponível em: <https://goo.gl/nXqLuW>

UNESCO. *University and Historic Precinct of Alcalá de Henares*. Disponível em: <https://goo.gl/HfWq8P>

XAVIER, João Pedro, SILVA, Avelino Sardo, AFONSO, Susana, & TEIXEIRA, António José. (1994). *O Edifício da Faculdade de Ciências: evolução de um projecto*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

## **Recursos online**

CIC.Digital. [consultado em set 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/XaTHgh>

Direção Geral do Património Cultural. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/rqR37f>

Google Maps. [consultado em mai 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/YrYFA>

Google Maps. *Os Meus Mapas*. [consultado em mai 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/axiMsY>

#GPSEngenharia. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/p1YqYo>

ICOMOS. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/rbgLHY>

#IWASHERE. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/j9Ycz6>

SIGARRA U.Porto. [consultado em jun 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/rT6Tkc>

UNESCO. [consultado em ago 2017]. Disponível em: <https://goo.gl/thD46W>